

Revista da Semana

ANO XLII -- Nº. 30 -- 26 DE JULHO DE 1941
1\$500 EM TODO O BRASIL



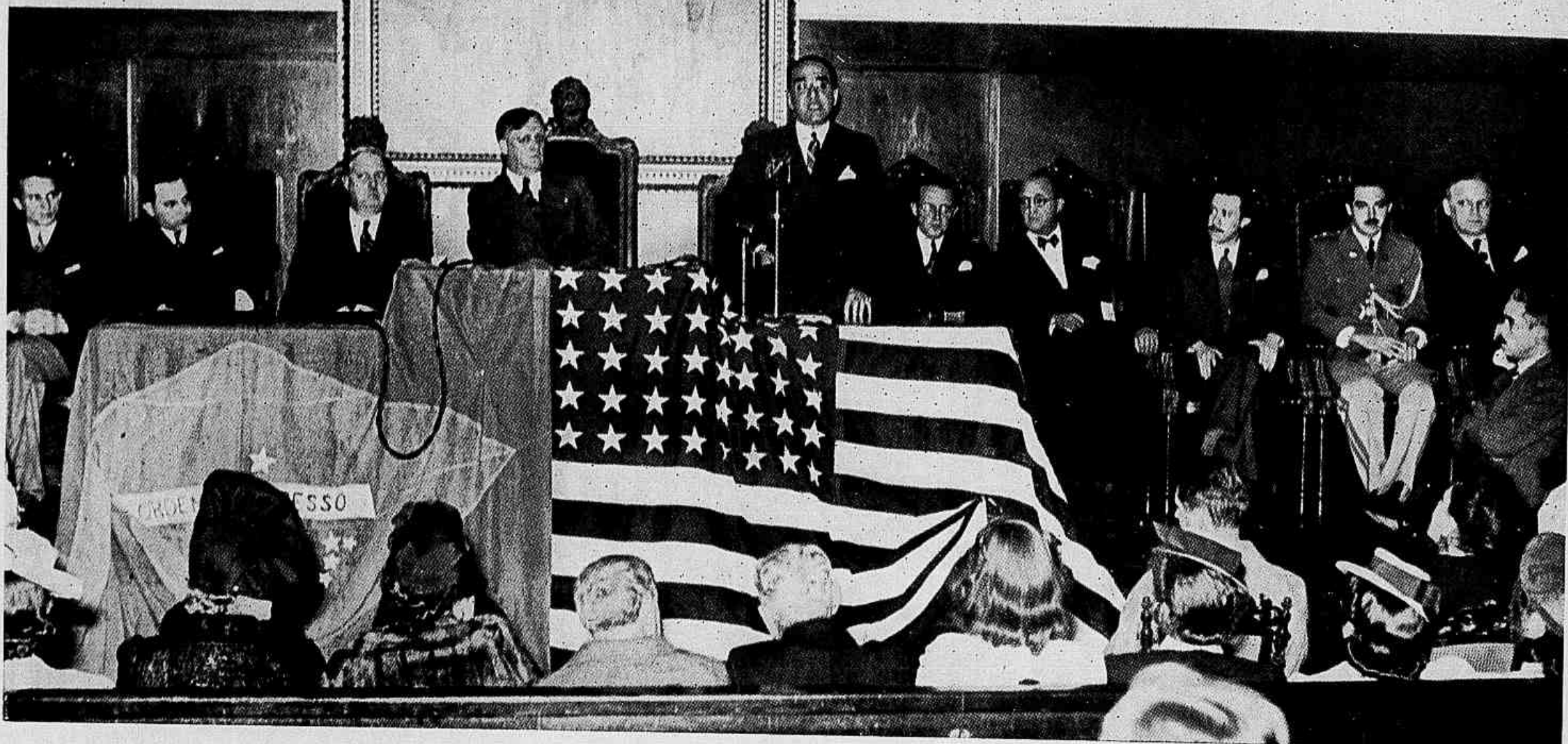
1671 Igreja de Humaitá

IGREJA DE HUMAITÁ

Guache de C. A. FORMENTI.

DE

S. PAULO



UNIÃO CULTURAL BRASIL — E. UNIDOS. Promovida pela União Cultural Brasil — Estados Unidos, teve lugar na capital paulista, no salão João Mendes Junior, da Faculdade de Direito, uma solenidade que decorreu com brilhantismo. Perante assistência numerosa e seleta, Pacheco e Silva, Jorge Americano e Casper Libero dissertaram sobre a Vida Intelectual nos Estados Unidos. Todos os conferencistas receberam calorosos aplausos.



SOCIEDADE DE MEDICINA. Os professores Pedro Barcia, do Uruguay, e João Marinho, do Rio de Janeiro, pronunciaram, na Sociedade de Medicina e Cirurgia, conferencias sobre assuntos de suas respectivas especialidades, tendo sido bastante aplaudidos.

MONUMENTO A CAXIAS. Prossegue sem desfalecimento a campanha em prol do monumento ao Duque de Caxias. Ainda ha pouco, o Estado Maior do Batalhão do Ginásio S. Bento, de S. Paulo, esteve no Quartel General da II Região entregando ao general Mauricio Cardoso valiosa contribuição.

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —





**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V. S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

★

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succedora de
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protectores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".
Experimente-o.

SOB O SIGNO DE MARTE

Minha senhora :

A carta que V. Ex. me enviou ainda está manchada de lágrimas. A eloquência das lágrimas dispensa os recursos normais da estilística. Chorar é a maneira mais bela de dizer. V. Ex. tem um filhinho que ainda vai fazer dois anos. Nasceu com a Guerra — e o signo de Marte presidiu ao seu berço côr de rosa... No dia do seu nascimento já havia crianças mortas, na Polônia... E V. Ex. pergunta que será desse filho que vem ao Mundo quando o Mundo se empapa de sangue e se embebe de lágrimas...

E' essa, minha Senhora, a pergunta de todas as mães cristãs que há na face da Terra. O futuro é um monstro — para quem tem filhos. O Universo abraça-se e as mães tremem. Elas nada entendem de fronteiras, nem de tratados. Que é Austerlitz para quem tem um filho de dois anos, que mal sabe o nome das coisas? A Glória junto a um berço é tão inútil como uma flor sobre um túmulo... A maternidade é a alma da Vida e a Guerra é a filha predileta da Morte. Quantas noites de insônia exige a criação de uma vida humana! Quanta inquietação, quanto susto, quanto pranto a correr por sobre faces abrasadas de febre! E uma simples batalha devora milhares e milhares de homens — que são filhos, ou têm filhos que por eles esperam... O nascimento é uma dor — a primeira de uma série de dores, que não acabam sequer com a morte, pois que as mães, do Infinito, velam, pela vida dos filhos que estão na Terra...

O filho — ainda o que já é pai — é sempre uma criança. Cabe dentro do nosso abraço e não pesa nada de encontro ao nosso peito. A mãe mais velhinha é capaz de carregar nos braços trêmulos o filho adulto. A sua força não está nos músculos: está no coração. O filho é, sempre, um petiz de poucos anos, que ri para tudo e estende os braços para a Vida, numa ansia insofrida de viver... Pensamos no nosso próprio fim — mas, para eles, imaginamos sempre uma Eternidade especial e imutável... Esperamos tudo dos homens — maldades, traições, covardias, misérias, injustiças — mas nunca admitimos a hipótese de que o nosso filho seja mau como os homens...

Se há homens ruins, é por que há mães que não sabem fazê-los bons... O mundo é moldado no seio materno — que traz consigo o segredo da Criação universal. O seio das mães é o «Gênesis» em dois capítulos... A Fatalidade é uma razão estúpida para os que não sabem vencer — visto que Deus não pode ter criado monstros... Ter filhos é a única maneira, que possuímos, de nos integrarmos na Humanidade. O celibato é uma forma violenta de egoísmo — e uma renúncia ao direito de ser humano... A paternidade é um dever para com a Espécie e o sacrifício solene do Indivíduo. Por isso, os pais são os mais fortes e os mais tímidos homens do Universo. Napoleão venceu 60 batalhas antes de ter sentido, nos braços, o Rei de Roma... A paternidade humanizou-o... perdeu-o. Deixou de ser o herói frio das batalhas para ser o pai inquieto de uma criança linda... No docel da cama em que nasceu o Rei de Roma estava escrita a página fatídica de Waterloo...

V. Ex. bem conhece as angústias e os terrores que vivem no coração de quem tem filho. O vento que sussurra lá fora, o cão que ladra a deshoras, uma porta que bate de súbito — avultam como catástrofes que podem pôr em perigo a vida do nosso filhinho. Os minutos valem séculos quando um deles adoecer; a escala do termômetro parece alongar-se, como a "escada" de Jacob, até ao Infinito... Uma picada de inseto basta provocar a vinda de austeros doutores, de óculos eruditos e sobrelenho carregado... Um espirito faz toda a família perder a cabeça... A comoção de Newton ao formular a lei da atração universal; a de Anibal, ao transpor os Alpes; a de Pasteur

ao comprovar a eficácia do soro anti-rábico — são sentimentos grosseiros comparados ao de uma mãe que vê passar a febre perigosa que ameaçava arrebatá-lo o filho!

♦ ♦ ♦

Entretanto, um dia, talvez ele se encontre num campo de batalha, onde terá apenas um número, como os túmulos anônimos dos cemitérios... Ele chapinhará na lama e no sangue. Por cima, uma cúpula de fogo e ferro; adiante e atrás, ferro e fogo. Ao seu lado, estoiram bombas e granadas de vária espécie; monstros de aço avançam, como uma maldição bíblica, para esmagá-lo como a um inseto vil... Só a terra é a sua amiga e aliada. Abraça-se com ela, como se fosse a sua mãe que abraçasse. Ela é a imagem do túmulo, frio e inerte, onde tudo acaba — mas é, também, a única esperança de vida, a única hipótese de salvação. Troa a artilharia, roncam os aviões, crepitam as metralhadoras, corre nos ares o cheiro mortífero dos gases químicos... A Morte aparece sob várias formas: sólida, líquida, aérea, gasosa, microbiológica, psicológica... que sei eu? Não se ouve, sequer, o gemer dos moribundos. No fragor e estrupido das máquinas, a dor humana é um debil sopro que se perde no ar se dilue como o hálito de uma rosa esmagada pela pata de um elefante...

A última lágrima dos moribundos logo se mistura na lama e no sangue da carnificina. Sob o fragor dos tanks e dos carros motorizados, nem os cadáveres logram conservar a integridade óssea que a própria Morte respeita. Tudo se transforma numa pasta sem nome, que é a síntese lamacenta da miséria e da fragilidade humanas...

Não reparou V. Ex. em que, nas batalhas de hoje, há quase tantos mortos quantos desaparecidos?

Os desaparecidos são os que a Morte mecânica não permitiu identificar... Formam a vala comum das batalhas. Nem a Pátria lhes pode agradecer o sacrifício, porque ninguém sabe se, de feito, morreram pela Pátria...

As batalhas de hoje não são arrancos de almas: são choques de máquinas. Não vence o mais bravo: vence o mais bem armado. Já não há heroísmos: há marcas de fábrica. Já não há idealismos: há ligas de aço e velocidades de avião.

O Homem criou a máquina para ajudá-lo a viver e ela está a destruí-lo implacavelmente. Como as rãs que suplicavam um deus a Júpiter, o deus veio mas afogou em [sangue a estupidez imensurável dos batráquios...

♦ ♦ ♦

Dentro desse inferno de sangue e fogo, que será do seu filho, minha Senhora, que ensaiava os passos, ainda há pouco, entre o susto mercenário da ama e o sorriso beatífico da avósinha? Que será daquelas mãos côr de rosa — que pareciam feitas para traçar paginas harmoniosas no grande livro da Sabedoria universal, ou para esculpir estátuas, como Pigmalião prodigioso e eterno?

Que será de todas as crianças do Mundo, que agora ensaiam as primeiras sílabas e não saberão, tão cedo, pronunciar esta palavra áspera e gutural — GUERRA — que todas as mães detestam?

E' isso o que me pergunta V. Ex. na sua carta, que as lágrimas sublinharam de maneira tão eloquente e definitiva... E é isso o que pergunto a Deus, porque também tenho um filho que ainda não acha graça em brincar com os soldadinhos de chumbo que uma boa e nobre senhora lhe deu, no dia em que completou o seu décimo quinto mês...

Beija-lhe as mãos, como devoto e servidor, o

BERITO LERES



O LADRÃO

CONTO DE
ALBERT-JEAN

O desconhecido surgiu de repente a meu lado, na charneca à beiramar, quando eu acabava de passar pela cabana onde os guardas alfandegários se abrigam durante as tempestades.

Chegou-se a mim, pediu-me fogo para o cigarro. Quando eu lhe ia passar a caixa de fósforos que nunca deixo de trazer comigo nessas andadas pela costa, o homem fitou os olhos nos meus. Senti então cá dentro, nos miolos, uma espécie de choque; e ao mesmo tempo uma sombra esverdeada me toldava a vista...

Quando voltei a mim, estava deitado no mato rasteiro, com os ombros mais altos, apoiados num pedregulho saliente. A caixa entreaberta deixara escapar os fósforos que se espalhavam aos meus pés. Começava a chover. Os mastros esbranquiçados do semáforo erguiam-se, como um esqueleto de navio contra o céu cor-de-rosa. Barcos à vela deixavam a enseada, aproveitando a vasante. Senti-me estranhamente só e possuído duma opressão intraduzível. Respirava a custo, como si o ar se houvesse tornado repentinamente espesso e rebelde. Era no peito, cá dentro, que eu sofria o peso daquela solidão.

Comecei a andar por ali fora, a passos hesitantes mas que pouco a pouco se foram tornando mais enérgicos, mais firmes. A fisionomia do desconhecido não me saía de diante dos olhos. Dava-me a sensação dum mistério que, desde aquela hora, houvesse de andar comigo, de me perseguir pela existência adiante, como uma condenação...

Onde estaria ele agora? Com quem? Fazendo o que? E por que me abandonara, desmaiado, naquele deserto? Instintivamente apalpei a carteira no bolso de dentro... Mas tive vergonha de tal ímpeto, tal suspeita. E retomei o meu caminho, marchando ainda um pouco em zigue-zague.

Cheguei logo depois diante duma casa baixa, cor-de-cinza, toda fechada e que ficava à margem do carreiro, um tanto oculta por uma fila de tamarindos. Sabia que era a habitação dum capitão de fragata reformado que passava o inverno em Paris, com suas duas filhas.

No crepúsculo de janeiro, um silêncio de morte envolvia aquela habitação. Movido por estranho impulso, aproximei-me, examinei a porta da casa, as janelas baixas. Numa destas havia um vidro quebrado, uma persiana rebentada, talvez pelo furacão. Retirei os fragmentos do vidro; consegui passar a mão para o lado de dentro; fiz rodar a maçaneta do fecho vertical... Que força, que influência me obrigava a tudo aquilo? Não o explicava a mim mesmo. Nem agora o poderia explicar. Naquele momento não me pertencia a mim próprio. Obedecia a uma lei irresistível. Não podia deixar de fazer aquilo. E entrei na casa, como um ladrão.

Depois de haver atravessado o quarto cuja janela arrombara, passei por um vestíbulo sombrio, subi uma escada estreita que me conduziu ao pavimento superior da habitação. Chegado ao patamar tomei à direita, passei ao lado de duas portas e fui abrir, sem hesitar, a terceira.

Achei-me então num quarto azul e cor-de-cinza, mobilado por um leito diretório, um contador, um toucador e duas cadeiras de espaldar em forma de lira.

Por alguns momentos os meus olhos inspecionaram as estatuetas dispostas no lambri e as flores "naturalizadas" que enfeitavam vasos de barro. Sem saber porque e, a rigor, contra a minha vontade, procurava

alguma coisa. E a ansiedade dessa busca ressecava-me a garganta e fazia-me bater o sangue nas têmporas.

De repente, experimentei um grande alívio, como que uma libertação. Avistara, num *passepourtout* de tartaruga clara, a fotografia duma moça de rosto docemente oval, com uma trança farta em volta da cabeça. Trabalhava um vestuário de *tennis*, listrado; e a sua mão pequenina segurava o cabo duma *raquette*.

Sem hesitar, tirei o retrato da moldura e guardei-o na carteira, bem contra o peito. E então, só então, a impressão de solidão, que tanto me afligira na charneca, inteiramente se dissipou.

Costumava eu passar os serões com um velho casal que morava numa das últimas casas da povoação, na estrada do farol, e cujo retratamento se harmonizava com o meu.

Naquela noite, folheando um desses albums encadernados em pelúcia escarlate e nos quais se reúnem, na província, as fotografias de família, não pude conter uma exclamação de surpresa.

— Que foi? perguntou-me o dono da casa.

Os meus olhos tinham reconhecido o homem que, algumas horas antes, me pedira fogo na charneca. Com a face repentinamente ensombrada de tristeza, o dono da casa disse:

— É o retrato de meu sobrinho Roberto. Um rapaz encantador, de futuro brilhante, que morreu afogado há dois anos, junto ao rochedo de Squével...

Mau grado meu, levei a mão à fotografia furtada, cuja borda de cartão saía um tanto da carteira.

— História bem triste, essa... continuou o meu velho amigo. — O pobre rapaz desapareceu, justamente quando se mostrava satisfeito, feliz como nunca. Estava noivo da filha mais velha do comandante Letourneur. Não sabe? O dono da casa cinzenta, à beira do caminho, perto do semáforo...

A DÔR NÃO
MAIS O DOMINA!

CLARO! TOMEI
CAFIASPIRINA!



• Para a forte dor de cabeça que se sente depois de tomar bebidas alcoólicas, a Cafiaspirina é providencial, porque não só allivia rapidamente a dor, como restabelece o bem estar e reanima o organismo. Cafiaspirina é um producto Bayer e... «se é Bayer é bom».

• Seja precavido: tenha sempre á mão Cafiaspirina.



CAFIASPIRINA

O REMEDIO DE CONFIANÇA
contra DORES E RESFRIADOS

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paul, em 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA
EDITORIA
AMERICANA

Diretor: GRATULIANO BRITO ASSINATURAS

BRASIL E AS 3 AMERICAS:

Um ano 63\$000
6 meses 32\$000

REGISTRADA:

Um ano 80\$200
6 meses 40\$000

ESTRANGEIRO REGISTRADA:

Um ano 170\$000
6 meses 90\$000

AVULSO 1\$500

ATRAZADO 2\$000

R. VISC. DE MARANGUAPE, 15

TELEFONES:

DIREÇÃO 22-2622
GERÊNCIA 22-2550

SECRETARIA 22-4447
REDAÇÃO E PUBLICIDADE 22-9570
FOTOGRAFO 22-1013
PORTARIA 22-5602

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

"REVISTA" — RIO DE JANEIRO
SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Edifício Martinelli — 10.º andar —

Sala G — Telefone: 3-3885.

End. Telegráfico: "REVISTA"

Tem agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil.

REPRESENTANTES:

Nos Estados Unidos da América do Norte — S. S. Koppe & Cia. — Times Bldg. New York City.

Em Portugal — Agência Geral de Publicações — Rua do Arsenal 84 Lisboa.

Na Africa Oriental Portuguesa — D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques.

No Uruguai — Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados.

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

Temas da atualidade política-jurídica brasileira

Ouvindo o advogado M. Cavalcanti de Carvalho



O dr. Cavalcanti de Carvalho, em seu escritório no "Edifício Candelaria" quando redigia as respostas ao nosso questionário.

A nossa legislação social, de certo tempo para cá, vem alimentando uma série de estudos interessantíssimos e revelando às letras jurídicas pátrias nomes novos e inteligências moças, mas que valem por uma bela afirmação de cultura e pujança espiritual.

Entre esses valores da nossa moderna geração intelectual, destaca-se, pela sua sólida formação cultural e surpreendente capacidade de trabalho, o dr. M. Cavalcanti de Carvalho, advogado no fôro desta capital e reputado publicista.

Agora mesmo, o ilustrado causidico vem de dar a lume mais uma importante e alentada obra jurídica, a que deu o nome de DIREITO SINDICAL E CORPORATIVO, contribuindo mais uma vez com as luzes do seu conhecimento à solução de relevantes questões dessa moderna disciplina jurídica.

Abrindo o referido compendio, em nota explicativa, o editor sr. A. Coelho Branco Filho esclarece que o lançamento da presente edição foi motivado pelo sucesso, sem precedentes, alcançado pelo livro anterior do dr. M. Cavalcanti de Carvalho — DIREITO, JUSTIÇA E PROCESSO DO TRABALHO, o qual registrou verdadeiro record de vendas no balcão da livraria de sua casa editora.

Mas o sr. M. Cavalcanti de Carvalho não é apenas jurista e cultor entusiasta do nosso direito do trabalho: s. s. é também jornalista e homem de letras, dono de um estilo agil e elegante.

Ao seu espírito lúcido e inquieto interessam ainda assuntos de literatura, arte, sociologia e política social. Assim, na sua já volumosa bagagem intelectual, ao lado dos livros e monografias jurídicas, enfileiram-se igualmente trabalhos puramente literários, divagações filosóficas, pesquisas sociológicas, impressões de viagem, contos, etc. Entre as contribuições de ordem sociológica, é de justiça salientar-se o seu curioso estudo sobre o Aleijadinho de Vila Rica, no qual, sem fugir ao tema principal, isto é além da apreciação do homem e de sua obra, o autor faz uma demorada indagação da época e do meio social em que viveu e trabalhou o genial artista mineiro. Esse estudo, que se salienta mais pelo seu fundo sociológico do que propriamente como biografia, é precedido de uma introdução sobre o que o autor denomina "Mulataria criadora", na qual são passadas em revista varias figuras de mulatos celebres do Brasil de antanho.

Mas deixemos o literato e nos ocupemos do jurista, do comentador e sistematizador das nossas leis sociais, já que sobre essa disciplina jurídica versam os últimos trabalhos do dr. M. Cavalcanti de Carvalho.

E o que vamos fazer, trasladando para as páginas da REVISTA DA SEMANA um interessante comentário a varios temas de sindicalismo e corporativismo e assuntos outros relacionados com o momento político-jurídico brasileiro, em resposta ao questionário que tivemos o ensejo de formular.

O dr. Cavalcanti de Carvalho tem escritórios no segundo pavimento do Edifício Candelaria, à rua S. José, 85. Inteirado do nosso proposito de ouvir sua palavra sobre matéria e questões referentes à disciplina de sua especialidade, s. s. se prontificou cordialmente a atender-nos, pondo-se logo à nossa disposição.

Justificação do titulo — "DIREITO SINDICAL E CORPORATIVO"

Inicialmente, perguntámos:

— Como justifica o titulo do seu novo livro? Já é possível admitir-se a existencia entre nós de tal disciplina?

Respondeu-nos o dr. Cavalcanti de Carvalho, sem demora:

— Sua pergunta pode ser condensada no seguinte quesito: Existe um Direito Sindical brasileiro? Existe um Direito Corporativo brasileiro? Ou tudo isso não passa de mera criação (terminologia simbólica) do autor?

A primeira vista, o titulo pode parecer ousado, senão pretencioso.

Nós latinos, filiados à cultura jurídica romana, estamos acostumados à velha divisão do direito, isto é à tradicional classificação da arvore jurídica nos seus ramos classicos fundamentais: Direito Publico e Privado. Direito Constitucional, Administrativo, Penal, Judiciario, Civil, Comercial, etc.

Depois surgiram o Direito Industrial e a Legislação do Trabalho, e muita gente boa insiste ainda em negar autonomia científica e didática a essa última disciplina, preferindo tratá-la como um capítulo do primeiro sub-ramo. Que não dizer, então, do Direito Sindical?

Mas a verdade é que a nossa legislação social-trabalhista se desenvolveu de tal maneira, desdobrando-se, ramificando-se, que, para uma melhor compreensão dos seus diferentes institutos e preceitos, e uma sistematização científica de suas normas, necessario se faz proceder a um trabalho de diferenciação e reordenação, destacando-se os sub-ramos e dando-se a cada um o seu lugar especifico no conjunto da legislação. A especialização se impõe como verdadeiro imperativo, não sendo possível tratar toda a legislação social como um grupo uniforme de leis. Ha leis que regulam as relações de trabalho, de fundo puramente privado, outras já se ocupam da proteção e da assistência ao trabalhador (risco profissional, seguro social, etc.), de natureza publicistica. Um terceiro grupo ainda, vai mais longe e já quer reunir os trabalhadores e os elementos detentores do capital em associações profissionais, sindicatos e corporações.

Não é possível conferir a tão heterogeneo conjunto de leis, visando tão diversas finalidades, o mesmo tratamento, encarando-o sob a mesmíssima denominação. Não se trata, pois, de questão de simples terminologia, ao sabor da eleição de uns e de outros. O nosso Direito Sindical já tem fincado os seus marcos e a sua existencia se compadece perfeitamente com o indole do regime politico que acabamos de adotar.

Futuramente, com a criação do Conselho Nacional da Economia, a instituição das corporações, a reforma da lei das convenções coletivas e outras novidades, surgirá o nosso Direito Corporativo, que compreenderá então o proprio Direito Sindical. A reforma do nosso ordenamento juridico deverá ser incorporada, também, a nossa Justiça do Trabalho, já em pleno funcionamento.

O SINDICALISMO BRASILEIRO

Sobre o movimento sindical brasileiro, assim se manifestou o dr. Cavalcanti de Carvalho:

— "A organização sindical brasileira sofreu uma grande modificação em sua estrutura com a reforma de 39, inspirada aliás pela nova Constituição Federal.

Os sindicatos, que eram simples pessoas de direito privado, passaram a ser entidades de direito publico, com funções especiais e uma larga serie de importantissimos poderes juridicos. Assim, deixaram de ser órgãos diretores e orientadores da luta de classes, para serem situados noutro plano, ou seja num plano construtivo, como organismos não apenas de defesa da profissão representada, mas de colaboração com o poder publico.

Ao sindicato **CONTRA** o Estado, revolucionario, internacionalista, anti-nacionalista, moldado no padrão marxista, sucedeu no novo regime politico brasileiro o sindicato **NO** Estado, integrado no Estado, não mais colidindo os fins da instituição sindical com as finalidades estatais."

A CONCEPÇÃO CORPORATIVA

— E, já que o senhor falou em corporações, será uma realidade o corporativismo brasileiro?

— O corporativismo a que o senhor se refere, ou seja a corporação como órgão do poder publico, tem também seu lugar adequado no atual regime brasileiro.

O legislador constituinte de 37 não foi extranho ao fenomeno: percebeu-o claramente. E apreendeu-o, aceitando sabiamente a formula da organização da economia da produção em corporações representativas das forças do trabalho nacional.

Ao Conselho da Economia Nacional competirá a magna tarefa de promover a criação e ordenar as funções dos entes corporativos."

CARATER DO ESTADO NOVO BRASILEIRO

— Então — aventurámos — o Brasil passará a ser um Estado Corporativo?

O dr. Cavalcanti de Carvalho não demora a responder-nos:

— A explicação doutrinar do novo sistema politico nacional já foi feita pelos doutos, isto é por elementos exponenciais que estavam e estão autorizados a fazê-lo.

A Constituição de 10 de Novembro revela, de fato, tendencias corporativistas e desse assunto tratei amplamente no meu livro. Mas tais tendencias não autorizam a sentença de que o Estado Novo é um Estado puramente Corporativo, cortado e desenhado à vista do figurino italiano ou do português. Outros principios, como aquele do Estado reitor e orientador da economia brasileira, informam, além do principio corporativo, o sistema do novo Estatuto fundamental.

O regime politico vigente no país é fruto de uma nova concepção politica e, como tal, se sustenta, não da consulta indireta ao povo, que não sabe o que quer nem como exprimir suas necessidades, mas da consulta imediata aos organismos sindicais e às associações produtoras, como muito bem disse o presidente Getulio Vargas na sua memoravel entrevista aos jornalistas argentinos."

Dos 17 aos 45... cada mulher
recebe 40.880 beijos



Sempre recebem mais beijos as
que usam BATON COLGATE...



É natural! São sempre mais beijeáveis os labios que o Baton Colgate torna maravilhosamente expressivos, cheios de vida e encantos! O Baton Colgate dá uma magica apparencia de mocidade... e irresistivel sedução! Sabe por que? Porque o Baton Colgate é feito de Karanuva, o sensacional emolliente embelezador dos labios!



Torne os seus labios beijeáveis... dê-lhes uma cor viva e attrahente, com Baton Colgate. Procure-o hoje... e não deixe de experimentar a nova e sensacional cor que está em moda: Vermelho Amazonas, de Baton Colgate.



IMPORTANTE! Assim como um grão de arroz cresce na água, as suas partículas dilatam-se também com a humidade da pelle, provocando a dilatação dos poros. O novo pó para rosto COLGATE finissimo e delicadamente perfumado, não contém uma só particula de arroz.

Grande
\$3\$500
Medio
2\$500

**BATON
COLGATE**

FIGURAS E FATOS

«PARÁ ILUSTRADO»

Temos sobre a mesa um exemplar de *Pará Ilustrado* (n. 79) comemorativo de seu IV aniversário. São sessenta e duas páginas repletas de textos interessantes, modernamente ilustrados.

O serviço de gravuras representa um atestado que depõe em favor do progresso técnico das oficinas de *Pará Ilustrado*, e sua apresentação diz muito bem da capacidade realizadora de Edgar Proença, brilhante jornalista paraense, cujo nome já ultrapassou as fronteiras do Pará e repercutiu em todos os centros culturais do país.

Transpondo a 4.ª etapa de sua existência, com edição tão cheia de vida, *Pará Ilustrado* assegurou definitivamente seu lugar entre as publicações nacionais. Porque, no número em apreço, tudo revela uma orientação capaz, servida de recursos materiais cuja coordenação há de ter exigido esforços ingentes.

E o povo paraense, de certo, não deixará de sentir justa vaidade com as conquistas de *Pará Ilustrado* — espelho fiel da cultura e dos recursos materiais da terra.



ESTUDANTES PAULISTAS NO RIO

Estudantes paulistas estiveram na Capital Federal em visita a estabelecimentos de ensino. Estiveram no Palácio do Catete onde foram recebidos pelo sr. Presidente da República.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio. Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

CAIXA ECONOMICA FEDERAL A passagem do 2.º aniversário da administração do dr. Carlos Coimbra da Luz na presidência da Caixa Economica foi motivo para que s. ex. recebesse, como recebeu, do Distrito Federal e dos Estados expressivas demonstrações de apreço e confiança à sua brilhante administração.

O SINDICATO DO COMÉRCIO ATACADISTA DE TECIDOS, VESTUÁRIOS E ARMARINHO,

do Rio de Janeiro, cooperou eficientemente nos socorros às vítimas das enchentes do Rio Grande do Sul. O flagrante acima mostra o presidente da Comissão Executiva do Sindicato, senhor Ennio Rego Jardim, rodeado pelos demais membros dessa Comissão, senhores Francisco Miranda e José Domingues Pacheco Vieira, e do Secretário Geral do Sindicato, Dr. Alcebiades Antongine, fazendo entrega aos gerentes do Banco da Província do Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, senhores Mario Petrucci e Lourival Araujo, de um cheque de Rs. 35:000\$000, que foi pelos cuidados do senhor Heitor do Amaral Ribeiro, presidente do citado Banco em Porto Alegre, encaminhado ao Interventor do Estado, coronel Oswaldo Cordeiro de Faria. Tal soma foi obtida por subscrição entre os associados do Sindicato.

(Continúa na pág. 10)



D O S E S T A D O S



**-SE O SEU
MEDICO LHES
SERVISSE AS
REFEIÇÕES-**



**-DARIA SEMPRE A'
SOBREMESA UMA COLHER DE
EMULSÃO
DE SCOTT**

BAHIA Aspecto da recepção oferecida pelo professor Cesário de Andrade aos universitários cariocas em retribuição das homenagens por estes prestadas à Embaixada Cesário de Andrade da Faculdade de Medicina da Bahia.



ESTADO DO RIO Este flagrante foi aprontado para a "Revista da Semana", na estação da Leopoldina em Campos pouco antes da partida de Tito Schipa para Vitoria, depois de realizar um concerto na terra campista. Em companhia de Tito estão o pianista dr. Alceu Bochino, sr. Bernardino Gonçalves, e cantora Lourdes Perlingueiro Gonçalves e Nilze Perlingueiro Gonçalves.

ESTADO DO RIO O sr. Amaral Peixoto, interventor federal no Rio de Janeiro, viajando há pouco para Campos, passou por Cabo Frio onde recebeu uma homenagem na residência do sr. Mario Sales. Desta homenagem é a presente gravura.



LORD HALIFAX...

TRAÇO DE UNIÃO ENTRE DOIS HEMISFÉRIOS.

O HOMEM QUE DIRIGE O DESTINO DA INGLATERRA NA AMÉRICA

PARA duas casas, bem distantes, sem dúvida, estão voltados os olhos do Império Britânico: o número 10 da rua Downing, em Londres, e o número 3.100 da avenida Massachusetts, em Washington. Na primeira trabalha o ministro Winston Churchill, na segunda o visconde de Halifax cumpre a mais importante missão que Sua Majestade já confiou a um cidadão britânico fora do Império.

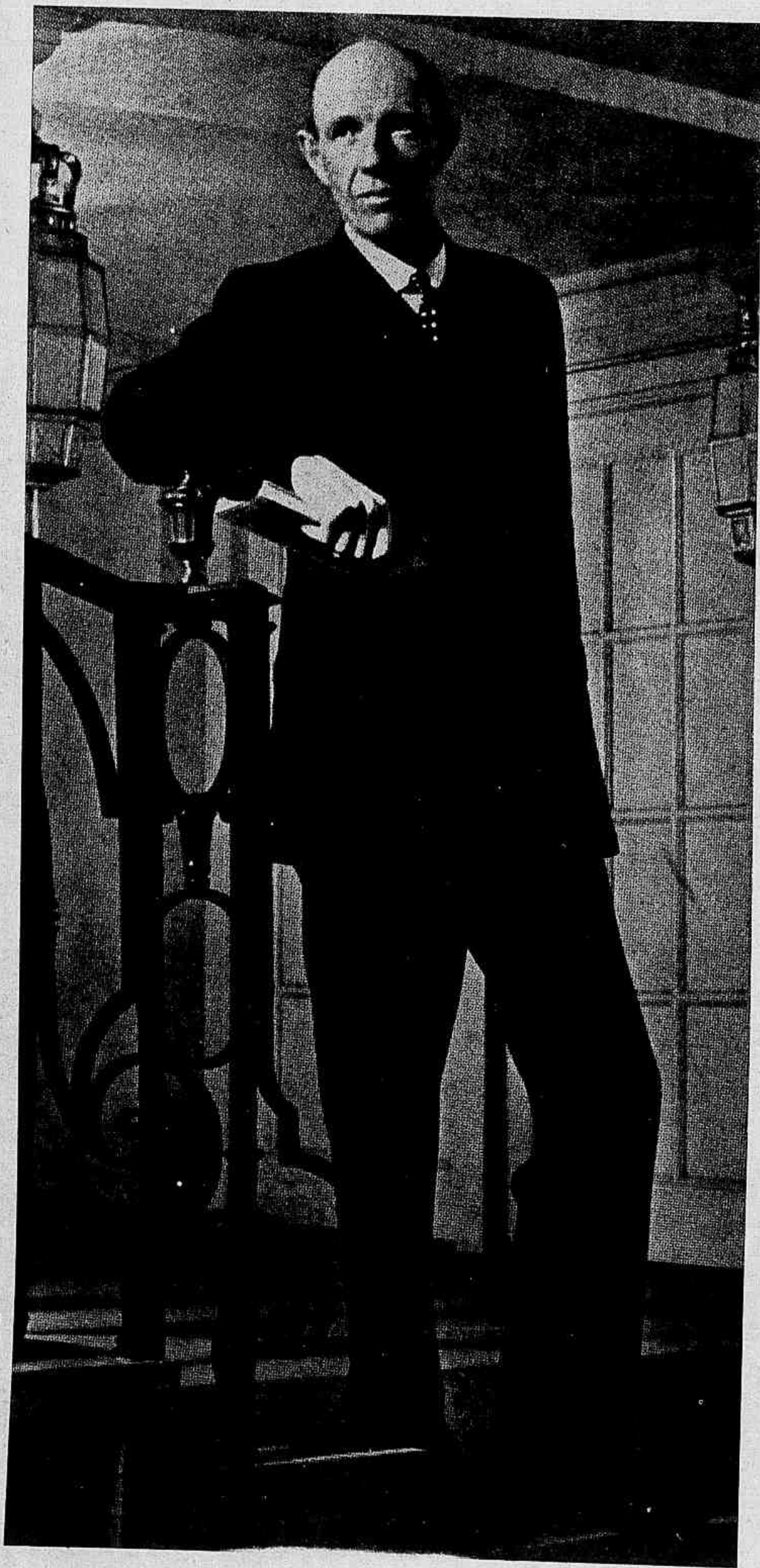
Quando lord Halifax cruzou o Atlântico no vaso de guerra H. M. S. King George V, uma parte do Governo Britânico veio com ele. Porque o embaixador não é meramente um enviado, antes de tudo é um membro do gabinete de guerra, que pode tomar parte nas conferências de Londres pelo telefone transatlântico. Aquelas duas casas representam hoje as extremidades de um eixo em redor do qual gira o destino da Commonwealth, ou seja de uma quarta parte da humanidade.

Lord Halifax, Eduardo Frederico Lindley Wood, terceiro visconde Halifax de Monk Bretton, atual embaixador britânico nos Estados Unidos, ocupou, entre outros, os postos de vice-rei da Índia e ministro das Relações Exteriores do Império.

COMO TRABALHA O EMBAIXADOR

Todas as rotinas já foram postas de lado. Resta apenas o método, o infalível método britânico. Às nove horas o embaixador está em seu gabinete. Dois diplomatas graduados, pela primeira vez destacados como auxiliares de uma embaixada inglesa, põem-no em ligação com o mundo. Um deles faz o visconde ciente do que se passa na Inglaterra, o outro leva a seu conhecimento os sucessos que tem lugar na União Americana.

A mesa de trabalho de lord Halifax é uma curiosidade. Por todas as partes objetos de lembrança pessoal, fotografias de pessoas da família etc. O embaixador lê os jornais americanos ligeiramente, logo que desce ao gabinete, e se demora um pouco com o London Times, que lhe chega diretamente pelo avião. Ao seu lado estão as infalíveis bolsas de couro vermelho em que os diplomatas britânicos fazem transportar documentos de importância. O embaixador tem consigo, inseparavelmente, as chaves dessas bolsas.



Eduardo Frederico Lindley Wood, terceiro visconde Halifax de Monk Bretton — Embaixador Britânico em Washington.



Lady Halifax, filha do quarto conde de Ouslow, senhora da mais vasta sede de embaixada que existe em Washington.



Malas de Londres. Os pacotes são acompanhados de peças de chumbo, que os reterão no fundo do mar, caso o navio seja torpedeado.



Cozinheira vinda da Inglaterra, vasilhame de cobre...



A mesa de trabalho de Lord Halifax, vendo-se o seu querido relógio quadrado de latão, os olhos de aro de tartaruga e numerosos retratos de família, inclusive de sua esposa e de seu pai.

Durante a tarde, o trabalho toma um outro aspecto: lord Halifax se demora no Departamento de Estado ou mantém conversações com industrialistas americanos, peritos militares, jornalistas, ou faz alguma visita cordial na famosa *limousine* preta da Embaixada.

Vista pelo lado de fora, a residência de sua excelência não difere muito de uma embaixada em tempo de paz. De modo algum revela, a sua solene imponência, um grande parque de trabalho, onde se desenvolve um programa complexo de atividades múltiplas.

Praticamente, o embaixador não possui um momento para digressões. O único film a que assistiu em Washington foi o da sua própria chegada, projetado especialmente para ele na sala do Departamento de Comércio. À meia noite o visconde deixa a mesa de trabalho. Mas, antes de se retirar, lê sempre a sua Bíblia. Em uma pequena estante estão os seus livros favoritos — um volume de sermões

seletos, um famoso livro de novelas de mistérios, escrito por seu pai, segundo visconde de Halifax, e... *Pride and Prejudice* de Jane Austen. A guerra refletiu-se na Embaixada principalmente de dois modos: diminuindo o costumeado esplendor das grandes recepções e aumentando as reticências que acompanham todas as coisas. Tudo ali, agora, se equilibra no fio invisível da reserva britânica. Si se deseja saber quanto de assucar o terceiro secretário costuma dissolver no café, o encarregado da ordem doméstica recomenda que se faça uma solicitação por escrito.

A EMBAIXATRIZ

Lady Halifax é a nova dirigente da mais vasta sede de Embaixada que existe em Washington: uma residência com cem quartos, piscina, campos de tennis e um

vastíssimo jardim em alto estilo inglês.

Filha do quarto conde de Onslow e companheira de infância de Winston Churchill, é uma mulher que viveu sempre em atmosfera política. Tornou-se famosa em Londres como uma das mais sagazes mulheres da Inglaterra. A sua conversa fácil, fascinou a sociedade de Washington. E não era para menos — entre seus ascendentes há três *speakers* da Câmara dos Comuns...

A nova embaixatriz é grande apreciadora dos esportes. Prefere, sobretudo, golf e pesca. No seu estado de Yorkshire dedicava-se com grande amor aos cães de caça.

O MÉTODO BRITÂNICO

Tudo na Embaixada obedece a uma rígida hierarquia. A guerra, não obstante haja invertido a ordem a muitas coisas, não conseguiu alterar a linha hierárquica da vida naquela casa. Entre o dispensa-se e um servente, existe uma tremenda escala de direitos e deveres. O gabinete do dispensa-se, de fato, parece-se com o do Embaixador — nas paredes vêem-se retratos históricos de sua família. Um fotógrafo, que desejou bater uma chapa nesse lugar tão nobre, foi advertido por um servente de que "o quarto privado de Mr. Madams não podia ser fotografado sem especial assentimento". Também um velho servidor de lord Halifax, talvez um dos poucos sobreviventes da etiqueta vitoriana, não pôde ser apanhado pelo ávido fotógrafo — faltava uma autorização especial!...



As flores escolhidas por Lady Halifax são distribuídas por todos as salas carinhosamente.

CABELLOS BRANCOS SÃO SIGNAL DE VELHICE!

É preciso combater a causa do embranquecimento dos cabellos

HA muita gente moça de cabelleira branca. As feições, embora jovens, perdem todo o seu vigor, empanadas por uma cabeça encanecida. Cumpre corrigir o mal, combatendo-lhe a causa com o uso da Loção Brilhante, que é um poderoso microbicida. A sua aplicação é facilima. Umas tantas gottas usadas pela

manhã no momento de pentear-se, devolverão aos cabellos brancos ou grisalhos a sua cor natural e primitiva. Nem as pessoas mais intimas explicarão o milagre por que o cabelo se torna sedoso e brilhante.

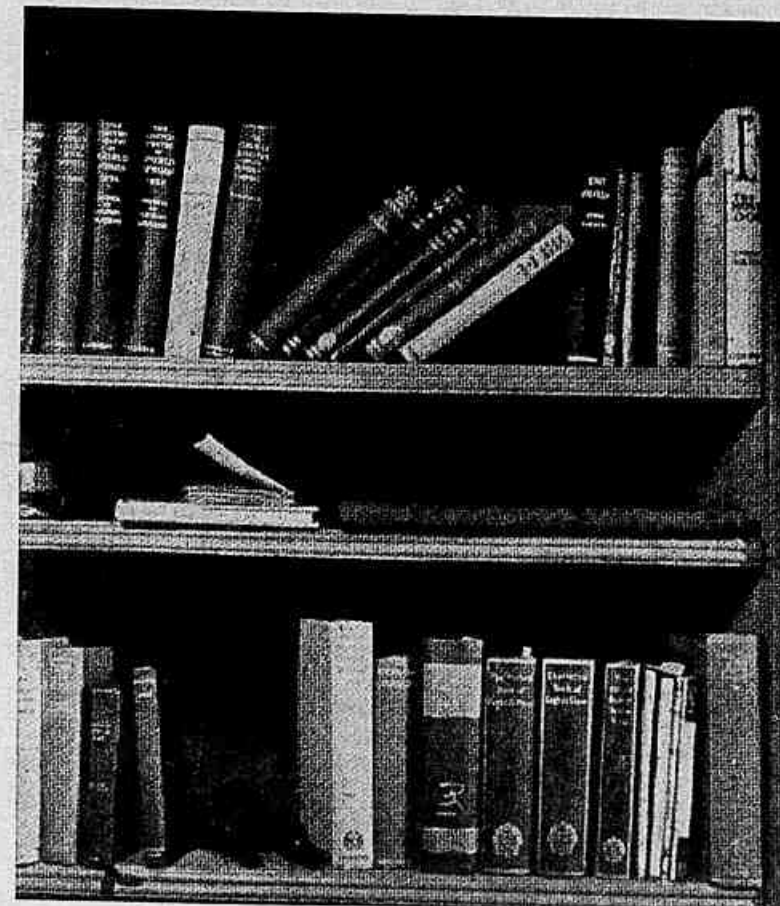
Em poucos dias começará a readquirir a cor primitiva, com a qual irão nascendo os fios novos

ALVIM & FREITAS, LTDA. • SÃO PAULO

Loção Brilhante



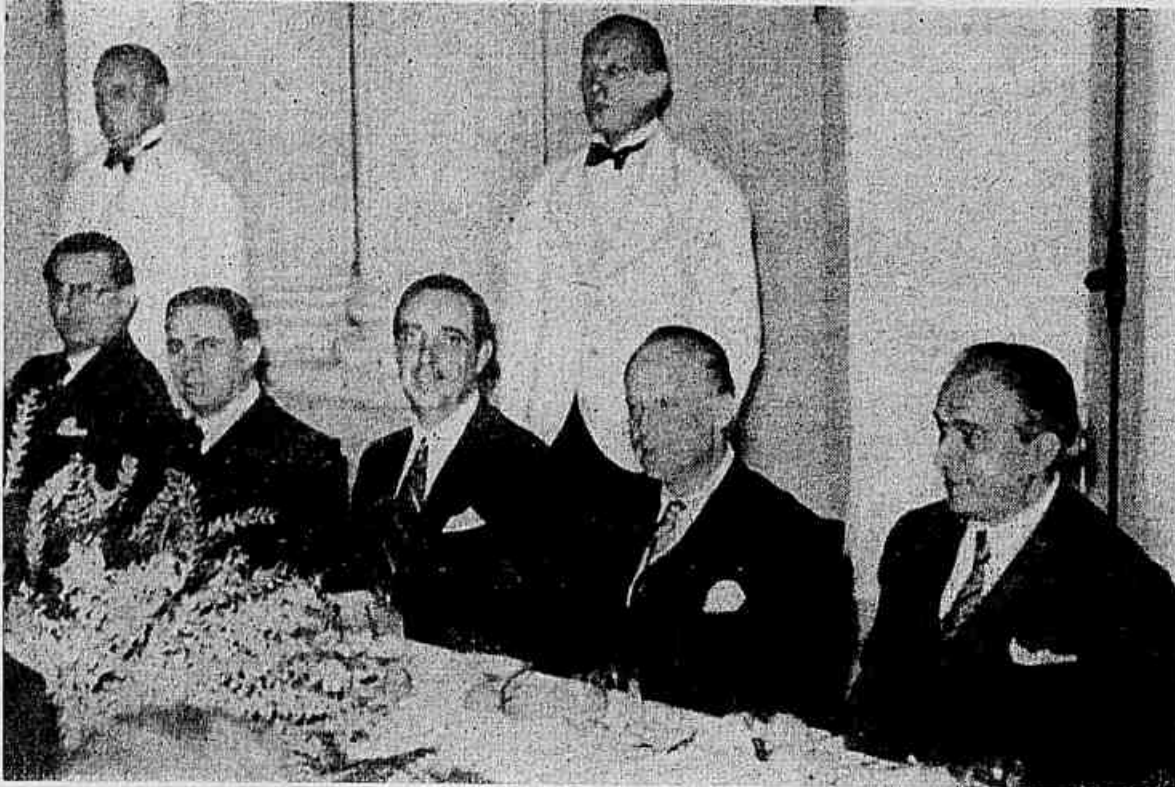
* Os cabellos brancos são provocados pela destruição da materia pigmentar que lhes dá a cor natural a qual é atacada por um micro-organismo, que age como um verdadeiro oxydo.



A biblioteca do Embaixador, onde estão os seus livros de cabeceira: a Bíblia, um volume de sermões seletos, um livro de contos fantasticos.

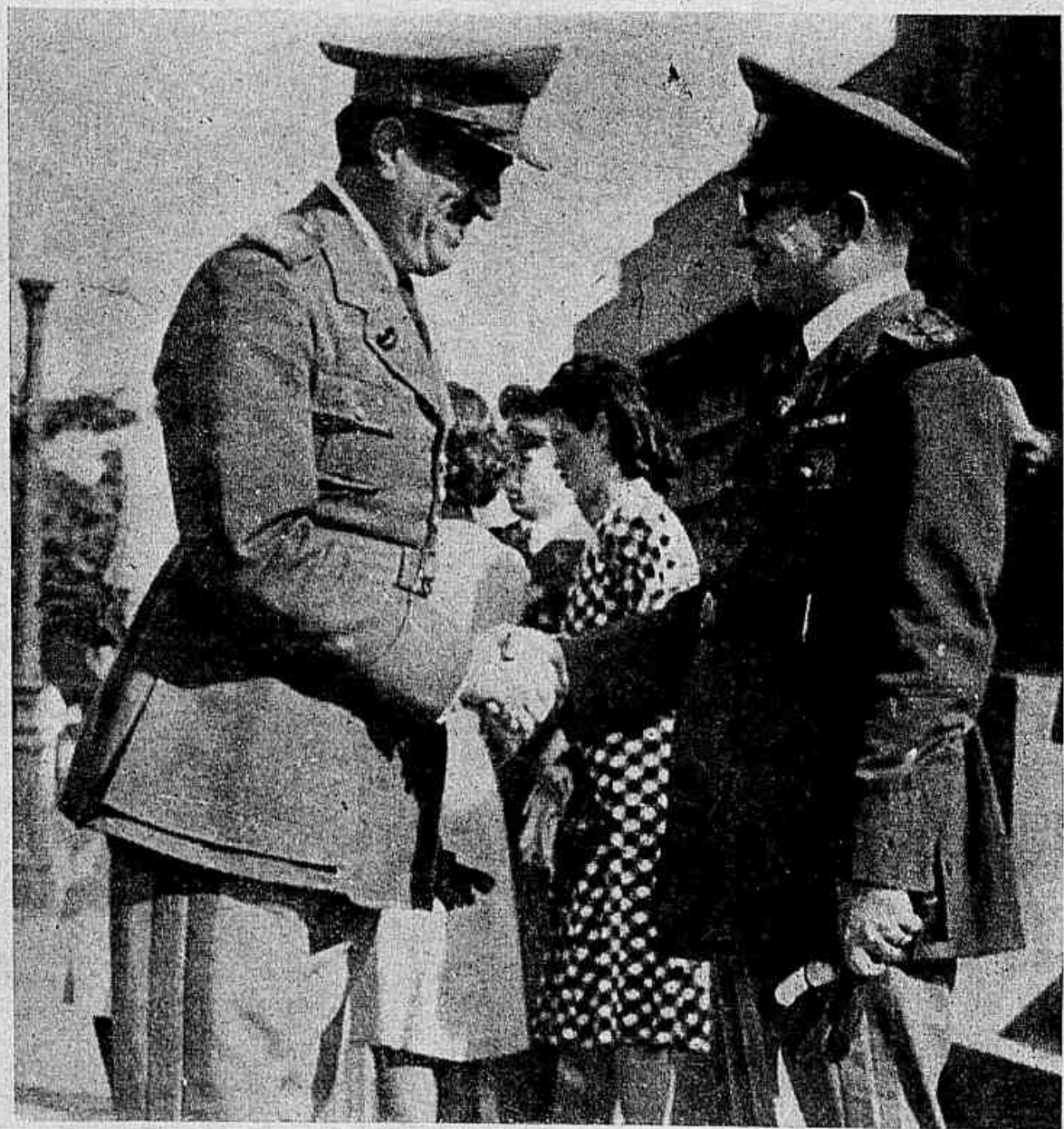
FIGURAS

E FATOS



HOMENAGEADO O PRESIDENTE DO CENTRO DO COMÉRCIO DE CAFÉ

Sob os auspícios do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro e por iniciativa espontânea dos amigos e particulares do sr. Julio de Souza Avellar, presidente do Centro do Comércio de Café, diretor-secretário do Banco Moreira Salles S/A, diretor da Cia. Brasileira de Café e sócio da conceituada firma Avellar & Cia. Ltda., foi-lhe oferecido um grandioso almoço de 130 talheres, no Jockey Club Brasileiro, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados por s. s. ao comércio cafeeiro. A justa homenagem prestada ao sr. Julio de Souza Avellar, compareceram altas personalidades, estando presentes, além de muitas outras, o Ministro do Trabalho, Prefeito do Distrito Federal, Diretores do Banco do Brasil e o Presidente do D. N. C. Após ser saudado pelo sr. Vital Leite Ribeiro, a quem respondeu com rara eloquência, o sr. Julio de Souza Avellar foi cumprimentado e abraçado por todos os presentes. A gravura acima fixa um aspecto do almoço.



Mas Que Pancada!



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mãos precavidas tem-o sempre à mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações

MENTHOLATUM

TTE. CEL. LIMA FIGUEIREDO. Tendo regressado de Cachoeira, no Rio Grande do Sul, onde comandou o 2.º Batalhão de Pontoneiros, o Tte. Cel. Lima Figueiredo foi distinguido com a nomeação para o alto cargo de Diretor da Escola de Educação Física do Exército.

A posse de s. s. constituiu uma solenidade brilhante à qual se refere o aspecto acima, tomado precisamente no instante em que o novo diretor, recebia felicitações do Major A. Carlos Bittencourt.



BICODE
DE / ENHOJA / E VERRUGA /
EXIMINÇÃO GARANTIDA
TRATAMENTO / DA CUTI /
PELA / CIENCIA MODERNA
Linha de tratamento
SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471

A nossa capa



Uma capelinha de Casa Grande em Botafogo. E o fato mais interessante: da Senzala restam pedaços esparsos — da Casa Grande só existem ruínas — unicamente a Capela está de pé com certo vigor. Num único lance de vista por trecho pequeno do Humaitá verifica-se a arquitetura social, além da arquitetura-arte do Brasil colonial.

Publicamos na capa de nossa Revista uma bela aquarela de Cesar Formenti, em que o assunto é a Igrejinha do Humaitá, ou melhor ainda, a Capelinha de São Clemente. No seu interior existem relíquias autênticas desse santo. E' muito

antiga, fato confirmado por Max Fleiuss. Formenti dá o ano de 1672 para a sua construção, e diversos pintores a têm colocado em suas telas nos últimos meses.



Taca seus olhos fallar



NOVO!... Aparelho americano que revira as pestanas, tornando-as belas e duas vezes mais longas.

KURLASH — o aparelho mais perfeito para frisar as pestanas. O seu uso não requer pericia — faz "milagre em um minuto" — sem necessidade de aquecimento ou cosméticos.

KURLENE — creme à base de óleo — que, usado antes da aplicação do KURLASH, torna as pestanas mais escuras e brilhantes, dando ao olhar beleza e fascinação.

KURLASH

Distribuidores: S. V. Mangual & Cia. Ltda.
R. Paulino Fernandes, 55 — Rio.
Preço pelo Correio, 22\$000

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Santos e Efemérides da Semana

JULHO

26

São Simeão. — Solitário da Palestina, que morreu no decurso de uma peregrinação a Roma, nos arredores de Mântua, em 1016. Numerosos milagres ilustraram seu tumulto.

— **Sant'Ana.** — Nascida em Belém, da tribo de Levi, desposou São Joaquim. Sem nunca ter tido filhos, obteve pelos jejuns, lágrimas e orações ser mãe da Virgem Maria, que educou como uma criança que o céu destinara à realização de algum grande desígnio. Quando a criança completou três anos, Ana levou-a ao Templo e ofereceu-a ao Senhor. Morreu pouco depois.

— Falece José de Araujo Ribeiro, visconde do Rio Grande, que foi diplomata, presidente da Província do R. G. do Sul e organizador da reação contra os revoltosos denominados "Farrapos" (1879).

27

Santo Pantaleão. — Era médico do imperador Galero Maximino. Abandonou a princípio a religião cristã que professava, mas tendo reconhecido a enormidade de sua queda, voltou à Igreja. Sofreu o martírio em 303.

— **Santa Antusa.** — Originária da Grécia, retirou-se desde a infância para um deserto. Constantino, sabedor disso, fê-la prender e açoitar. Tendo resistido, foi condenada ao banimento. Mas a imperatriz obteve seu perdão pouco tempo depois e fez dela uma das damas de seu séquito. Morreu em 752.

— Falece José Ascenço da Costa Ferreira, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1897).

MONOPATHIA
prefira
1858 1947
COELHO BARBOSA
ENCONTRADA EM TODAS AS
PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL

28

São Nazário. — Mártir que vivia no século I da nossa era. Era filho de Santa Perpétua e dedicou-se, desde a mais tenra mocidade, à pregação. Mercê de sua palavra, muitos pagãos se converteram, mas, preso em Milão e recusando-se a renegar sua fé, foi morto.

— **Santa Maria de Veneza.** — Virgem da ordem terceira de S. Domingos, morta em 1399, ao cabo de uma vida toda de austeridades e de mortificações secretas.

— Falece o capitão de milícias Gabriel Ribeiro de Almeida, irmão de Bento Manoel Ribeiro, e um dos conquistadores das Missões (1819). — Falece Raymundo Antonio da Rocha Lima, literato cearense (1878).

29

São Lobo. — Nascido em Toul, por volta de 390, nomeado bispo de Troyes, em 427, foi para a Inglaterra, com S. Germano de Auxerre, combater os erros dos Pelágios. De volta a Troyes, salvou essa cidade do furor de Atila, ao qual desarmou pelas suas orações e pelo ascendente que soube tomar sobre o bárbaro em 451. Morreu em 479.

— **Santa Marta.** — Irmã de Santa Maria Madalena e de São Lázaro. Indo da Palestina para a Gália, evangelizou a região mediterrânea. Quer a lenda que ela tenha posto a Tarasca, monstro temível, em condições de não mais incomodar.

— Falece em Niterói Antonio José de Carvalho. Chaves, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1847). — Nasce no Rio de Janeiro a Princesa D. Isabel — a "Re-dentora" — que foi por três vezes regente do Império (1846). — Falece Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque visconde de Pirajá, que comandou as forças brasileiras da Bahia, na guerra da Independência (1848).

BALSAMICAS E DIURÉTICAS
PILULAS de FOSTER
REUMATISMO GOTOSO - ACIDO URICO - DORES LOMBARES
Anuncio aprovado pelo D. N. S. 106.0. n.º 900 em 2.4.41

30

Santo Abdon. — Persa cristão, que foi a Roma com seu amigo Semsén, pelo fim do reinado do imperador Décio. Presos como cristãos, recusaram-se a sacrificar aos ídolos. Foram então dilacerados a chicote e lançados na cova dos leões, mas esses animais se deitaram a seus pés. Foram por fim, decapitados (354).

— **Santa Julieta.** — Dama muito rica de Cesaréia, na Capadócia, que foi martirizada em razão de sua fé, quando da perseguição de Diocleciano.

— Nasce Joaquim José Ignácio, visconde de Inhaúma, almirante, que comandou a esquadra brasileira no Paraguai (1808). — Falece no Rio Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra, professor, médico e literato (1887). — Falece no Rio Lauro Muller, general, político, estadista, ministro, da Academia Brasileira (1926).

31

Santo Inácio de Loyola. — Brillante oficial da corte da Espanha. Foi convertido pela leitura da vida de N. S. Jesus Cristo e dos Santos. Indo a Paris, lançou os primeiros fundamentos da Companhia de Jesus. Infatigável zelador da fé cristã, devem-se a ele numerosas obras (1491-1556).

— **Veneravel Luiza de Carvalho.** — Virgem espanhola que, no decurso de uma viagem à Inglaterra, amparou ardentemente os cristãos perseguidos. Sua morte verificou-se em 1613.

— Falece José Basílio da Gama, autor do poema "Uruguai", patrono da cadeira 4 da Academia Brasileira (1795).

AGOSTO

São Pedro nos laços. — Preso por ordem de Herodes, foi libertado por um anjo que o desembarçou de suas cadeias e lhe abriu todas as portas.

— **Santa Salomé.** — Martirizada em Jerusalem, com seus sete filhos, os santos irmãos Macabeus, na perseguição desencadeada contra os judeus por Antiocho, por volta de 160 antes de Cristo. Parte dos seus restos foram depositos na igreja de São Pedro nos Laços, em Roma.

— São executados no Recife Gonçalo Cabral e Tomás Paes, que se insurgiram contra o domínio holandês (1645). — Falece no Rio Inácio Acioli de Cerqueira e Silva, cronista (1865).

O melhor lance!

GUARAINA
UM PRODUTO * RAUL LEITE *

PINTURAS...



RADIO
RCA
5 VALVULAS
para apartamentos
GRANDE VENDA
395\$
MESBLA
RIO DE JANEIRO
Rua do Passeio, 48/54
NITEROI
Rua Visc. Rio Branco, 521

Fonte de lágrimas

As lágrimas estão em nós. É a segurança, a garantia nas tristezas sabermos as lágrimas sempre prontas. Os corações desabusados sabem que elas são bem fieis. Aprende-se, desde criança, a nunca duvidar. Minha mãe, a primeira, disse-me: "Quantas são elas?"

As lágrimas estão em nós e são um grande mistério. Coração de criança, como lastimo ver prodigaliza-las assim e desfazer-se por qualquer coisa, sem receio de estancar a última. E esta, vale bem a pena rete-la!

Não, não são as flores, nem a primavera que nos consolarão tão ternamente, são elas. Elas nos conheceram pequenos e nos consolaram. Estão em nós, vigilantes, fieis. E as lágrimas também choram de nos deixar.

Henry Bataille.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



Paisagem



Retrato (Clássico)



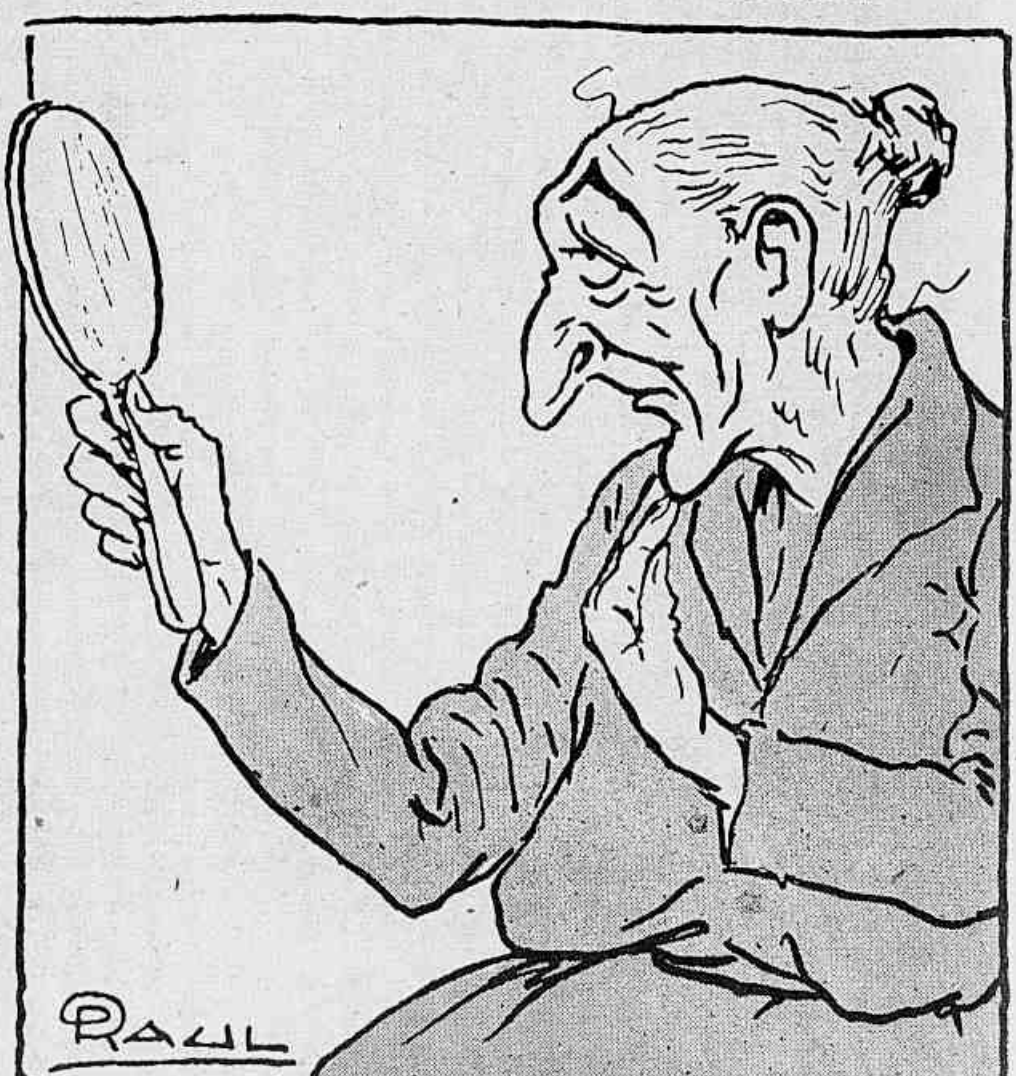
Histórica (Fragmento)



Modernista



Decorativa



Natureza morta...

○ Cancro entre as Rosas

— O Cancro entre as Rosas — é uma parte desse romance «Equador» em que palpita toda a estranha expressão humana e cósmica do mundo amazônico. Hamilton Barata, nosso antigo colaborador, lançará com esse romance uma das obras mais brasileiras e mais fortes de 1941.

De HAMILTON BARATA

Ao lado direito da casa da família de Rolando, morava um senhor espanhol, chamado Henrique, que vivia de cultivar grande e admirável jardim que ocupava todo o vasto terreno em torno de um "chalet" de madeira, com dois pavimentos e um sótão, o qual lhe servia de residência. Os terrenos do "senhor" Henrique tinham muitos fundos, estendiam-se, como os do pai de Rolando, até para as bandas do igarapé, e eram totalmente ocupados por enormes canteiros em que o espanhol plantava, e cuidava com infinito amor de roseiras, dâlias, jasmínos, craveiros, girasóis, cravineiros, zinnias, violetas, etc. Os domínios do laborioso súdito de Afonso XIII (o monarca que então reinava sobre a Espanha) constituíam autêntico deslumbramento, e a sua vida era quase uma epopéia. Porque? Porque representava memorável prodígio conservar e defender tão primoroso jardim no meio dos milhões e turbilhões de saúvas da Cachoeirinha, que investiam contra tudo o que fosse planta fina com ferocidade somente comparável á dos saúrios e mastodontes ante-diluvianos. Rolando viria mais tarde, durante o curso da sua existência, principalmente em França e na Suíça, e em Petropolis e Belo Horizonte, jardins maiores e mais grandiosos do que o do seu visinho Henrique. Jamais tivera ocasião de admirar, contudo, quão quer outro mais lindo e mais carinhosamente tratado. Henrique tinha mania e paixão pelas flores. Cultivava-as das espécies mais raras, mais esquisitas, fidalgas e alucinantes. Ajudava-o muito a seiva paradisíaca da terra do Amazonas, mas do mesmo passo o prejudicava bastante o calor intensíssimo que irradiava do infernal Sol do Equador.

Todas as noites, lá ia o Espanhol, com ornamental floreira repleta de suntuosos exemplares, vende-los a peso de ouro á porta dos teatros, dos cafés de luxo e dos clubs galantes de Manáos. Voltava para casa por volta de meia-noite, com os bolsos cheios e a floreira vazia. Levantava-se muito cedo, de manhãzinha, para a faina de limpar os canteiros, sáchar e estrumar a terra, podar as roseiras, os craveiros e jasmínos que iam ficando demasiadamente ramalhudos, fazer mudas de uma para outra quadra do jardim, e regar abundantemente as plantas todas, com água que tirava de duas amplas tinhas existentes em baixo de uma grande torneira ligada ao encanamento que vinha da rua. Regava os canteiros, quando não desabavam chuvas dos céos, sete e oito vezes por dia. Era a sua obrigação mais árdua e fatigante. Quando decorriam três e quatro dias sem chover, o sólo estorricado chegava quasi a estalar, e, á hora do sol mais abarçador, fendas se abriam pelo meio dos canteiros. Inundava de água, prolongadamente, com o j. to dos chuveiros de possantes regadores que erguia com os braços musculosos, as folhas, os galhos, os pés, os troncos, os interstícios dos preciosísimos e rendosos vegetais. Por fantástico que o pareça, ás horas em que o Sol espadanava fogo nas alturas, dentro de quinze minutos apenas nem parecia mais que uma só gota d'água houvesse caído sobre as plantas e o chão desesperadamente archisquentes. Henrique, nesses dias diabólicos, com tenacidade de herói regava mais, e regava ainda mais o jardim que era a sua fortuna, a sua felicidade, a sua adoração.

Pois, de vez em quando, ao despertar o florista com as primeiras cintilações da aurora, e ao dirigir-se para o aconchego das suas queridas plantas, recebia de repente o choque tremendo: as saúvas haviam trabalhado durante a noite, e de numerosos e esplendentes canteiros — justamente os que continham as flores mais belas! — nada mais restava sinão miseriosos telos, ruínas sem alma do que havia sido até á vespera catedrais da floricultura, e algumas folhinhas ironicamente espalhadas pelo sólo. O terrível labôr de muitos meses destruído como por um terremoto, numa só noite! E dos autores do cataclisma, as facinorosas formigas, nem sombra mais existia, porque tinham o cuidado de realizar toda a sua façanha e desaparecer por completo antes do despontar do dia. Sabia-se que aquilo era obra das saúvas. Ali estavam as ruínas acusadoras! Mas não se encontrava mais uma só formiga! Monumentais e impecáveis a organização e a disciplina desses minúsculos soldados da destruição!

O florista não se queixava, não vociferava, não deblaterava contra o destino, não pronunciava uma só palavra de angústia ou de revolta. Possuía a tempera dos homens do campo, acostumados a sofrer e suportar com corajosa resignação as cuteladas das intempéries, dos metéoros, dos flagelos da natureza, com os quais os que lavram e semeiam a terra vivem, através dos milênios em contacto. Humildemente, e lentamente, reunia os materiais necessários e tratava de reconstruir o que as saúvas tinham reduzido a escombros. Apenas, a sua fisionomia, já habitualmente fechada e triste, ficava ainda mais fechada e mais triste. Como aquele homem devia amar as maravilhosas flores, que o faziam pensar tanto!

Era tanta a prosperidade que havia, por esses anos iniciais do século, em Manáos, que o Espanhol, apesar de todas as lutas que lhe impunha a missão de conservar e embelezar as suas flores estremecidas, prosperou também. Cheio de algum dinheiro, pesou-lhe a solidão. Torturou-o a ausência da família, dos seres mais idolatrados. Sentia-se uma triste e fragil alma isolada no centro do macrocosmos amazônico. Decidiu ir á lberia, afim de trazer o que restava da sua gente mais querida: a mãe velhinha, uma irmã solteira. Partiu, desceu o Amazonas, atravessou o Atlântico. Passado dois meses, num dia de sol espantoso, chegou de volta. Acompanhavam-no uma senhora, de cabeça completamente branca, meio encurvada pela pressão da idade, mas denotando ainda uma certa robustez, e u'a moça dos seus trinta anos, feia, o semblante animal, retraída, desconfiada, vermelha, o sangue a espocar das mechas do rosto, uma ferida na face esquerda, o olhar temível dos bichos acuados.

Nas primeiras semanas decorridas depois da sua chegada, era visível e palpitante a satisfação de viver do "senhor" Henrique. Mas os sóes continuaram a correr na sua infinita fluência, e a tragédia veio pouco a pouco estendendo as negras azas sobre a existência do visinho de Rolando. A velha mãe, diante de outras fisionomias, de outra paisagem, outros ares, outras côres, outros horizontes, outros céos, outros astros, deixou que se apoderasse dela uma nostalgia medonha das fascinações da Espanha, que havia ficado do outro lado do gigantesco oceano. Seus quasi 70 anos se sentiam esmagados pela dôr da ância pelo extasiante canto dos deuses lares. A filha se engolfava nas mesmas ondas da tristeza que aniquilava a anciã. Henrique se viu a braços com a maior batalha da sua vida, uma batalha com os fantasmas da saudade a estrangularem dois corações de mulher.

Rolando espiava, da janela da cozinha da sua casa, as duas espanholas passeando, silenciosas, sombrias, por entre os canteiros maravilhosos. Na frente ia a velha, a seguir a moça. Erguiam os olhos para os céos, para o sol rutilante, e sacudiam as cabeças, tristemente. A fogueira era demasiada para elas... Traziam as compridas saias de tecido grosso, as blusas bem ajustadas ao busto inteiro e cingindo todo o pescoço, das mulheres do campo da península hispânica. O vermelho das suas faces começava a esmaecer...

A angústia da anciã foi crescendo. Com os suplicios da alma, fugiu-lhe o apetite. Nada queria comer. Não aceitava alimento algum. Entrou a emagrecer, a debilitar-se, a deperecer. Ficava horas e horas silenciosa, pelos cantos da casa e do jardim. Quando algum conhecido do filho, algum comprador de flores, ou qualquer dos vizinhos, lhe dirigia cortezmente a palavra, perguntando-lhe como ia passando, ela respondia somente, pelo meio de um suspiro fundo: — "Ah! El calor!" E voltava os olhos para aqueles grandes céos grávidos de ardências e de chamas.

O rosto da moça fôra perdendo, aos poucos, o rubro que nasce da fustigação dos invernos, da neve, dos frios intensos do clima europeu. Estava ficando descorada. Apenas, do lado esquerdo, a ferida ia se mostrando cada vez mais nitida e brutal, de côr que se confundia entre o rôxo e o carmezim. A chaga se alastrava. Não havia medico, não havia remédio que desse volta áquilo. Era um cancro...

Henrique sofria horrivelmente. Que erro maldito cometera, ao ter ido buscar aquelas duas criaturas á Espanha! Que fazer, agora? Era muito tarde para corrigir o tremendo engano. Por todos os motivos, tornava-se impossível ao florista realizar nova viagem á patria para levar de volta as duas mulheres. Não tinha recursos que lhe permitissem tão cedo os gastos de uma segunda travessia de Manáos a Vigo, com a mãe e a irmã, e do seu necessario regresso ao Amazonas. A primeira viagem já lhe desorganizara bastante os negocios e as finanças. O jardim tivera de ser entregue a outras mãos, e ninguém podia ter para com aquelas flores o fecundo cuidado e o amor que ele mesmo tinha. Tudo isso representava, no fim, prejuizos monetários.

Procurou distrair, atordoar, interessar em qualquer coisa a pobre velha. Consultou varios medicos, os melhores de Manáos. Dava, com a mãe e a irmã, longos passeios pelos arredores mais pitorescos da cidade. Tudo era, contudo, inutil. Como uma planta arrancada do sólo de origem, a velha fenecia rapidamente. Caju de cama, já não se levantava mais. Toda e qualquer comida lhe repugnava. Não se alimentava com coisa nenhuma. Recusava também todos os tónicos e fortificantes que, a conselho dos doutores, o filho comprava para lhe reanimar as energias vitais. Nada ela aceitava. Desde que havia perdido os céos, as arvores, os rios, os vales e as montanhas da Espanha, o que ela queria mesmo era morrer. E na filha succumbia o cancro devastador já aumentado sempre...

Vivia o desventurado florista entre o surdo desespero da mãe moribunda, o magico fulgor das suas flores portentosas, e o terrível cancro da irmã querida... As miraculosas florescencias das hastes, dos ramos e dos arbustosinhos do jardim chegavam a perder todo encanto e todo prestigio para ele. O que é prova de que o deslumbramento do mundo exterior somente exerce influencia sobre nós quando a nossa alma está vibrando em harmonia com a beleza do universo...

A paixão da velha espanhola matou-a. Morreu de saudades da lberia que já tem fascinado, através dos milênios, fenícios, cartagineses, romanos, barbaros do Norte, gódos, visigódos, árabes, povos escuros da Africa... Morreu, e o filho a chorou lancinantemente, presenteando depois com aqueles ossos e carnes vindos da Europa os vermes da escaldante terra do Equador amazônico.

A filha continuou, desgraçada no meio da natureza feérica, com mais desalento e amargura do que nunca. E o cancro da sua face esquerda ia crescendo cada vez mais, como u'a flôr maldita entre as outras flores do jardim.

Ela passeava, já agora sosinha, martirizada pela desesperança e pela dôr, pelos caminhos que havia entre os canteiros. Nunca felava. Rolando jamais conseguira apagar da sua retina a visão terrível. Um jardim de sonho oriental. Flores saídas da alucinação de alguma huri perfeita como as deusas imperecíveis. Sol, céu, atmosferas triunfais. Rosas, girasóis, dâlias, jasmínos, cravos, zinnias. Hinos de côr e de aroma. Pelo meio desses hinos arrebatadores, triunfal também como uma infernal centelha das forças cósmicas que desejam destruir a humanidade, o cancro indomável. Rolando não poderia esquecer-lo nunca, nem que vivesse um milhão de anos, o cancro esplendendo ao sol no meio das rosas belas, das rosas puras, virginais.

Jardim Carioca Ilha do Governador

O mais lindo rincão da Guanabara
onde a aquisição da terra não é cara!

Neste local maravilhoso, estão á venda os melhores terrenos do Rio, a longo prazo, sem juros, com dição! — sorteios de quita-

— Dia 27 de Agosto próximo, realizar-se-á outro grande sorteio de quitação. — Ponha em dia a sua caderneta.

Lotes desde 6 contos.
Prestações mensais desde 70\$000: — Habilite-se.
Compre por cobre o que vale ouro

Prospectos e informações a JARDIM CARIOCA

— Av. Rio Branco, 108 — 6.º and. — Fones: 42-3812 e 42-3554 —
(Inscritos sob N.º 1 no 7.º Offício de Imóveis, conf. Decr.-Lei 58)

DELIO SAZ-CORREIO MANHÃ

LIVROS NOVOS

CIDADES E SERTÕES, pelo tenente-coronel LIMA FIGUEIREDO — Rio, 1941.

A literatura histórico-geográfica, que tem no momento, bem se pode dizer, a sua era de maior esplendor, é um gênero que requer a um tempo erudição e faculdade de observação. A história, que está escrita, é transplantada para as páginas dessa literatura com maior ou menor facilidade; a geografia, porém, essa terá de ser estudada *in loco* e, a rigor, só tem valia os estudos assim feitos, porque só estes apresentam a marca inofismável da verdade.

O coronel Lima Figueiredo, portador de apreciável bagagem literária, enfrentou a literatura histórico-geográfica com aqueles elementos basilares. Eis por que os seus livros são apreciados. A verdade será sempre um fator inestimável de êxito.

Em "Cidades e Sertões" o escritor patricio não se revela: reafirma-se. Conhecendo a fundo o Brasil todo, e notadamente a extensa linha fronteira, transporta para as páginas que escreve toda a sua imensa observação. Os seus leitores viajam, as-

sim, através dos seus livros, pelas mais variadas regiões pátrias, guiados por um cicerone amável e completo. E só podem lucrar, porque nunca poudeser desmentida a frase de George Sand: "viajar é aprender".

Vivemos numa nação de superfície colossal, e isso justifica de um certo modo a ignorância de muito, se não de quase tudo o que há pelo nosso vastíssimo território. Descrevendo cidades, costumes, obras de arte, acidentes físicos, etc., o autor ilustra o espírito alheio e divulga curiosidades interessantíssimas. Aí reside, principalmente, o aspecto de melhor sabor que as obras dessa natureza tem. Com esse cunho informativo, as páginas do coronel Lima Figueiredo são preciosas, e o escritor sabe dourá-las com a poeira venerável da história, explicando a razão de ser de centros de população, de linhas divisórias, de um sem número de acidentes que ressaltam dos vários e variados capítulos de "Cidades e Sertões".

A Amazônia, o nordeste, o planalto central, o pampa meridional, a linha paranaense, o incola, a feracidade do solo, os fenômenos regionais, tudo desfila, como num caleidoscópio, no novo livro do coronel Lima Figueiredo, animado pela sua pena ágil e iluminado por essa grande cousa que é a fidelidade.

"Cidades e Sertões" é o volume XL da Biblioteca Militar.

I. N.

Outro prêmio das Consolidadas Mineiras distribuído a uma portadora desta capital

500 contos, a importância paga pelo Banco do Comércio e Indústria de S. Paulo, por conta do Empréstimo Mineiro de Consolidação



Grupo formado no ato da assinatura do recibo do prêmio de 500 contos das Consolidadas Mineiras.

A SOLENDIDADE NO BANCO

Na filial do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, foi pago mais um dos vultuosos prêmios que o Empréstimo Mineiro de Consolidação distribue entre os portadores de suas apólices, conforme os resultados dos sorteios procedidos em Belo Horizonte. Desta vez a apólice contemplada foi a de número 376.552, da série "A", à qual coube a importância de 500 contos de réis. Esta importância foi paga pelo Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, que foi representado pelos seus funcionários srs. Geraldo Corrêa de Carvalho, chefe da Seção de Apólices e Aralm Gentil Guimarães, tesoureiro daquele importante estabelecimento de crédito. Por parte da possuidora da apólice compareceu o The National City Bank of New York, por intermédio dos srs. Celso Pereira Bueno e Armando Marques da Silva, respectivamente sub-gerente e sub-contador daquela organização bancária. A cerimônia foi muito simples e rápida, mas apesar disso a ela acorreram muitas pessoas, como aliás acontece sempre que se distribuem prêmios das Consolidadas Mineiras.

O PLANO DO EMPRÉSTIMO MINEIRO DE CONSOLIDAÇÃO

Este plano de recurso às economias particulares e privadas grangeou de fato entre nós um prestígio enorme, mercê de sua estrutura e mecanismo, onde todos sentem um critério largo e lúcido, que foi o que presidiu à sua organização. Por outro lado, a firmeza e regularidade com que vem sendo executado este plano pelo benemérito Governo Benedito Valadares, criou um clima de confiança entre o público. Devemos também levar em conta o papel que este plano teve na reconstrução das finanças e economia mineiras, pois seu lançamento deve-se exatamente ao fato de que, estando a fazenda do Estado sobrecarregada com uma outra operação anterior, mas bastante onerosa pelos juros altíssimos que vencia, viu-se o Governo mineiro, de um instante para o outro na necessidade de fazer marchar a administração, livrando-a das peias e embaraços daquela operação. Surgiu então o plano das Consolidadas, graças às quais poudeser o Governo solver seus compromissos e desafogar a Fazenda pública, pois os moldes do Empréstimo Mineiro de Consolidação são particularmente favoráveis, vencendo os juros módicos de 5%, e abrangendo vários outros detalhes técnicos capazes de remover inúmeras dificuldades com que lutava o tesouro mineiro.

A ACEITAÇÃO PELO PÚBLICO

Graças pois ao sistema de sua estrutura técnica e à orientação criteriosa, sadia e persistente que lhe souberam dar as autoridades mineiras, entre as quais devemos destacar o sr. Governador Benedito Valadares, o dr. Ovidio de Abreu e o dr. Francisco Noronha, atual Secretário das Finanças do Estado de Minas Gerais. A rjeza da orientação seguida na execução do plano, foi aos poucos se impondo à atenção de todos e acabou conquistando a preferência de todas as fontes de economia privada e populares, registrando-se mesmo uma tal corrente de procura para as Consolidadas Mineiras, constituindo mesmo um fenômeno sem precedentes na história de nossas operações financeiras.

A CIÊNCIA DO CANTO

Pedro Lopes Moreira, critico da "Gazeta de Noticias", membro da Ordem dos Advogados e do Instituto Brasileiro de Cultura, vem de publicar um interessante livro sobre o ensino de canto, de grande utilidade para os professores, cantores e candidatos a cantar. O autor começa o prefacio dizendo: "Pensamos vir em socorro dos que procuram conhecer os lineamentos científicos que imprimem ao ensino de canto uma orientação moderna. Mais adiante: "A norma artistica é a mesma da velha escola do "Bel Canto", os meios para conseguila é que repousam na Ciência." É inegavel que o professor de canto, sobre cujos ombros repousam as responsabilidades de uma voz em formação, não pode ignorar certas noções de ciências físicas e biológicas aplicadas á sua arte, afim de que possa guiar com acerto os seus discipulos. O livro de Lopes Moreira prestará, sem duvida, a todo profissional de canto e do ensino de canto inestimavel serviço. Além de bem escrito, é claro e preciso. Na introdução, uma das partes mais atraentes da obra, o autor se ocupa da importância para o canto dos conhecimentos científicos sobre a voz.



Depois de emitir varios conceitos pessoais sobre o assunto, Lopes Moreira cita e comenta a opinião de Panofka, Faure, Lavignac, sobre tudo deste ultimo, de quem apresenta varios trechos extraídos de L'Education Musicale. Diz Lopes Moreira: "Realmente, a Anatomia e a Fisiologia não tem por fim reeducar uma voz, não descem á etiologia das perturbações vocais de ordem funcional. "Se ao tempo de Lavignac o estudo científico da voz fosse tão completo como é hoje, te-lo-ia certamente aconselhado aos candidatos a cantar". A opinião do mestre francês é contraria a de Lopes Moreira. Isso, porém, não enfraquece o valor da obra que comentamos, pois, trata-se de um trabalho raro no genero e sobretudo em português. Na parte intitulada: **Noções Preliminares**, o livro de Lopes Moreira não nos apresenta novidade, occupa-se de conhecimentos existentes em qualquer tratado de fisica, inclusive a parte referente aos exemplos, salvo pequenas exceções. Ao tratar do **aspecto físico da voz**, Lopes Moreira se nos afigura mais interessante. Estuda o elemento gerador do som, da vibração e da ressonância com muita clareza e precisão.

Sobre o **aspecto biologico da voz**, traça considerações em torno da **Anatomia Humana**, sempre demonstrando possuir profundos conhecimentos sobre a materia.

Na parte geral, estuda o tratadista: **os fins da laringe; a adução, os musculos extrinsecos da laringe; e finalmente os musculos que tem influencia manifesta sobre a voz cantada.**

Como se vê, são assuntos demasiados conhecidos, e ventilados em todas as obras sobre anatomia, porém são bem cuidados por Lopes Moreira que também é professor de canto. No capítulo II, o autor se ocupa da **Teoria dos Musculos Destrutivos e Construtivos da voz.**

Não nos apresenta novidade. Apenas bom estilo e clareza na explanação. O mesmo podemos acrescentar a respeito do III capítulo — **Posição dos Orgãos Moveis.**

Estamos agora diante do capítulo IV, que cuida de **Acustica da Fonação**. Nele o autor estuda e ilustra com inumeros exemplos, uma das partes mais importantes no ensino do canto.

Os caracteres da voz cantada; sua intensidade; a altura do som vocal; a tessitura; a extensão das vozes infantis; o timbre da voz: claro, escuro, aberto e fechado; o timbre nasal e gutural; velado e mordente; o timbre de voz de peito e de cabeça; e finalmente, o timbre eunucoide, de ventiloquia e tono frontale. Como se vê, em nenhum dos capitulos anteriores, o autor se occupou tão diretamente dos assuntos mais ligados á arte do "bel canto", como nesses. Se me fosse dado transladar para aqui algumas das citações de autores e cantores celebres, faria com muito prazer, mas, esta apreciação já vai bem longe, e ainda tenho que citar os ultimos capitulos, que também são de suma importancia.

A **Emissão**, é o objeto do V capítulo, magnificamente escrito pelo ilustre critico musical e professor, que nos apresenta exemplos e citações de toda sorte, fortalecendo destarte seu ponto de vista e sua obra.

O **aspecto Físico-Patico da voz cantada e a Audição, e a Higiene da voz**, compõem os capitulos VI, VII e VIII dessa obra, que recomendamos aos mestres do canto no Brasil, e sobretudo aos alunos e mesmo aos profissionais da arte de Claudia Muzio.

Finalmente no seu importante trabalho, Lopes Moreira apresenta-nos em **Notas Adicionais e no Apêndice**, conselhos, exemplos e citações de real interesse para todos quantos desejarem se especializar nesse ramo da arte dos sons; que imortalizou Gigli, Schipa, Chaliapine e tantos outros.

A **Ciência do Canto, ou Como Produzir corretamente a voz cantada**, é um livro que deve figurar na estante dos mestres do canto e deve ser igualmente usado por todos aqueles que desejarem conhecer as noções científicas ligadas a esse ramo da arte musical.

Agradeço o exemplar que me enviou, e felicito-o sinceramente pela obra que veio enriquecer a biblioteca nacional, empobrecida de obras sobre assuntos musicais.

J. S.

ITABORAHY

Berço de Salvador de Mendonça



A pequenina cidade fluminense de Itaboraí sente-se, no momento, refletida em todo país, ao comemorar-se o centenário do nascimento de um dos seus filhos ilustres.

Já lhe pesava vaidosamente no ativo o haver dado — quando da separação dos territórios do Município Neutro e da província do Rio de Janeiro — o primeiro presidente da província: Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí. Já se orgulhava de ter visto nascer João Caetano, o maior trágico do país, cujos primeiros passos em cena foram dados no teatro que hoje tem seu nome no torrão natal. Já inscrevia no rol dos seus grandes filhos o vulto de Joaquim Manoel de Macedo, professor, romancista, cronista, dramaturgo, imortalizado no bronze numa das praças da cidade. E agora cultua a memória de Salvador de Mendonça, nascido em 21 de Julho de 1841 para ser uma das mais expressivas figuras da nossa diplomacia e das nossas letras.

Salvador de Mendonça sentia o orgulho do berço. Assim como Macedo, que inscrevia sob seu nome, no frontispício de seus livros, a qualidade de natural de Itaboraí. Salvador tinha a vaidade de ter nascido no poético rincão provinciano, e ao fundar a cadeira que ocupou na Academia Brasileira escolheu para patrono o romancista da "Moreninha".

A obra diplomática de Salvador de Mendonça ainda não foi devidamente estudada, embora se fizesse sentir até mesmo na consolidação da República; sua obra literária — romance, teatro, estudos sociais, traduções magníficas — enfeita bibliotecas, como valiosa expressão da literatura indígena.

Não se lhe conhecem versos. Entretanto, Salvador de Mendonça nasceu num berço poético e morreu como um poeta, quase cego como Milton e votado à poesia polícroma dos seus rosais, que eram a paixão de sua velhice.

Itaboraí, a vila humilde de 1833, a cidade florescente de 1890, está vivendo no momento a glória de Salvador de Mendonça. Irá, em breves dias, erguer-lhe um bronze. Fazendo-o, saberá, porém, que não o imortalizará, porque os filhos, êsses sim, é que imortalizam os berços.

ELEGANTE CHÁ - COCK-TAIL



Pouco depois de começar o chá nossa objetiva apanhou este flagrante em que aparecem mme. Cousinet e mme. George Gray.



Leve esta bonequinha em auxílio das vítimas da guerra—dizia a senhorita Ginette para uma das [senhoras de nossa sociedade que estiveram presentes.



O leiloeiro improvisado apregoava um retrato de Churchill quando tirámos este flagrante. O leilão aliás era feito da maneira mais curiosa do mundo. O leiloeiro é o sr. Coblentz.

COM o ritmo de uma festa, nobre pelo motivo e nobre pela beleza e elegância das senhoras que compareceram, realizou-se no Clube Paisandú um chá-cocktail sob os auspícios do Comité Britânico de Socorro às Vítimas da Guerra, com autorização da Cruz Vermelha Brasileira.

Houve danças com o concurso das senhoritas Maria de Lacerda Franco, Joan Thompson, Joan Clark e Miriam Edwards, que acrescentaram um tom artístico à reunião da tarde de quarta-feira.

As patronesses foram as senhoras: Maria Bayma, De Batton, Edwards, Jorge Grey, Norman Hime Luker, Mc-Gregor, Hermínia de Magnin, Arthur Moses, Mutzenbacher, Maria do Carmo Nabuco, Maria de Souza e Mrs. Tiplady.



Senhoritas Maria Tereza Fontenelle e Helena Bahm no instante em que a senhorita Sílvia Cirne chegava com um pouco de chá.



Otimo flagrante conseguido pela nossa reportagem fotográfica no momento em que mme. Prothero mostrava um detalhe do papel que tem na mão a mme. Souza.

Nos salões da Embaixada da

Colômbia

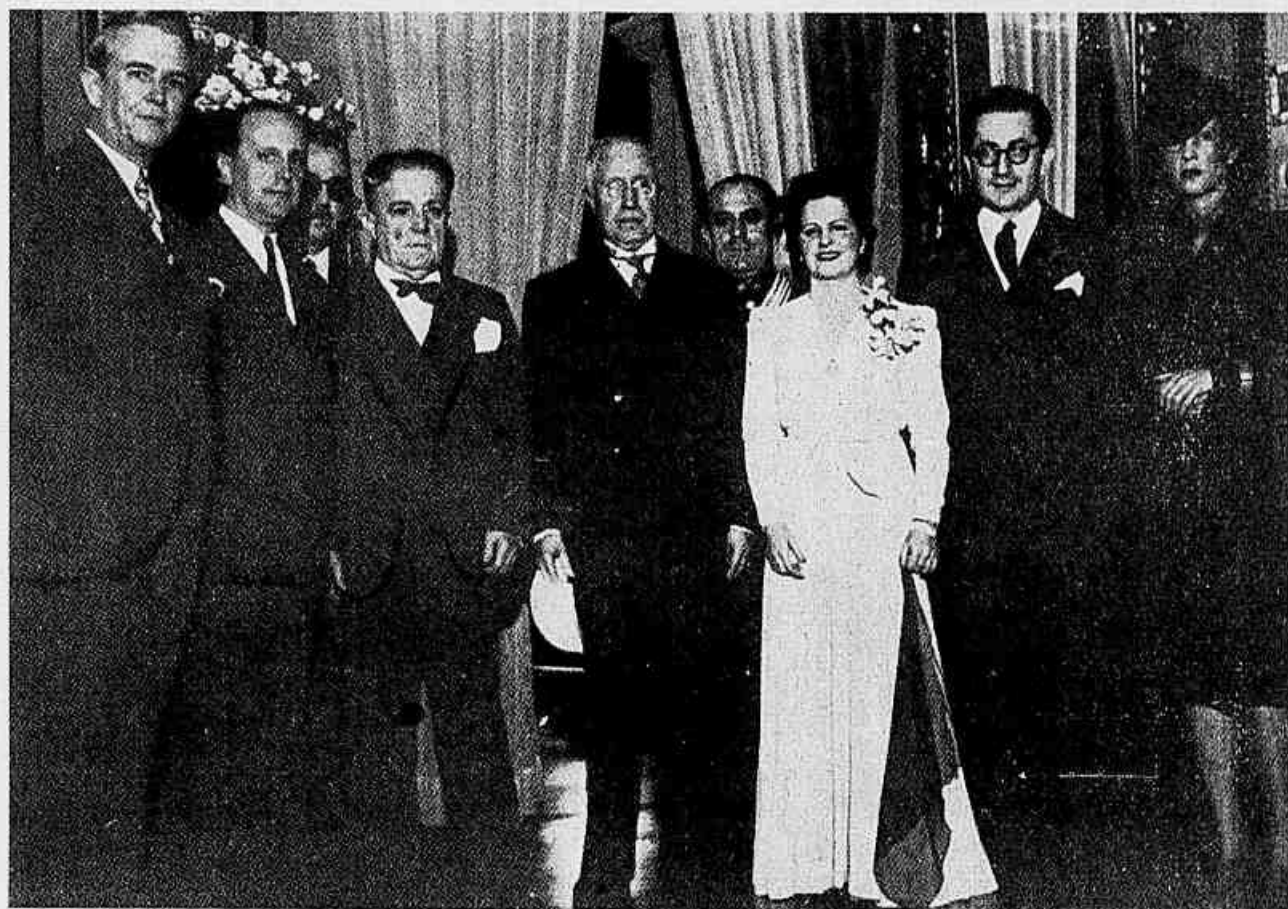


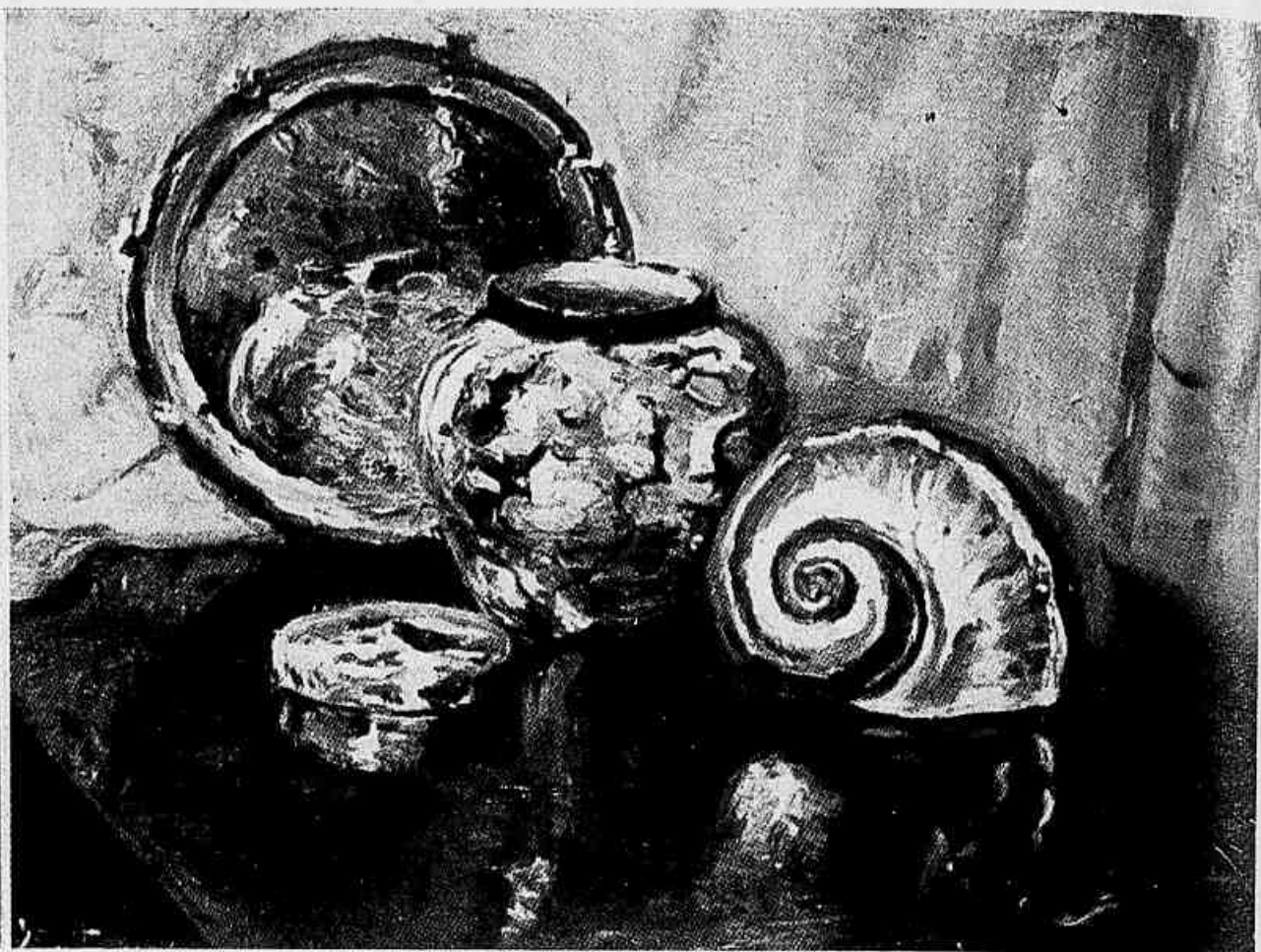
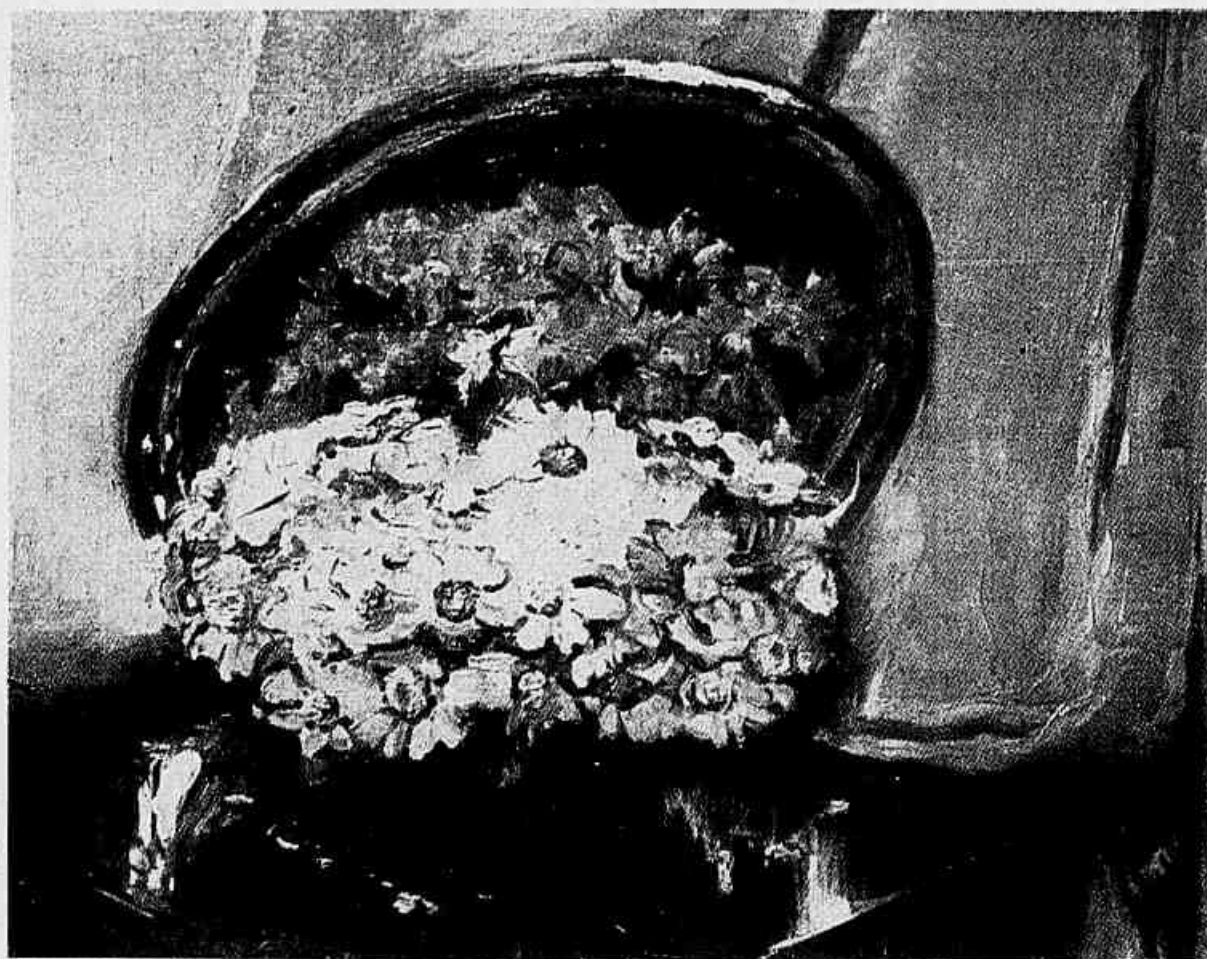
A' direita: — O Embaixador da Colômbia e senhora Lozano y Lozano ao lado de três senhoras que estiveram na elegante recepção do palacete da rua Voluntários da Pátria.

A' esquerda: — A sra. Labougle, embaixatriz da Argentina, saúda com a taça de champagne a senhora Lozano y Lozano, embaixatriz da Colômbia.

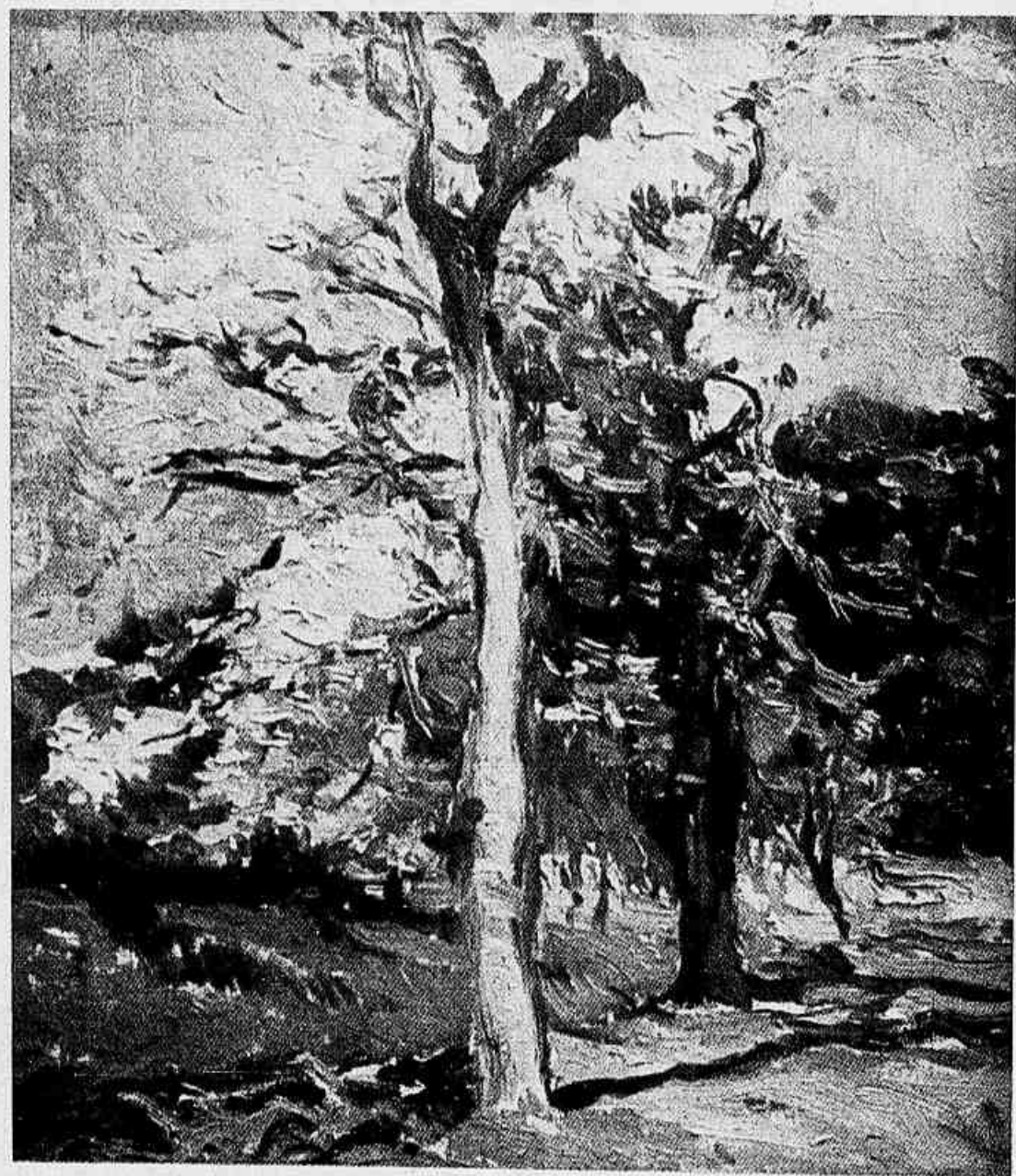
A' direita: — Os professores Henrique Roxo, Afrânio Peixoto e o dr. Levy Carneiro estiveram na recepção. Na fotografia á direita eles aparecem ao lado dos embaixadores da Colômbia.

Em baixo: Os salões da Embaixada da Colômbia ficaram repletos de figuras da nossa sociedade e do Corpo Diplomático. E' que se comemorava a data do aniversário da revolução que fez a independência da Nação amiga.





"Flôres Chilenas" é o nome desta tela de Leopoldo Gottuzzo, o artista que no sábado passado inaugurou sua mostra de quadros no Salão da Sociedade Sul Riograndense, com grande êxito artístico e mundano. Nesta tela, de um impressionismo sutil, o artista caracteriza a sua maneira de tratar as naturezas mortas, indiscutivelmente uma arte cada vez mais difícil. A direita — "Reflexos". Ao pintar estas porcelanas, Gottuzzo teve decerto a intenção de extrair da arte delicada, que fez a riqueza dos chineses, de Sévres e de Saxe toda a sua expressão pictórica.



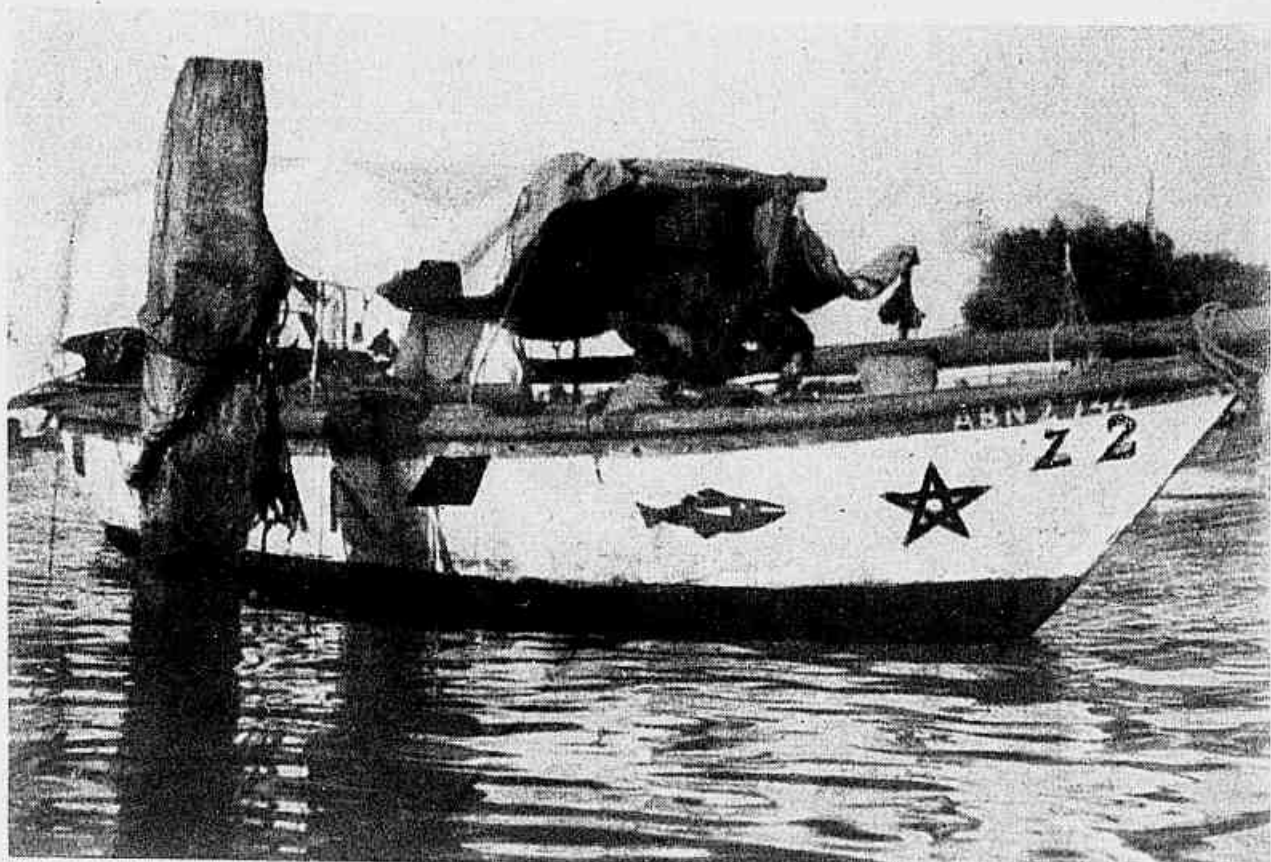
ARTE



Esta paisagem também figura na exposição de Gottuzzo. "Paineiras Floridas" é uma das mais interessantes paisagens de natureza do consagrado pintor. Na Associação dos artistas Brasileiros o Salão de Fotografia Pintural Artística alcançou grande sucesso. "Escada em Ruínas" é a bela fotografia de Fernando Guerra Durval que apresentamos à direita.

Em baixo, à direita — "Barco em Descanso" — fotografia pintural de Moacir Alves em que as tonalidades da luz e o assunto escolhido realçam surpreendentemente a beleza e a expressão plástica.

A esperada exposição de Leopoldo Gottuzzo tem uma característica em si mesma, que é a de estar muito bem organizada, e uma característica na obra do artista, que é a sensibilidade da sua emoção e a variedade de suas predileções. Paisagens, nus, trechos de cidades coloniais, e o curioso "crayon" — Cabeça de Criança — demonstram a fecundidade e a qualidade do artista. Na A. A. B. o salão de Fotografia Pintural chamou mais uma vez a atenção do público para um dos problemas mais profundos das artes plásticas no mundo contemporâneo. É o do desenvolvimento em todos os sentidos de fotografia e da gravura, que já em muitos pontos estão substituindo a chamada arte "acadêmica", na qual se faz unicamente a reprodução da natureza sem a intervenção da alma e do pensamento do artista.





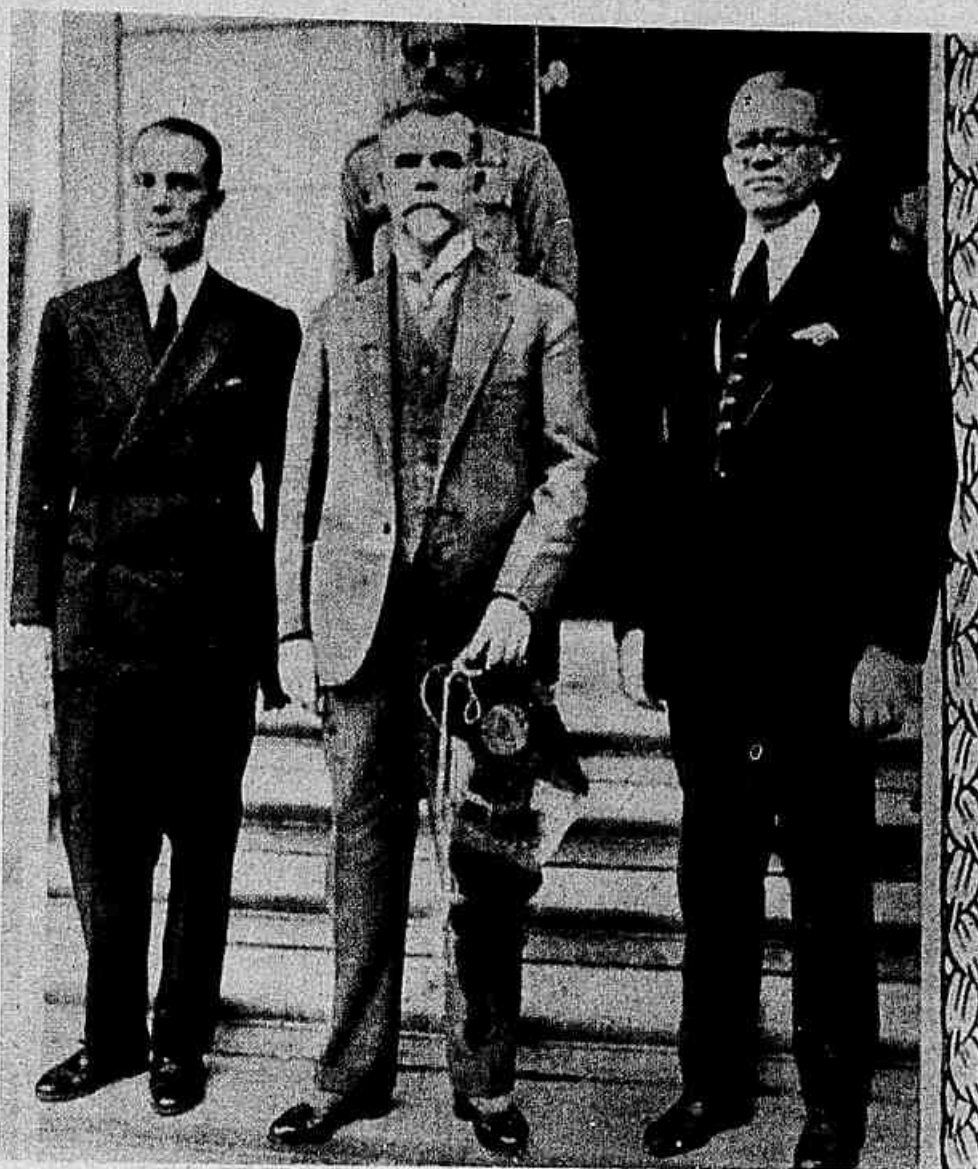
Ferrarini, que em 1928 tendo como companheiro o inesquecível Del Prete, estabeleceu o record mundial de distancia no vôo que fez de Roma ao Brasil.

A 16 de Agosto de 1928 falecia o aviador Del Prete, emocionando profundamente a população carioca como nenhum outro desastre de aviação a emocionou em qualquer época, antes ou depois. Nem mesmo o acidente do "Santos Dumont", que em Dezembro desse ano fatídico roubou à nossa cultura algumas de suas mentalidades mais expressivas, alcançou igual repercussão. E' que o "raid" Roma-Rio, feito por Ferrarini e Del Prete desde 3 de Julho até 5 de Agosto havia atraído para essas figuras da aviação italiana todo o interesse da cidade, tornando-os figuras popularíssimas.

Foi entre a alegria das festividades com que se comemorava a vitória de Del Prete e Ferrarini que um trágico desastre fere este aviador e leva Del Prete à morte.

Isso aconteceu na ponta do Galeão. Internado numa Casa de Saude com contusões gravíssimas, apesar de assistido por Miguel Couto e outros médicos, a 16 morreu Del Prete.

Ferrarini e Del Prete novamente juntos



Nesta fotografia vemos o aviador Ferrarini, que acaba de falecer, num acidente de aviação, e o embaixador da Italia, ladeando o sr. Washington Luiz que em 1928 era Presidente da República.



Vemos neste flagrante Ferrarini acompanhando, com o sr. Bernardo Attolico, embaixador da Italia naquela época, o prestito funebre de Del Prete.

As "manchettes" dos jornais emocionam a população. O entêrro desce a rua Paisandu entre alas de multidões que acompanham o cortejo até ao navio Conte Rosso que o levaria à Italia. Até nas árvores havia gente assistindo à passagem do feretro.

Ferrarini salvou-se em 1928 por um milagre. E como um irmão sofreu a morte do amigo e assistiu ao seu desenlace. Mas não se atemorizou com isso e continuou a viver no espaço, guiando aviões com uma experiência cada vez maior. Procurava reunir em si a capacidade de seu velho companheiro. Procurava viver como se os dois estivessem juntos.

Mas é apanágio dos aviadores não ter medo. E por isso em Julho de 1941 Ferrarini enfrentou a morte num vôo que, como o de 1928, era de experiência. E uma morte idêntica juntou novamente os dois companheiros dos "raids" Roma-Tokio e Roma-Rio no "raid" Vida-Morte.



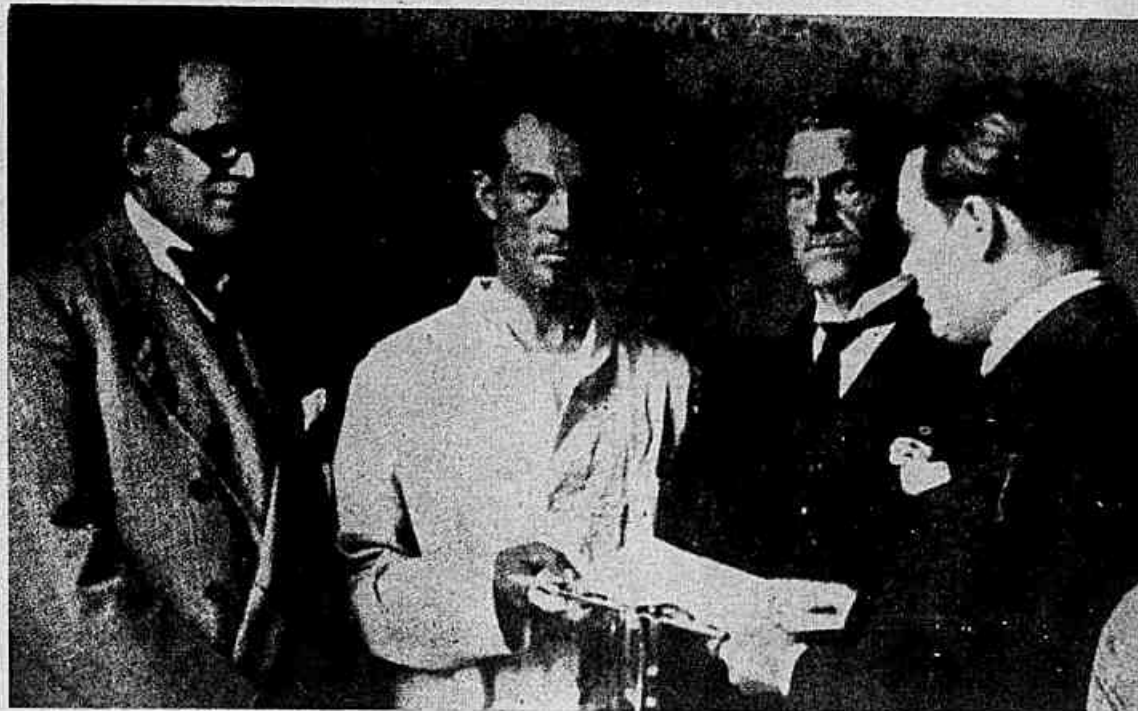
Ferrarini e Del Prete no Campo dos Afonsos, momentos após a sua chegada.



Gráfico do grande vôo feito por esses amadores em 1928.



Ferrarini e Del Prete quando chegaram a Natal.



Ferrarini, o grande aviador italiano, quando na casa de saúde em que fôra internado recebia a mensagem do povo de Barbacena.



7 horas — Faz 100 anos o Hospício. E num esforço de reportagem incalculável a nossa objetiva consegue surpreender a primeira pessoa que no dia do centésimo aniversário foi acolhida no conhecido prédio da Avenida Pasteur. Diagnóstico — alcoolismo.

No dia de sua sagração Pedro II criou o Hospício da Praia Vermelha que Guillobel e Rebelo edificaram pacientemente em mais de 10 anos. Dessa forma nasceu o mundo que é limitado pelas avenidas Pasteur e Wenceslau Braz. De 18 de Julho de 1841 a 18 de Julho de 1941 o mundo que fica no exterior do velho casarão modificou-se mais que nos últimos 30 séculos. De 18 de Julho de 1841 a 18 de Julho de 1941 o mundo que vive ali dentro foi sempre o mesmo, não mudou nada: miséria e tragédia nos doentes, abnegação nos médicos e enfermeiras, abnegação que o passar dos anos tende a transformar em humanitária rotina.

QUAL O PRIMEIRO DOENTE A PISAR NO HOSPÍCIO?

Mas apesar disso o Hospício possui história e bem movimentada. Os grossos volumes dos arquivos estão repletos de cousas interessantes. Com a ajuda do funcionário mais antigo da casa — o sr. Manoel Antônio Conveniente — resolvemos corajosamente iniciar nossas pesquisas e em poucos minutos descobríamos que o primeiro doente acolhido no casarão chamava-se Luiz Batista da Silva. Entrou no dia 6 de Setembro de 1851, tendo os médicos da época feito o diagnóstico mais simples do mundo: alienado. Há uma particularidade curiosa a respeito desse primeiro doente: não teve saída do Hospício, nem por morte, nem por evasão, nem por cura — o livro não toca nisso, deixando a impressão de que ele se evaporou no espaço.

Terminada essa descoberta sensacional tiramos com os olhos modesta perspectiva dos milhares de páginas que narram a história do Hospício. Cumpre dizer a bem da verdade que não nos apavoramos com os *calhamaços*. Mas refletimos com inteligência: caso estudemos isto tudo, que trabalho terão os Vieira Fazenda, os Capistrano, os Taunay e os Rodolfo Garcia do futuro? E para não deixar desempregados os historiadores dos dias vindouros abandonamos no mesmo momento a sala dos alfarrábios. E foi a tempo, pois já estávamos cheios de poeira.

O SR. CONVENIENTE NOS FALA SOBRE LIMA BARRETO

Já com o espírito mais calmo começamos a passear pelas enfermarias do vasto hospital. Não é um passeio aconselhável a qualquer pessoa por diversos motivos. Mas para um reporter todo passeio é bom. Com o administrador, sr. Conveniente, fomos examinar as armas fabricadas pelos loucos. Pedacos de ferro, colhéres, garfos, com pontas aguçadas, já serviram a crimes e revoltas. A grande revolta havida no Hospício foi devida principalmente aos loucos que vinham da Detenção para aquele hospital. E' que muitos presidiários se fingiam doentes mentais afim de serem removidos e poderem evadir-se. Alguns desses falsos loucos organizaram a já famosa revolta.

O sr. Conveniente nos mostra a cama em que Lima Barreto escreveu um de seus romances. Ele e o dr. Humberto Gotuzzo lhe forneceram folhas de papel almaço. — Lima Barreto tinha muito medo dos doentes. A todo momento me dizia:

AS 24 HORAS

DO

36.525° DIA

DO

HOSPÍCIO



13 horas — Passeando no pátio após um pequeno descanso. E' aí ou nas enfermarias que os doentes passam toda a tarde. O pátio destinado ás mulheres é bem afastado do destinado aos homens. Neles há a maior ordem possível.





5 horas — Chega quentinho o pão que vai alimentar as centenas de habitantes daquela verdadeira cidade que é o Hospício Nacional. Mas o nosso fotógrafo ainda chegou mais cedo.



17 horas — Realiza-se a solenidade oficial em comemoração à data. Falam o ministro Gustavo Capanema, o dr. Adáuto Botelho, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais e o dr. Jefferson de Lemos, diretor do Hospital.

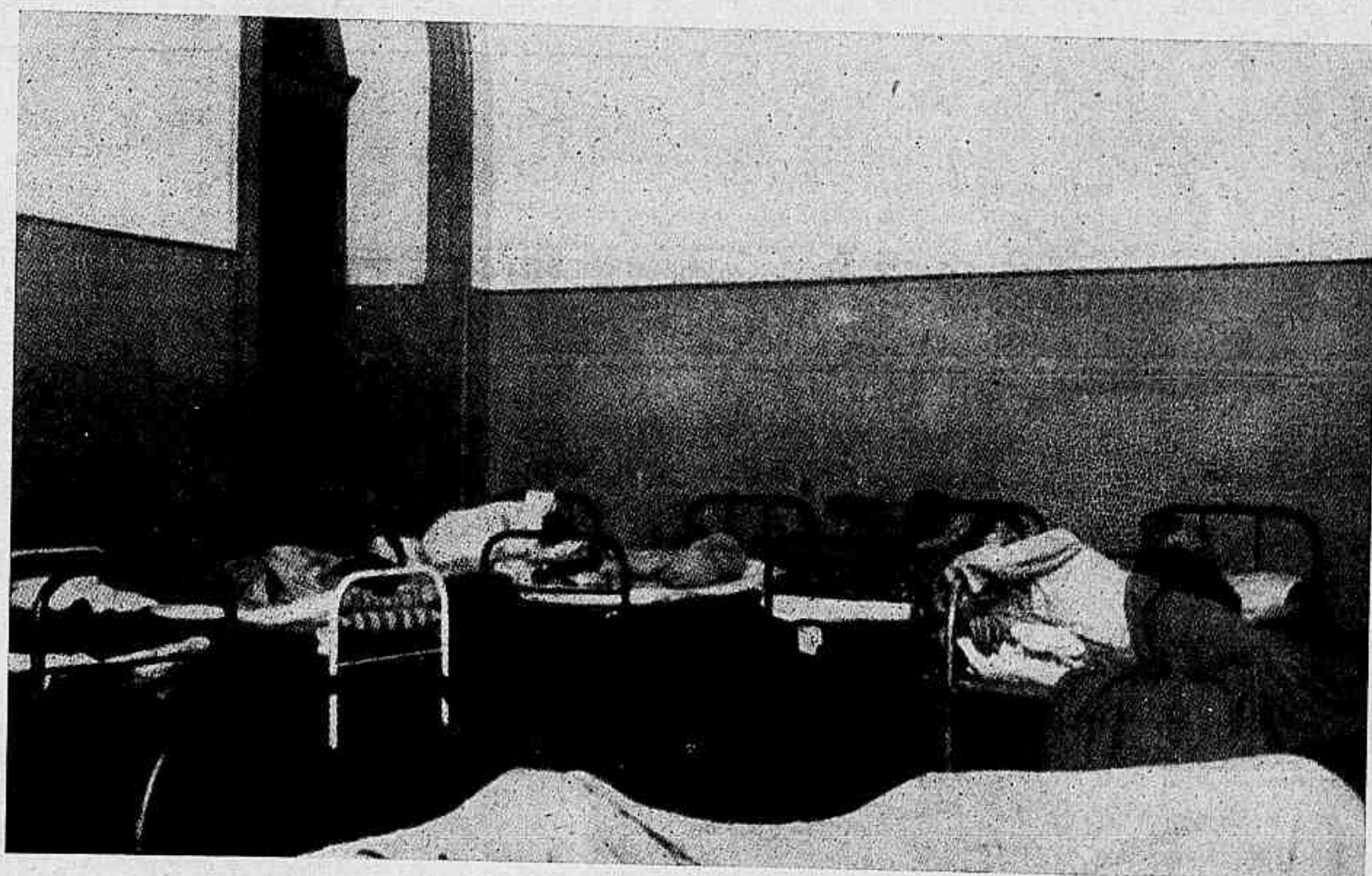


6 horas — Os doentes do velho casarão da Praia Vermelha despertam e acompanhados por dedicada enfermeira fazem a higiene matinal. Tanto para eles como para nós os dias são sempre os mesmos. Mas eles não fazem planos para o dia. E nós os fazemos.

sr. Manoel, o sr. me acautele desses loucos. Vivo aqui em perigo. E' que o escritor pensava que eles poderiam numa hora para outra bater nele ou matá-lo.

Lima Barreto esteve aqui por alcoolismo, pois bebia muito. Entrou pela primeira vez em 27 de Agosto de 1914. Era muito amigo do diretor."

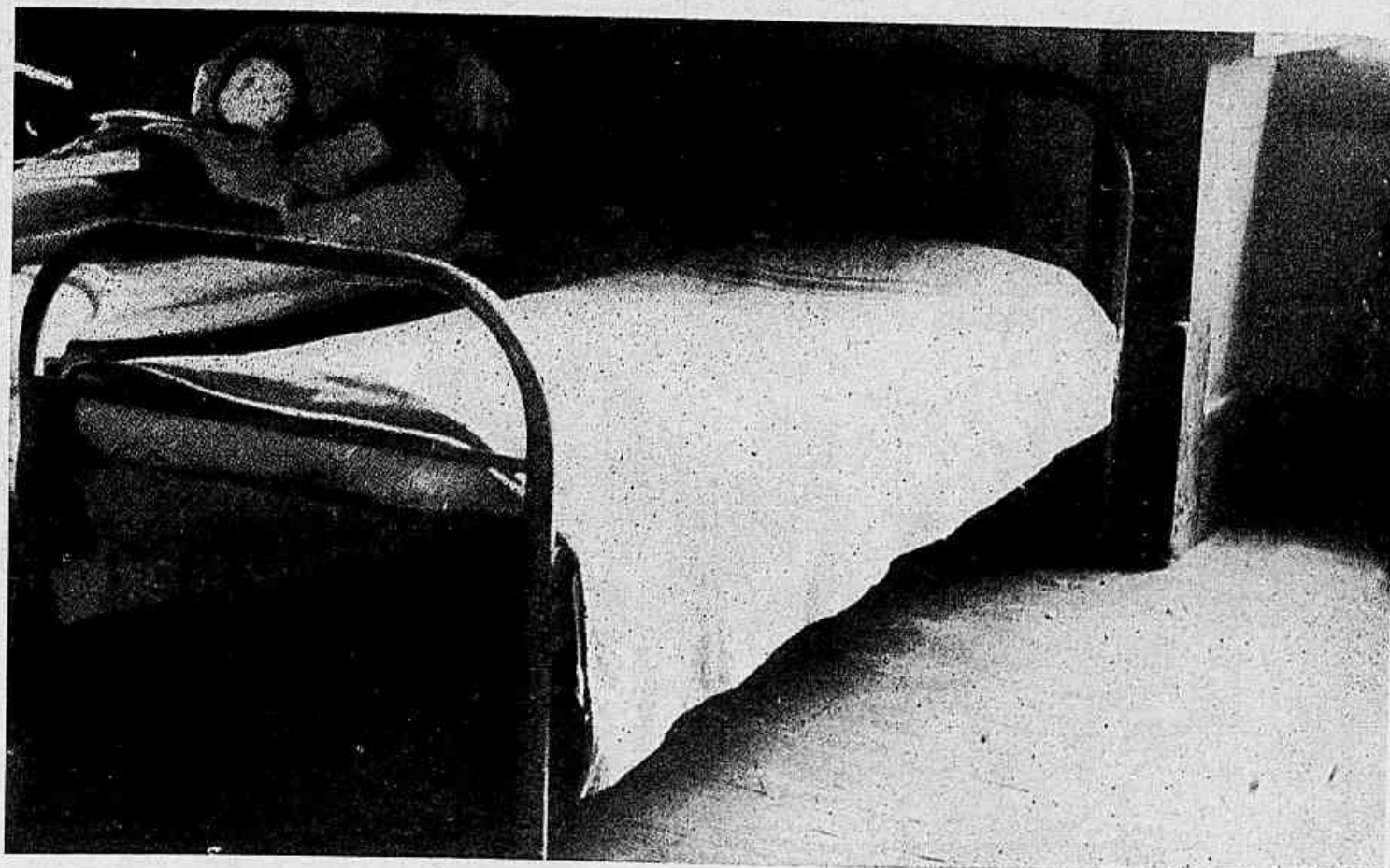
Muitas outras cousas poderiam ser contadas a respeito do velho Hospício. Cousas interessantes e cousas tristes. Cousas engraçadas e cousas trágicas. Até parece que o Hospício é um resumo bem concentrado da vida...



18 horas — Todos os doentes dormem o sono dos justos. Numa das enfermarias tirámos êste sensacional flagrante.



11 horas — Pela primeira vez na história do jornalismo brasileiro conseguimos apresentar um detalhe do almoço no Hospício. Apagamos a fisionomia da única pessoa que olhou para o fotógrafo, afim de não poder ser reconhecida.



9 horas — Nossa reportagem descobre uma cousa sensacional. A cama em que Lima Barreto escreveu um de seus interessantes romances. Lima Barreto foi de certo o personagem mais importante que passou pelo Hospício nos seus 100 anos de vida. Mas além dêle muitos outros. Boêmios, jornalistas, automobilistas e médicos acima de tudo. Vemos acima, numa fotografia certo destinada a ser histórica, a cama que serviu de mesa ao grande romancista brasileiro, colocada ainda no mesmo local.

Obras de toda a especie, de grande ou pequeno tomo, exaltando ou detraindo Napoleão, enchem um mundo de bibliotecas. A vida de tal homem ocupou, ocupa, ocupará a existencia de muitos homens.

Todos eles hão de concordar num ponto, na impossibilidade a mais absoluta de conferir a Napoleão o titulo de calígrafo, pois escrevia ilegivelmente. Qualquer autografo napoleónico carece decifração paciente. Nos arquivos de França se encontram peças originaes de Napoleão acompanhadas de copias emanadas de secretarios dele, o barão Fain em primeiro logar, copias sem as quaes as peças seriam incompreensíveis.

No estudo dos dias, geniaes muitas vezes, de Napoleão, cumpre guiar-se por obras precipuas quaes o **Memorial de Santa Helena** publicado por Les Cases, o **Complemento do Memorial** pelo Dr. O'Meara, medico de Napoleão, dele companheiro na travessia para Santa Helena. Nem se esqueça, para confronto, o **Contra Memorial de Santa Helena** devido a Hudson Lowe, governador da ilha e custodio antipatisado do celebre prisioneiro.

Barry O'Meara nasceu na Irlanda em 1786. Formou-se na Escola Real de Cirurgia de Dublin. Medico da armada vio guerra na Siciia e no Egipto. Por suas funções aproximado de Napoleão, O'Meara, desde partida para Santa Helena, sem duvida compreendendo a importancia futura de notas por ele tomadas consignando o teor de suas conversas com Napoleão, começou a registrar taes notas cada vez mais copiosas.

Em Santa Helena, por quasi semestre, ponde O'Meara prestar cuidados a Napoleão na maior liberdade. Com a chegada á ilha de Hudson Lowe, em Abril de 1816, a situação mudou, a ponto de querer Napoleão que O'Meara apresentasse demissão, á vista do cercar de suas obrigações profissionais.

Contrariando ordens de Hudson Lowe, que o demittira e prohibira qualquer relação com "o general Bonaparte", O'Meara despedio-se de Napoleão. Entregou-lhe este uma carta ditada ao conde Bertrand, e subscrita por Napoleão, na qual se encontrava o seguinte topico: "Peço a meus parentes e amigos que acreditem em tudo o que o doutor O'Meara lhes dirá a respeito da posição em que me encontro e quanto aos sentimentos que conservo."

O'Meara, já na Europa, dirigio ao Almirantado inglês minuciosa e longa carta espondo a vida do detido de Santa Helena. A resposta foi a demissão de O'Meara do serviço da marinha real. Em Julho de 1819, editado em Paris, veio á publicidade o **Diario** de O'Meara, avidamente lido. Era o primeiro a noticiar a posição do Homem de Santa Helena, comparado a Prometeu no seu rochedo. Pelos proprios companheiros de Napoleão foi o **Diario** de O'Meara proclamado revelador só de cousas verdadeiras sem eiva de exageros.

ESCRAGNOLLE DORIA

DEPOIMENTO DE NAPOLEÃO

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O'Meara morreu em Londres a 5 de Junho de 1836. Durante a vida dele, Hudson Lowe calou, só contestando o morto em 1853. Dizel-o basta, para que qualificar o procedimento?

Napoleão gostava de tratar das suas guerras. A 8 de Novembro de 1816, o **Diario** de O'Meara, traz o seguinte depoimento do grande capitão inquirido pelo medico sobre o insuccesso da campanha da Russia:

"Ao frio, ao frio prematuro e ao incendio de Moscou, respondeu Napoleão, attribuo o desastre". E começando a recordar não parou mais de narrar.

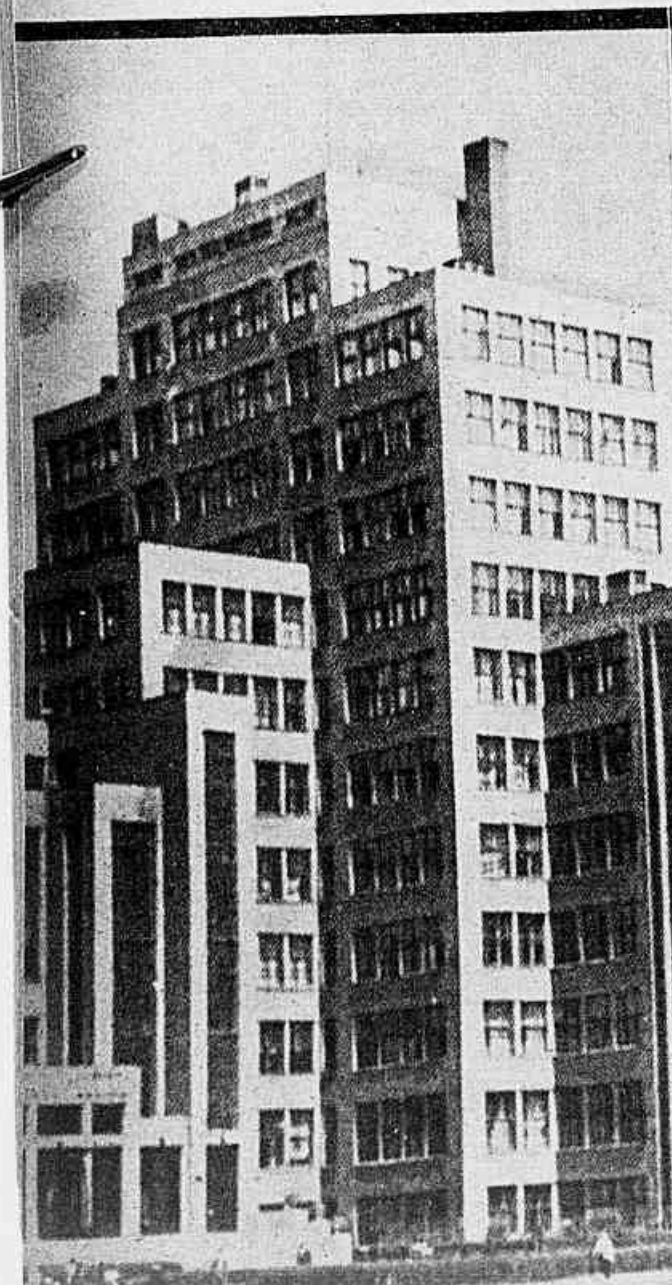
"Estava — disse — havia alguns dias na retaguarda; calculara o frio reinante por espaço de cincoenta anos, e o frio extremo jamais começara antes de 20 de Dezembro, vinte dias mais tarde do que começou. Quando me achava em Moscou reinava frio de tres grãos, e o Francez o suportava com prazer, mas durante a marcha o termometro desceu a dezoito grãos, e quasi todos os cavalos morreram. Perdi trinta mil numa só noite. Houve necessidade de abandonar quasi toda a artilharia, composta de quinhentas peças; não se podia levar nem munições, nem provisões. Não podiamos, por falta de cavalos, realizar um reconhecimento, ou mandar uma vanguarda de cavalaria para reconhecer o caminho. Os soldados perdiam coragem e razão, entrando em confusão. A mais insignificante circunstancia os alarmava. Quatro ou cinco homens bastavam para alarmer um batalhão inteiro. Em vez de ficarem reunidos erravam separados em busca de fogo.

Quantos eram mandados como exploradores corriam a aquecer-se nas casas. Espalhavam-se por todos os lados, debandavam tornando-se facil presa para o inimigo. Outros se deitavam no chão e adormeciam; um pouco de sangue lhe sahia pelas narinas, e morriam dormindo. Milhares de soldados pereceram assim. Os Polonezes salvaram alguns cavalos e um pouco de artilharia; mas os Francezes e os soldados das outras nações não eram mais os mesmos homens. A cavalaria padecia sobremaneira; de quarenta mil homens apenas tres mil sobreviveram.

Sem o incendio de Moscou eu teria vencido, passando ahi o inverno. A cidade contava mais ou menos quarenta mil habitantes, por assim dizer escravos. Eu teria proclamado a libertação de todos os escravos na Russia, e abolido a vassalagem e a nobreza. Com isso obteria a união de um partido imenso e poderoso. Teria celebrado a paz em Moscou, ou então em ano vindouro marcharia para S. Petersburgo.

Alexandre sabia d'isso, tanto que mandára diamantes, objetos preciosos e navios de guerra para a Inglaterra. Eu derrotára os russos na grande batalha da Moskowa; ataquei com noventa mil homens o exercito russo contando duzentos e cincoenta mil, fortificado até os dentes, e o derrotei. Setenta mil russos morreram no campo da ação. Teve o inimigo a impudencia de atribuir-se a vitoria, embora eu marchasse para Moscou.

A' direita: Odessa, situada no sul da Ucrânia, á margem do Mar Negro e nas proximidades da embocadura do Dniester, é considerada a terceira cidade da Rússia. Sua população ultrapassa a 600 mil habitantes. Fundada pelos antigos gregos, Odessa é reconhecida como uma das mais belas cidades do oriente europeu. Numerosas praças, ruas bem arborizadas e largas dão-lhe um aspecto de cidade americana, em contraste com a grande maioria dos centros urbanos da região centro-oriental da Europa.



A' esquerda: Um dos edificios da administração pública de Cracovia. Situada na Galícia, esta cidade, que é realmente polonêsa, possui perto de 500 mil habitantes. Nas lutas pela liberdade nacional na Polónia, Cracovia tem desempenhado papel primordial. Sua famosa Universidade colocou-a sempre ao lado dos maiores centros culturais da Europa Central. Durante muitos séculos, Cracovia constituiu motivo de disputas entre a Austria e a Rússia, e depois a Prússia. Quando se iniciou a última grande guerra, Cracovia estava sob jurisdição do Império Austro-Húngaro.

Aspéctos

Dous dias depois marchava no meio de uma bela cidade com provisões para um ano, porque, na Rússia, havia sempre mantimentos para varios meses antes da vinda da geada. Os armazens de toda especie estavam abarrotados. As casas dos habitantes se encontravam bem providas, e a mór parte delas conservára criadagem, a nós bastante util. Muitos proprietários haviam deixado bilhetes nos quaes pediam aos officiaes francezes de posse de seus domicilios o favor de poupar os moveis e outros objectos; dizendo terem entregue tudo quanto nos fosse necessario, que esperavam regressar dentro de poucos dias, quando o imperador Alexandre arranjasse as cousas, quando eles proprietários teriam bastante satisfação ao vê-los.

Varias senhoras ficaram, na cidade, sabedoras de não termos feito offensa alguma aos habitantes de Berlim e de Vienna. Aliás se contava com uma paz proxima. Esperavamos gozar por conta proprio nos quartéis de inverno, com esperança de exito na primavera. Dous dias após nossa chegada surgiu o incendio.

A principio não pareceu muito alarmante, tanto que se o attribuiu a nossos soldados por acenderem fogos muito perto das casas, quasi todas de madeira. Affligio-me a circumstancia e dei ordens extremamente rigorosas a tal respeito aos comandantes de regimentos e outros.

No dia seguinte o fogo aumentára, mas não ainda de molde a suscitar receios sérios. Entretanto, temendo que o fogo nos alcançasse, montei a cavallo e dei todas as ordens possiveis para apagar o incendio. No dia subsequente, soprando vento de violencia, o incendio propagou-se com a maior rapidez. Centenas de miseraveis, pagos para isso, dispersaram-se por diversos quarteirões da cidade e por meio de mechas escondidas debaixo de seus mantos, ateavam fogo ás casas expostas ao vento, o que era facil por causa das materias combustiveis de sua edificação. Tal circumstancia, ajuntada á violencia do vento, tornou inuteis todos os esforços para extinguir o incendio.

Eu próprio custei a livrar-me com vida. Affim de abir exemplo, expus-me em meio ás chamas, tive os cabelos e as sobrancelhas queimadas, queimada ficou minha roupa nas costas. Todos os esforços foram vão por destruidas a mór parte das bombas, aproximadamente mil, e creio que não encontrámos uma sequer em estado de servir.

Alem do mais, os miseraveis pagos por cuidados de Rostopckin (o governador de Moscou em 1812) corriam de um lado para outro, reacendendo o fogo por toda a parte com suas tochas, no que eram por demais secundados pelo vento. O terrivel incendio destruiu completamente a cidade. Eu estava preparado para tudo, salvo para semelhante successo.

O golpe era imprevisito: quem poderia crêr que uma nação incendiaria sua capital? Entretanto os proprios moradores da cidade empenharam todos os esforços para apagar o fogo e varios pereceram na tentativa. Trouxeram á minha presença numerosos incendiarios munidos de tochas, impossivel reconhecer os no meio de um tal populacho. Mandei fusilar umas duas centenas desses miseraveis. Sem o fatal incendio, eu dispunha de tudo quanto carecia um exercito: excelentes quartéis de inverno, provisões de todo genero,

e o ano futuro tudo teria decidido. Alexandre teria celebrado paz, ou eu teria ido a S. Petersburgo."

Nesse ponto de narrativa seguida, O' Meara perguntou a Napoleão se ele acreditava ter podido subjugar inteiramente a Russia.

"Não, mas eu e teria obrigado a concluir uma paz conveniente aos interesses da França. Deixei Moscou cinco dias muito tarde. Varios generaes foram arrancados de suas camas pelo fogo. Eu permaneci no Kremlin até ser cercado pelas chamas. O fogo alcançou os armazens chinezes e indús, e vários depositos de oleo e de alcool, que se inflamaram.

Retirei-me então para uma casa de campo pertencente ao imperador Alexandre, mais ou menos a uma legua de distancia de Moscou, e o senhor pôde por si mesmo avaliar a intensidade do fogo se eu lhe dissêr que mal se podia pôr as mãos sobre as paredes ou janelas voltadas para Moscou, tanto estavam esquentadas.

Espectaculo de um mar de fogo, montanhas de chamas rubras e torvelinhantes como vagas se alteavam de repente sob um céu abrasado para recairem em seguida em igneo oceano. Foi o espectáculo mais sublime e mais terrivel que contemplei em minha vida."

"Vamos, doutor." Servia-se Napoleão destas palavras quando desejava que O' Meara se retirasse.

A narrativa napoleonica O' Meara acrescentou informação colhida do general Gourgaud. Dissêra-lhe este que, "na confusão do incendio, numerosos corvos, sempre por milhares em Moscou, se empoleiraram em massa sobre as torres do Kremlin de onde desciam volteando em torno dos soldados francezes batendo asas e crocitando como se ameaçassem aqueles soldados de destruição que os esperava. Gourgaud acrescentára que tal espectáculo desencorajára as tropas, considerando-o elas de mau presagio."

No *Diario* de O' Meara, Napoleão é figura central, de revelações curiosissimas. Uma nos mostra Napoleão receoso de ser enterrado vivo e partidario da cremação do seu cadáver. "E' o melhor meio, dizia, de acalmar todos os temores. A resurreição devendo operar-se por milagre, facil é ao Ser com o poder de reunir os restos dos mortos reformar-lhes os corpos com as cinzas deles".

Das enfermidades á morte tal o destino do ser humano. Trabalhado por doença, Napoleão mostrou a O' Meara

que sabia estar se avisinhando da morte, dizendo-lhe em italiano, lingua á qual não raro recorria: *sento che la macchina se me va giornalmente*. Só na Russia quantas peças da maquina se haviam desgastado...

Eschagnolle Doria

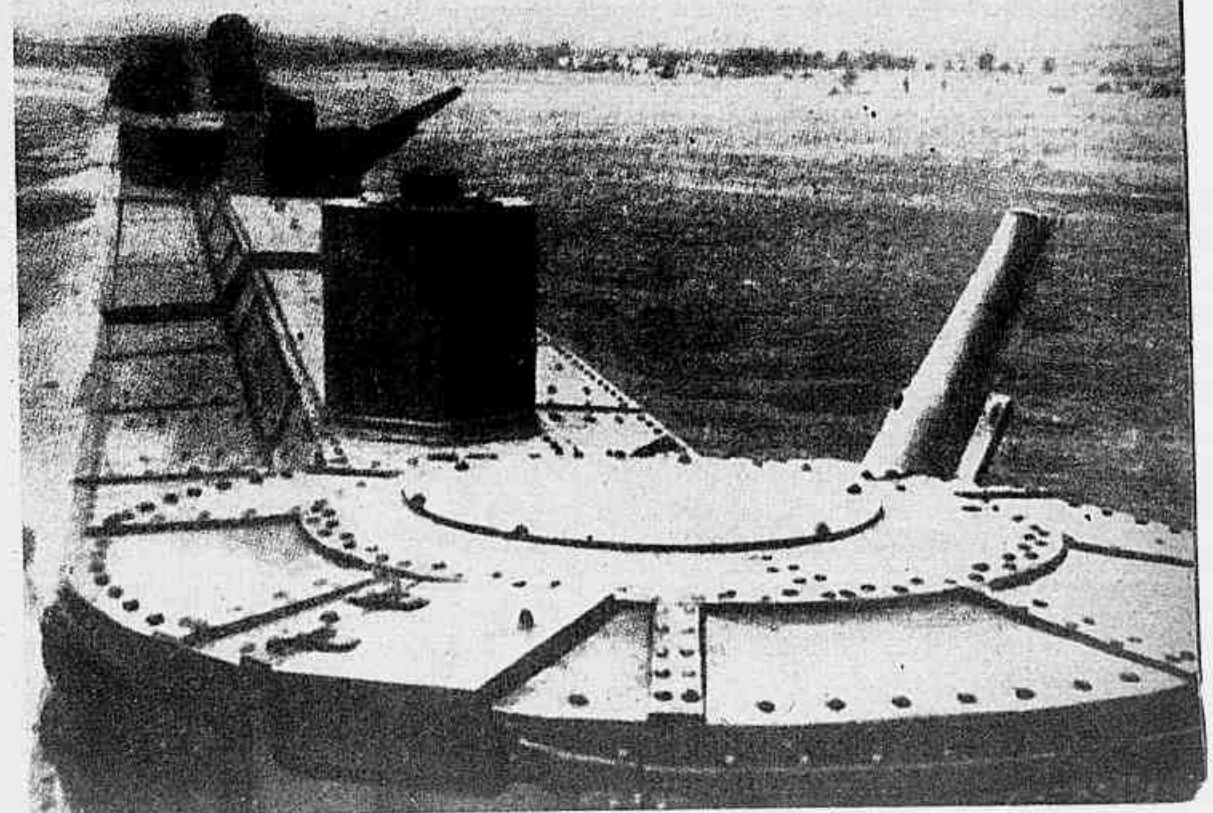


Napoleão em Santa Helena
(Croquis do general Gourgaud)



A' esquerda: Uma vista do rio Dnieper tomada da cidade de Kiew, capital da Ucrânia. Esta cidade, que é uma das mais velhas da Rússia, foi construída sobre montanhas, e apresenta, com as numerosas cúpulas de suas igrejas, um aspecto vivamente pitoresco. Kiew foi o grande centro religioso do Império Russo; cerca de 200 mil peregrinos visitavam-na anualmente, atraídos pela tradição de benignidade dos seus templos, que ascendem a mais de 120. Com população superior a 600 mil habitantes, Kiew é banhada pelo Dnieper, que nesse trecho apresenta largura superior a cem metros. Durante a última grande guerra, os alemães conseguiram ocupar Kiew em Março de 1918, sendo obrigados a abandoná-la em Dezembro do mesmo ano.

Em baixo: Tipo de trem blindado das tropas do exército russo.



os da Rússia



DR. FORJAZ COUTINHO O aniversário do dr. Forjaz Coutinho, no dia 18 do corrente, foi motivo para que seus amigos prestassem a s. s. significativa homenagem que se traduziu numa missa em ação de graças na igreja da Candelária, onde colhemos este aspecto.

NOTICIARIO

DR. LOURIVAL FONTES

Transcorreu no último domingo, vinte dêste mês, o aniversário natalício do dr. Lourival Fontes, ilustre diretor geral do Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda.

Em virtude dêsse acontecimento, foi o eminente patricio alvo de carinhosas manifestações que partiram não somente do mundo jornalístico do Rio e dos Estados mas também de todas as classes sociais.

Assim, por cartas e telegramas, bem como pessoalmente, em sua residência no Leme, o dr. Lourival Fontes e sua exma. senhora d. Adalgiza Nery Fontes receberam expressivas homenagens.

A todos que estiveram em sua residência o distinto casal recebeu com alta distinção e fidalguia.

26 As sras. Terezita Porto da Silveira, Isaura Vernieri Lopes e Guiomar de Figueiredo; a srta. Beatriz Silveira Romero; os srs. dr. Alvaro Miguez de Melo, dr. Cassiano Ricardo,

ANIVERSARIOS

27 As sras. Sílvia Orlandini, Loy da Rocha; os srs. dr. Pio Borges e dr. Herbert Moses.



AURORA BRUZON A joven patricia, que tão aplaudida foi recentemente, em sua tournée pela América do Norte, apresentar-se-á hoje, às 17 horas, ao nosso publico, no Teatro Municipal. No recital, ansiosamente esperado, Aurora Bruzon interpretará Beethoven, Couperin, Chopin, Borchtchewitz, Scriabin, Liszt, Itibe-ê da Cunha, Lorenzo Fernandes e outros autores.

28 As sras. Luiza Ferreira de Campos e Ana Príncipe; as srtas. Ida dos Santos Pereira, Maria Lucília Hallier, Alice Pinto Guedes; o dr. Alfredo Polzin.

29 A sra. Olga Pereira; a srta. Odete Silva; os srs. Alberto Lima, nosso querido companheiro de trabalho, e Francisco Ramos.

30 As sras. Cruz Gomes e Cléa Pereira da Silva; o sr. Otávio José da Silva.

31 As sras. Zilda Ruas, viuva dr. Ramiro Magalhães; as srtas. Maria Inês Magalhães, Maria do Carmo Santos; o sr. Manoel Torres.

1.º A sra. Oliveira Machado; a srta. Marieta Lima; os srs. dr. Miguel Osório de Almeida e dr. Demócrito Barreto Dantas.

ALMOÇO OFERECIDO PELO INDUSTRIAL SR. PEDRO SUCCAR E FAMÍLIA AO SR. GENERAL BENÍCIO DA SILVA E SENHORA



Revestiu-se de grande brilhantismo e cordialidade a homenagem prestada pelo industrial PEDRO SUCCAR e família ao Exmo. Snr. General VALENTIM BENÍCIO DA SILVA e SENHORA, no almoço realizado no domingo, dia 20 do corrente, na sua aprazível residência, à rua Andrade Neves, nº 46, presidido pelo Snr. Ministro da Guerra General EURICO GASPARD DUTRA e SENHORA e no qual tomaram parte: Ministro WASHINGTON VAZ DE MELLO e SENHORA; GENERAIS IZAURO REGUEIRA e SENHORA; LUIZ DE SOUZA DOCCA e SENHORA; Coronéis PAULA CIDADE; OSCAR LISBOA e SENHORA; Comendador PALECMIRO BARBARA e SENHORA; Comerciante Sr. NAHUM ANTONIO GANEM e Filha; Engenheiro ALEXANDRE PLEMONT e SENHORA; Dr. JORGE DE VASCONCELOS e SENHORA; Tenente STOLL e SENHORA; e outras pessoas da nossa alta sociedade.

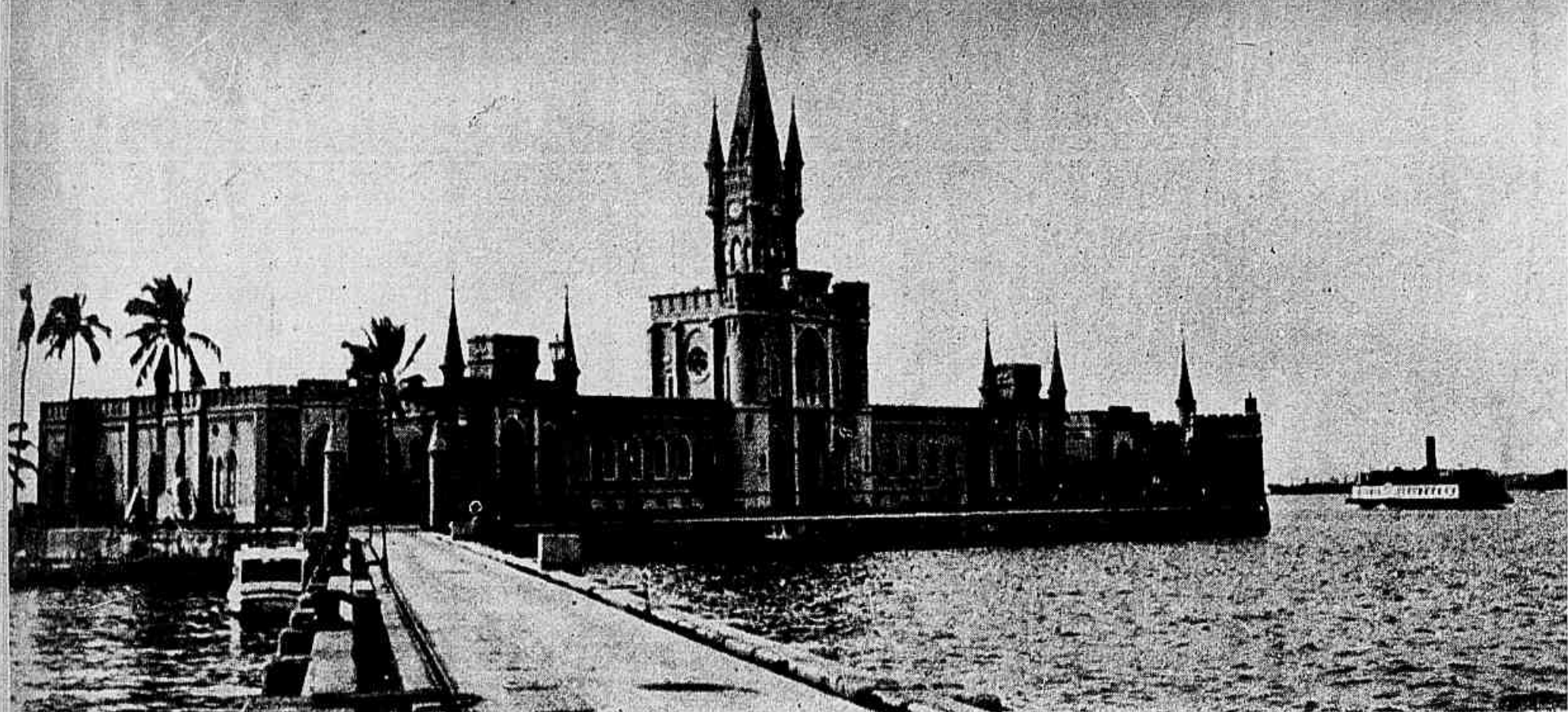




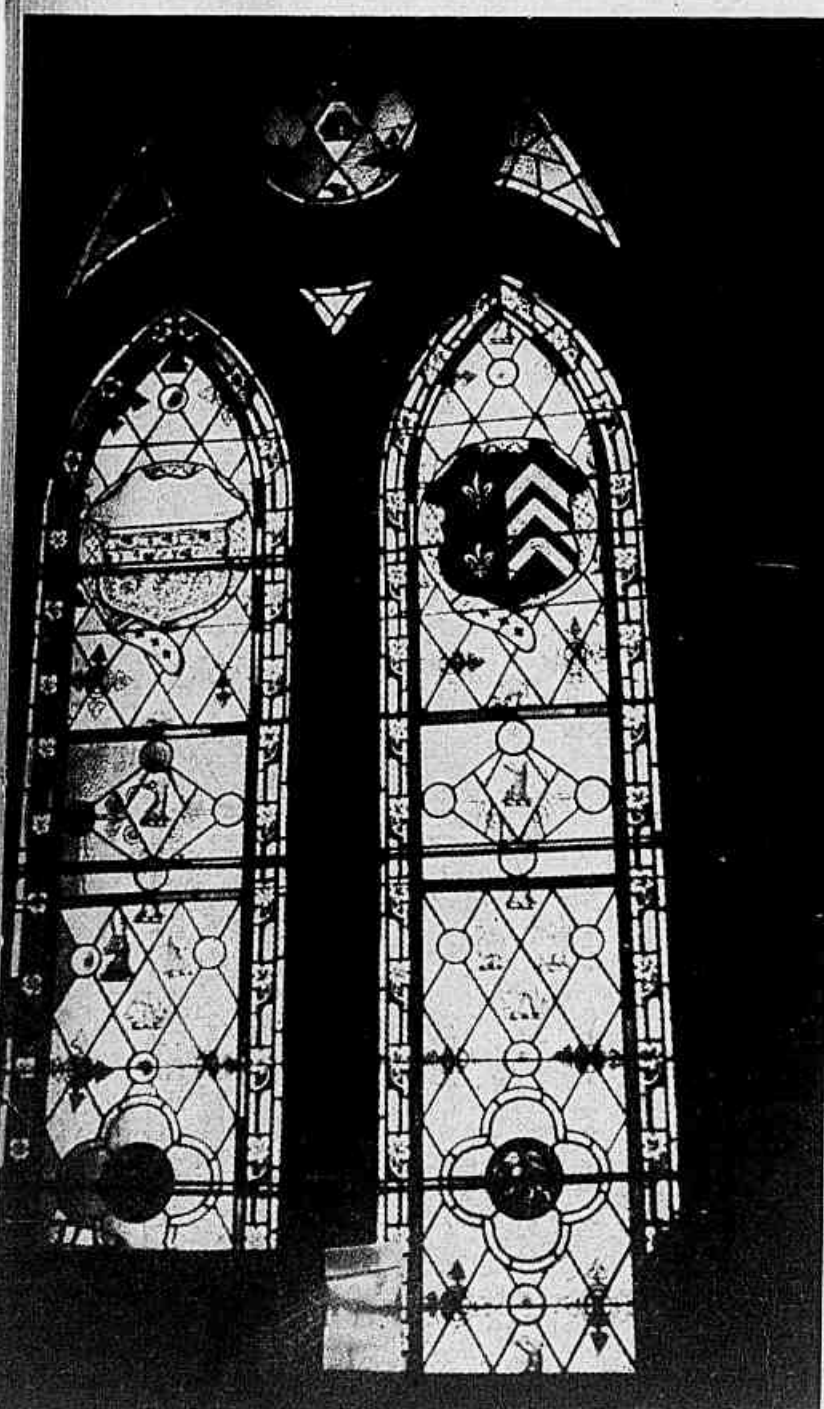
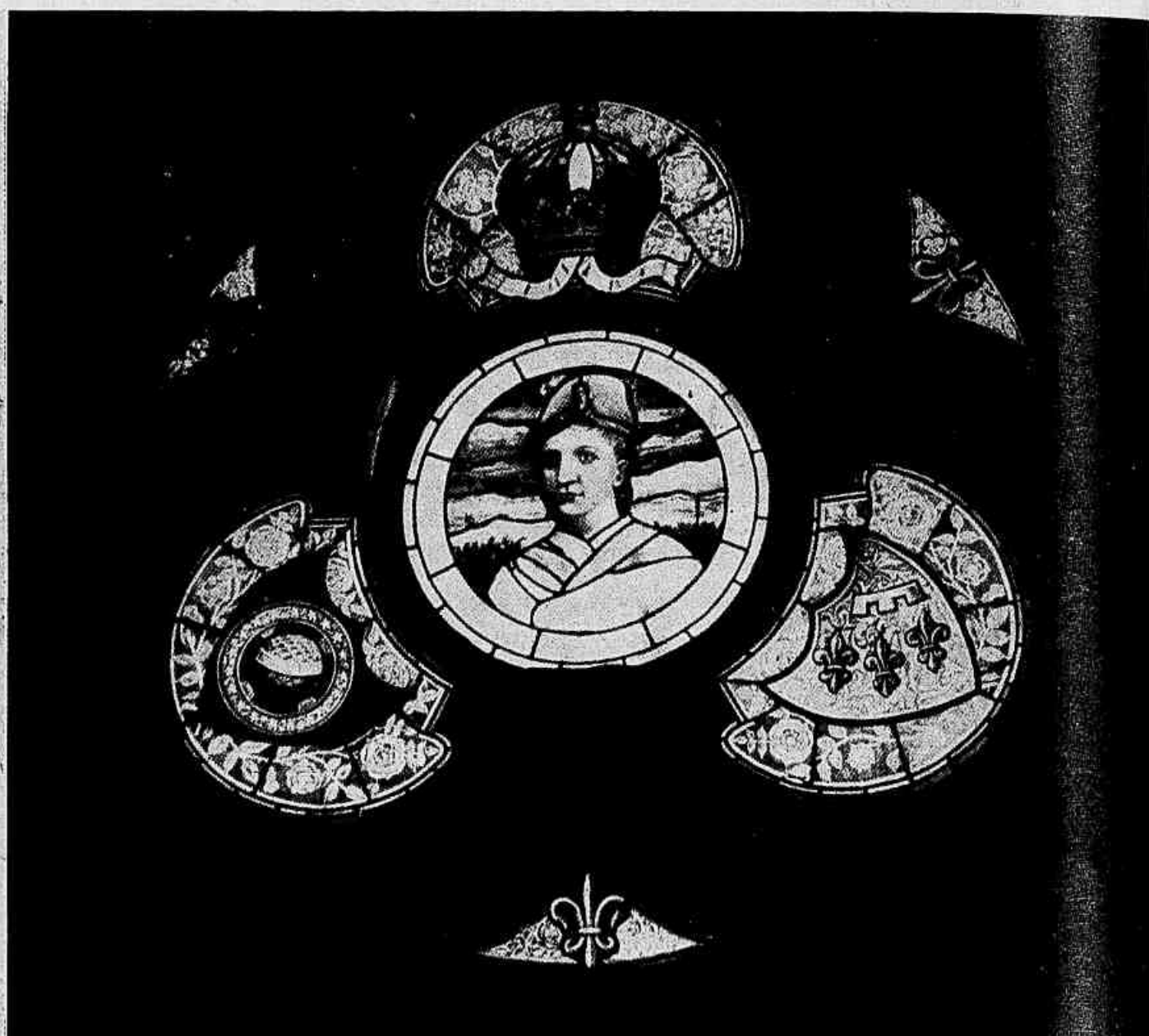
JOCKEY CLUB mundano



As tardes mundanas do Jockey Club Brasileiro tornaram-se desde há muito tempo tradicionais na vida elegante da Cidade. Apresentamos nesta página diversos aspéto da sociedade brilhante que ali compareceu no último domingo.



O BAILE DA ILHA FISCAL EM 1889



Em "Joujoux e Balangandans de 1941" destacou-se singularmente o quadro "Baile da Ilha Fiscal" organizado pelo sr. Henrique Liberal, no qual tomaram parte entre outras pessoas as embaixatrizes sras. Jefferson Caffery, Mariano Fontecilla e Nobre de Melo. Já anteriormente polêmicas e entrevistas haviam surgido em nossa imprensa sobre o famoso baile de 9 de Novembro de 89.

Era ministro do Chile em nosso país nessa época D. Manuel de Villamil Blanco. Dias antes chegara o encouraçado chileno "Almirante Cochrane", comandado por D. Constantino Banner. Varias festas e recepções lhes foram dedicadas e, superando todas, o baile oferecido pelos

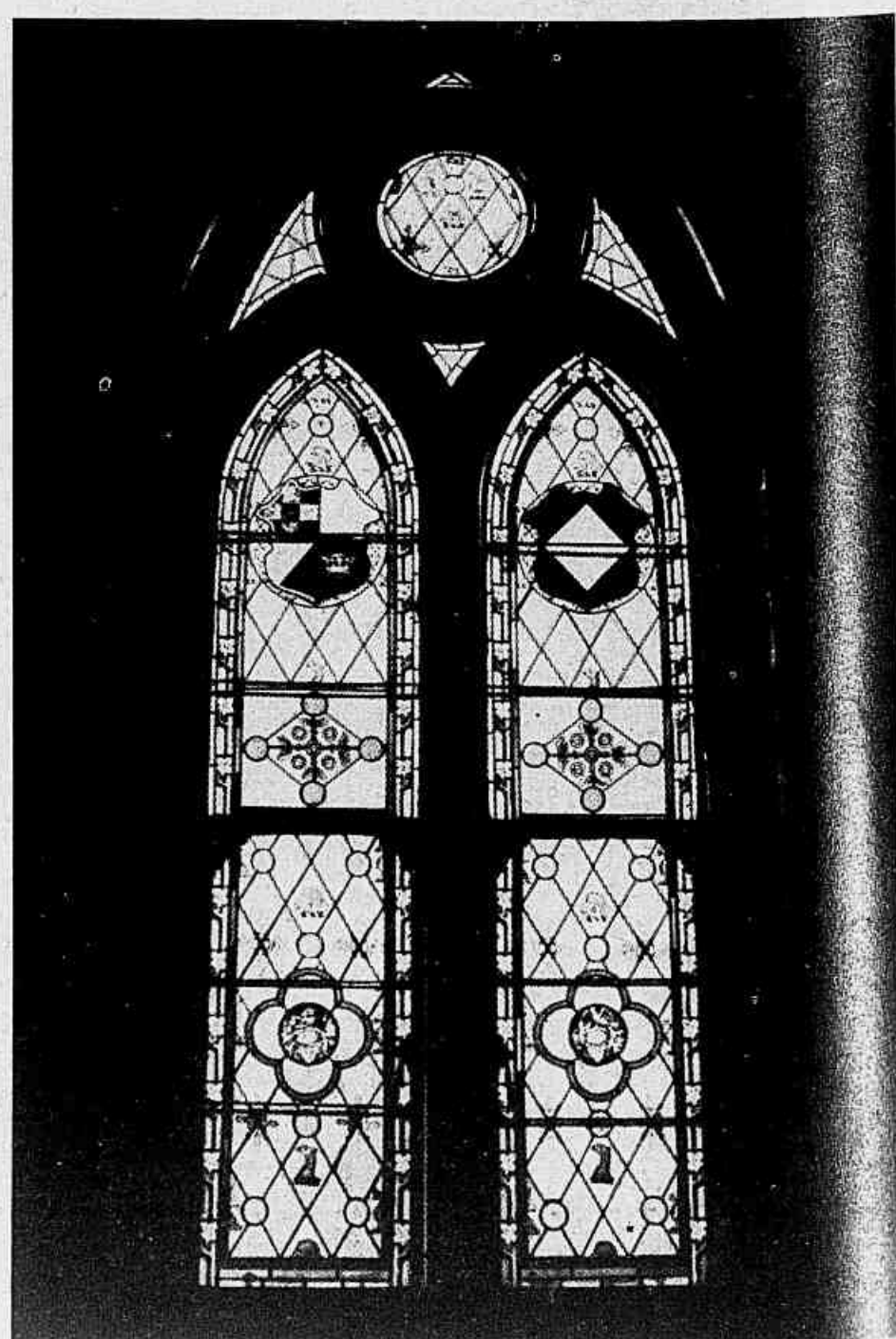
Ao alto — A velha Ilha Fiscal, com o seu edificio que parece uma fortificação gótica. Nela realizou-se com pompa o último baile da monarquia. Nos seus pátios, ou nos seus salões, entre os coqueiros que o vento vindo da barra levemente arqueava, caminharam e dançaram as aristocratas elegantes e os poetas de 1889. A juventude e o "grand-monde" se reuniram nesse cenário romantico na noite de sábado para domingo, 9 para 10 de Novembro de 1889. No inicio da festa o Imperador escorregou. Quando o foram amparar, disse, sorridente: — a monarquia escorrega mas não cai. Cinco madrugadas após era 15 de Novembro.

Ao centro, á esquerda — No luxuoso salão do primeiro andar os vitrais heráldicos apresentam em situação de destaque o segundo imperador brasileiro. Nossa reportagem se esmerou em fotografar detalhes que se conservam como foram na época da festa em homenagem aos chilenos.

Ao centro, á direita — Noutro vitral da mesma sala está o retrato da princesa Isabel encimado por uma coroa e tendo ao lado esquerdo o seu braço e ao lado direito o de seu marido conde D'Eu. Por que não se encontra ali o retrato da Imperatriz Tereza Cristina? Será que os vitrais foram colocados num dos periodos em que Isabel foi regente? Parece que sim.

A' esquerda — Um dos vitrais heráldicos que ornamentam as janelas góticas da Ilha Fiscal!

A' direita — Outro vitral heráldico existente num dos corpos do edificio.





de Ferreira de Araujo, um dos
jornalistas da época, palestrando
na senhora no baile da Ilha Fiscal.
À direita estão Arsênio Cintra da
senhora. (Detalhe do quadro de
Aurélio de Figueiredo).

ores na Ilha Fiscal. No dia se-
escrevia um cronista: "...Um
e fogo, no meio das águas retintas
uridão da noite. Entre a Ilha e o
te, um torvelinho de luzes em vai-
com um barulho de gente invisí-
convidados que chegam e que vol-
"...O clangor das músicas, vi-
ainda ao ouvido, revive os pares
era que dançam outra vez..."
elegantes que conversam passean-
a mimosa dama parecem enlevar-
o assunto que os entretém, fugindo
pto de sonho."

da principal do edificio da Ilha
do fundo o Pão de Açúcar. No in-
ma arcada gótica com suas colunas
a. Foi por aí que passaram os que
em no já famoso baile. E foi essa
de Aurélio de Figueiredo pintou no
seu quadro.



O convite para o baile da Ilha Fiscal.

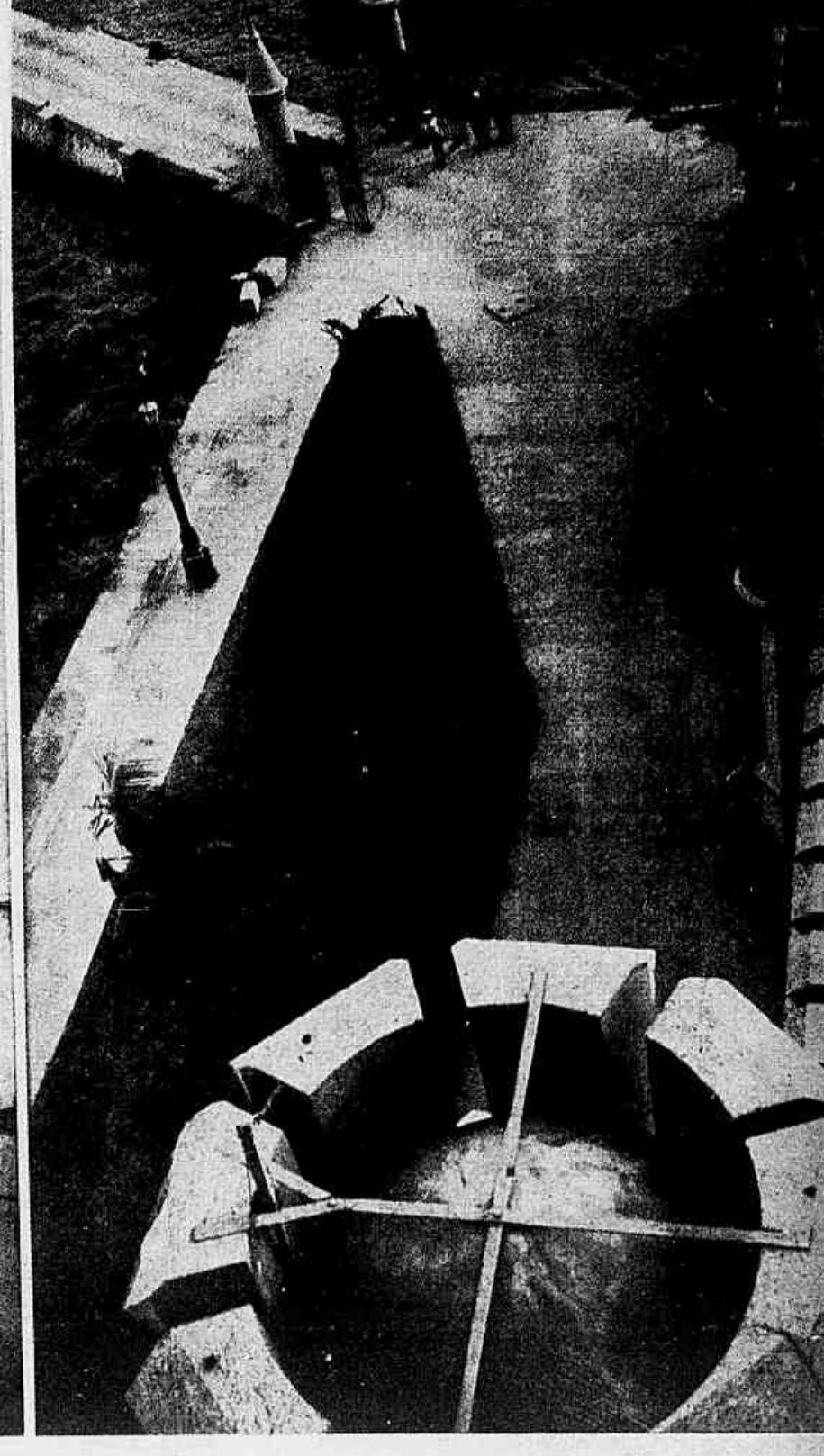
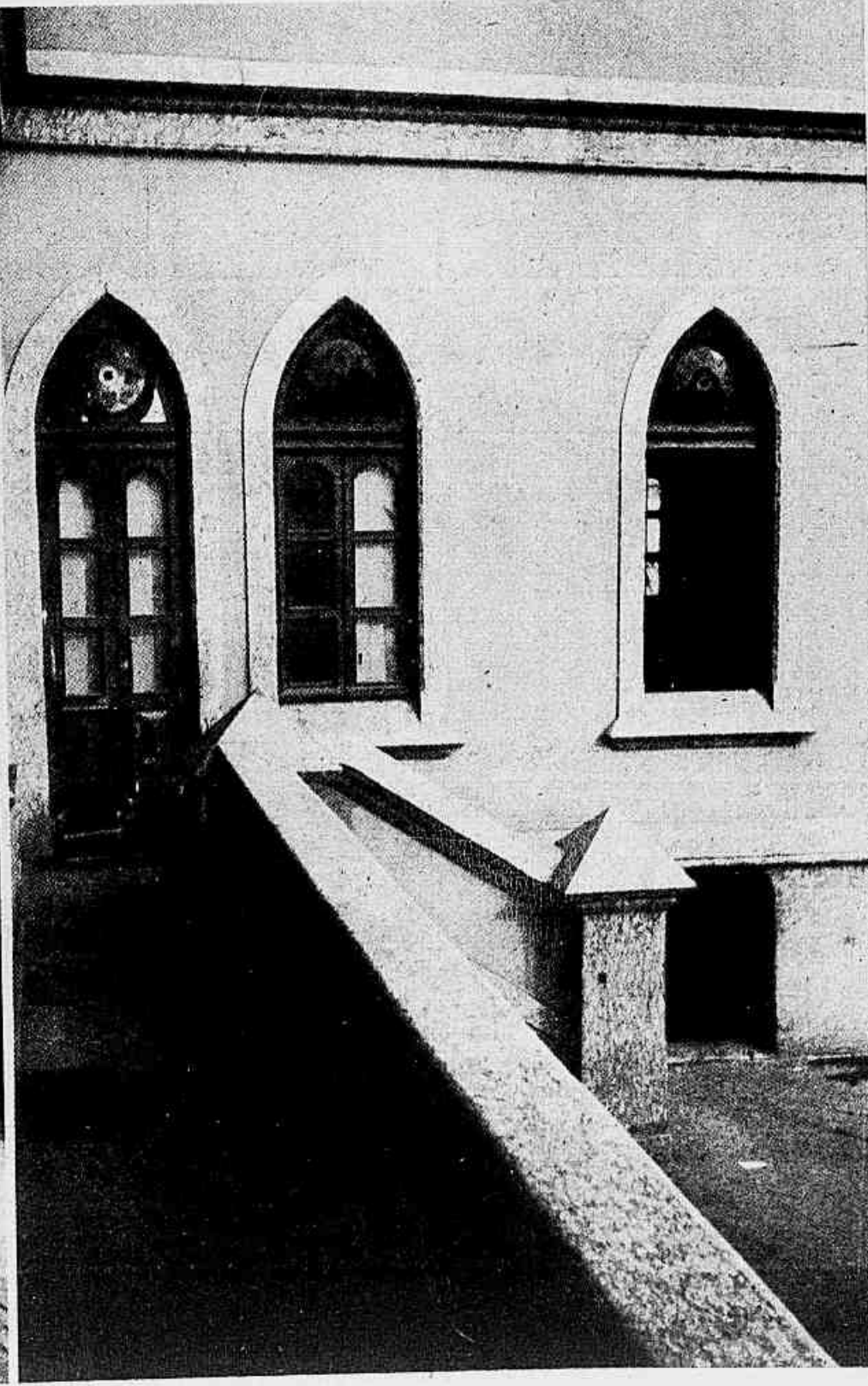
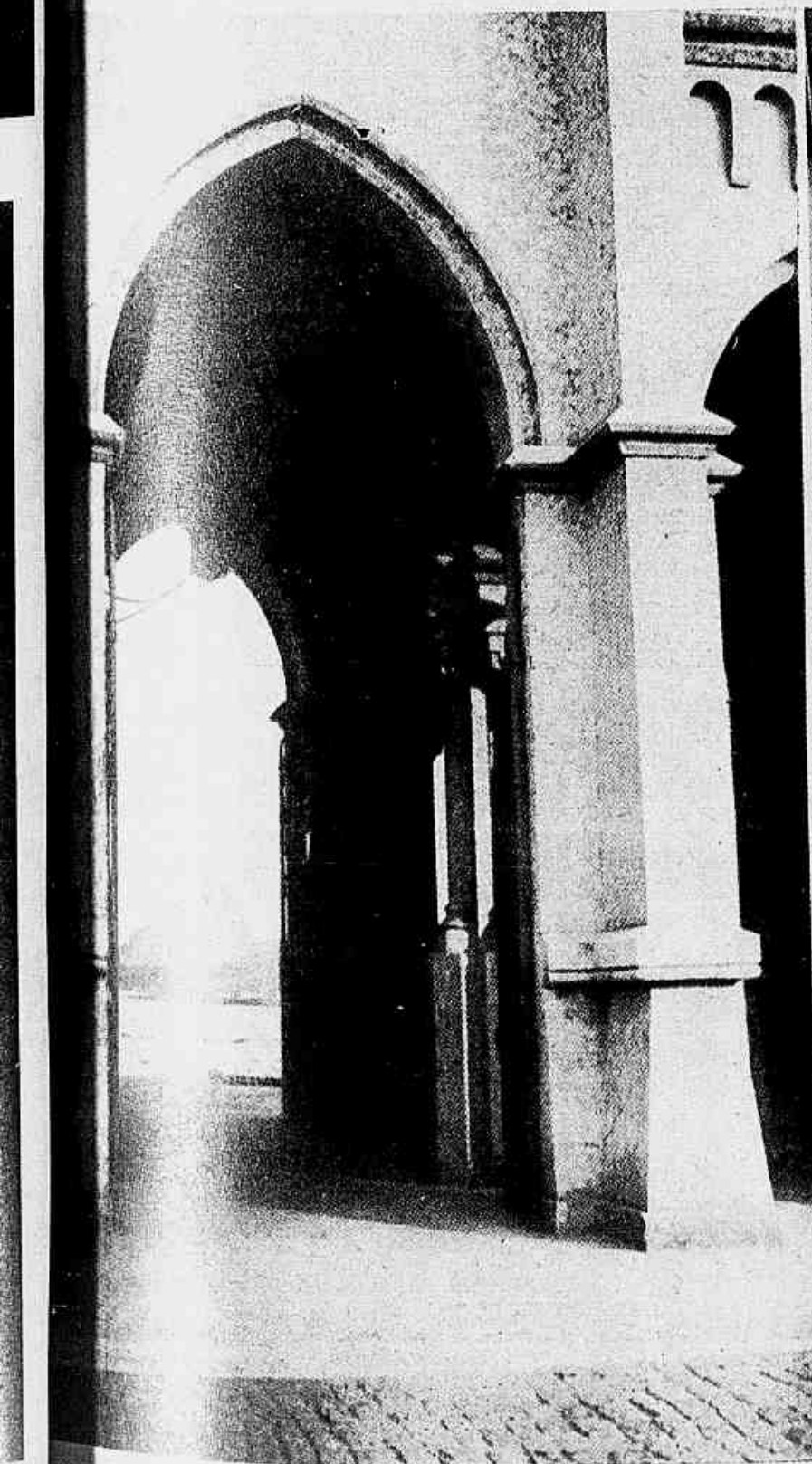
No mesmo baile. Flagran-
te do sr. Simoens da Silva
conversando com uma das
mais distintas senhoras da
época.

À direita — Um aspecto
do cimo da torre do edi-
fício da Ilha Fiscal.

Uma das varandas da Ilha Fiscal. Quan-
tas condessas e baronesas debruçaram-se ali
contemplando a lua ou palestrando com al-
gum marquês brasileiro ou tenente chileno!



Do alto da torre tirámos esta formidável fo-
tografia em que se vê parte do terraço e do
jardim, que tiveram seu grande dia em 9
de Novembro de 89.



IV Congresso Brasileiro de OFTALMOLOGIA

TERMINOU neste mês o mais importante congresso de oftalmologia até hoje realizado no Brasil, que contou com a presença de cientistas norte-americanos de reconhecida importância como os drs. Harry Gradle, Conrad Berens, W. H. Crisp e Edward Jackson. Outros países americanos enviaram mestres de oftalmologia, entre eles a Argentina com o Prof. Carlos Weskamp e os drs. Lijó Pavia, Raimundo A. Tartari, Frederico Cerloni e varios outros. Realizado sob patrocínio oficial o IV Congresso realizou sessões memoráveis em que teses interessantíssimas foram debatidas, algumas sobre casos de oftalmologia que já foram objetivados pela "Revista da Semana" em reportagens anteriores.



SESSÃO SOLENE NO PALACIO DO ANTIGO CONSELHO MUNICIPAL



NOS HOSPITAIS DO EXERCITO E OSWALDO CRUZ



NO INSTITUTO DE MANGUINHOS



REUNIDOS EM ALMOÇO



SESSÃO NA CRUZ VERMELHA



«COCKTAIL» DOS ARGENTINOS



ALMOÇO NO LIDO



SESSÃO PREPARATORIA



SESSÃO DE INSTALAÇÃO



NA CRUZ VERMELHA



EM SESSÃO PLENARIA



EXCURSÃO A PETROPOLIS



OUTRO ASPECTO DO PLENARIO



NO PALACIO DO CATETE



SESSÃO DE ENCERRAMENTO



O Japão na encruzilhada

COM a vitória obtida contra os russos em 1905, o Japão entrou para a categoria das chamadas grandes potências, si bem que continuasse a lutar valentemente para resolver seus dois importantíssimos problemas — a superpopulação e a carência de matérias primas. Duas foram as soluções adotadas para solucioná-los: a emigração e a industrialização.

Assim que se falou em mandar japoneses para fora das suas terras, as nações foram, uma a uma, fechando as suas portas, afim de evitar que aqueles amarelos, tenazes e decididos, viessem fazer concorrência séria aos seus filhos, na luta diuturna pelo pão. Alguns milhares de emigrantes nipões que conseguiram atingir os diferentes lugares do globo, foram totalmente vitoriosos, obtendo, em curto prazo, quantias que lhes proporcionavam uma vida mais desafogada e a certeza de que seus descendentes viveriam dias sem fome e longe da miséria. Diz André Sigfried que o segredo da vitória desses asiáticos na América está no fato de que eles trabalham como ocidentais e vivem como orientais. Dão o mesmo ou maior rendimento de labor que o branco, e contentam-se em viver de modo modesto, alimentando-se parcamente e habitando qualquer humilde choupana, na qual, geralmente, se acumulam várias famílias. Assim, no fim de pouco tempo, nos seus cofres de laca ou nas suas caixas de cânfora, estará economizado o dinheiro com que vão adquirir terras ou oficinas para trabalhar sem patrões, ganhando mais e lutando menos. Graças ao espírito de cooperação que anima a todos os nipônicos longe da pátria, podem eles, desprezando o luxo e o conforto, derrotar seus competidores ocidentais, que tem da vida outra concepção. Nisto viram os japonóforos o que denominaram perigo amarelo — talisman que susteve o desembarque de imigrantes japões nas glebas americanas, ou em plagas onde drapejasse a bandeira britânica. Ficou, desta maneira, o problema superpopulação aguardando nova solução.

Para conseguir o ouro de que precisa, o Japão industrializou-se, fazendo uma dupla transação com o estrangeiro, primeiro adquirindo-lhe a matéria prima, e depois vendendo-lhe o produto manufaturado. Em virtude da pobreza acentuada do seu solo e sub-solo, ficou o povo da garrida terra das cerejeiras duas vezes dependente da boa vontade dos demais povos da terra mais favorecidos pela Natureza. Ele tem necessidade de quem lhe dê o material ainda bruto, o qual será transformado em mil e um artigos primorosamente acabados que serão vendidos fora do país, afim de que possa conseguir novas matérias primas e continuar o ciclo da compra e venda.

Os artigos japoneses foram recebidos muito bem em todos os países, já pela sua perfeição, já pelo preço baixo. Nos Estados Unidos, na China e na Índia, o sucesso foi extraordinário, porque tudo fora fabricado ao puro gosto asiático, de modo a encantar os habitantes daqueles grandes e respeitáveis mercados. Os tecidos, as bicicletas e os brinquedos oriundos do Japão desbancaram todos os seus concorrentes. E, de um momento para outro, a Inglaterra viu que suas próprias colônias americanas estavam sendo inundadas por produtos japoneses.

Quando isso aconteceu, a Inglaterra não tardou. Começaram a surgir barreiras à corrida franca dos produtos nipônicos. O Japão viu-se obrigado a fazer concessões. Em 1903, assinou um tratado com a Inglaterra, pelo qual se comprometia a reduzir a tarifa de importação de certos produtos japoneses para a Inglaterra.



do seu destino — por Lima Figueirêdo

O Japão soube sempre tirar partido das situações internacionais intrincadas. Aproveitando a confusão da Europa causada pela guerra da Criméia, iniciou seus primeiros passos expansionistas. Na guerra dos boxers, em 1901, colaborou com os brancos contra os chins e foi o primeiro a chegar a Pekim, levando a salvação às legações sitiadas, e ganhando, assim como os seus aliados, o mesmo direito das grandes nações que usufruem privilégios na pátria de Confúcius. Na sangueira de 1914-18 dominou o Pacífico, limpando-o de adversários e adquirindo ouro em abundância, desenvolvendo fantásticamente suas relações comerciais com o exterior. Ganhou bastante para incrementar a sua já vitoriosa indústria. Entretanto surge a crise mundial de 1929, que atuou tão fortemente sobre o governo e o povo japoneses e que os levaram à aventura da Mandchúria em 1931. Com a vitória veio o desafogo, mas surgiram pendengas com a China. Há a primeira batalha de Shanghai em 1932 e a diferença de 1937 iniciada nos arredores de Pekim e até agora não finda. Está o Japão de posse da parte mais rica do território chin. Domina o mar. Controla os portos, as vias férreas, o correio e os telégrafos. Venceu militarmente; todavia o governo de Chang Kai-shek ainda resiste, bafejado por duas grandes nações. O soldado nada mais tem a fazer na China — foi até onde quiz. Agora, só há trabalho para políticos e diplomatas. Uma China Nova, com nova bandeira, foi fundada e age sob a direção do homem ultra-inteligente chamado Wang Chim-wei, que foi sempre sério competidor de Chang Kai-shek, desde que o dr. Sun Yat-sen derrubou a dinastia manchú e instituiu a República Chinesa. A China Nova já tem uma bem idealizada Escola Militar, onde os alunos tem como professores e instrutores oficiais nipões. Dela estão saindo os jovens chefes que irão comandar a tropa do moderno exército chinês que o Japão está instruindo e armando. A medida que vão surgindo os regimentos e batalhões chins, a tropa japôa vai-se recolhendo a pontos chaves, de sorte que o incidente sino-japonês se transmude numa vera guerra civil.

Tendo seus desejos contrariados na China pelas nações que tem acentuados interesses no ex-Celeste Império, notadamente pela França, a Inglaterra e os Estados Unidos, viu-se o Japão jogado nos braços dos Estados totalitários, organizando o famoso eixo Roma-Berlim-Tóquio.

No seu caminho político o Japão só encontrava buracos e cascas de bananas. A Rússia, atrás da Mongólia Exterior, fazia questão de provocar um incidente com o Mandchúquo. Invade o território deste e combates duros e severos foram travados na região de Nomonham, durante o primeiro semestre de 1939. Houve mortos em quantidade. Duas forças bem armadas se mataram por mais de dois meses. Os habitantes do país dos crisantêmos se viam na corda bamba — Em luta com a China e a Rússia. Em discussões violentas com a Inglaterra. Em divergência com Tio Sam, que não desejava de maneira alguma renovar a situação de guerra no Extremo Oriente.

Se as coisas cada vez mais. Ninguém sabia o que daria aquele pai-de-botas. A Rússia era uma incógnita. Molotov fazia quinica. Experimentava a força militar do Japão na Mandchúria. O Japão estava em uma situação muito delicada. O eixo estava se fortalecendo, mas a situação no Oriente estava se tornando cada vez mais complicada.

...os Estados Malaios, na China e na Índia, o sucesso os habitantes daqueles grandes e respeitáveis mercados. Os tecidos, as bicicletas e os brinquedos oriundos do Japão desbancaram todos os seus concorrentes. E de um momento para outro a Inglaterra viu que suas próprias colônias asiáticas não tinham mais nada a oferecer.

A reação não tardou. Começaram a surgir barreiras à corrida franca dos produtos nipônicos. E taxas, impostos e tarifas foram surgindo no sentido de restringir a entrada de tudo que trouxesse o distico "Made in Japan", impedindo que o Mikado solucionasse cabalmente o seu segundo grande problema — a falta de ouro.

Sentiu a falta de necessidade de expandir-se e o fez ofensivamente, procurando ganhar mais e mais território. O Japão tomou posse das ilhas Curilas e na metade sul da Sacalina, em detrimento da Rússia. Para o sul, foi seguindo o bellissimo arco vulcânico balizado pelo arquipélago de Riu-Quiu e pela ilha Formosa, com prejuizo da China. Para leste quase chegou a ser dono das importantes ilhas de Havaí, hoje americanas; e, após a Grande Guerra, passou a mandar nas ilhas Marshall, Carolinas e Marianas, todas alemãs. Para oeste também fez sua marcha, incorporando ao Japão a Coreia que, como um punhal, ameaçava o coração do Império. Fundou o Mandchúquo, verdadeiro tampão entre o território coreano e a Rússia, ganhando excelente mercado de cerca de trinta milhões de seres, além de ótimas terras ricas em recursos naturais de que tanto precisam as fábricas e usinas do Mikado.

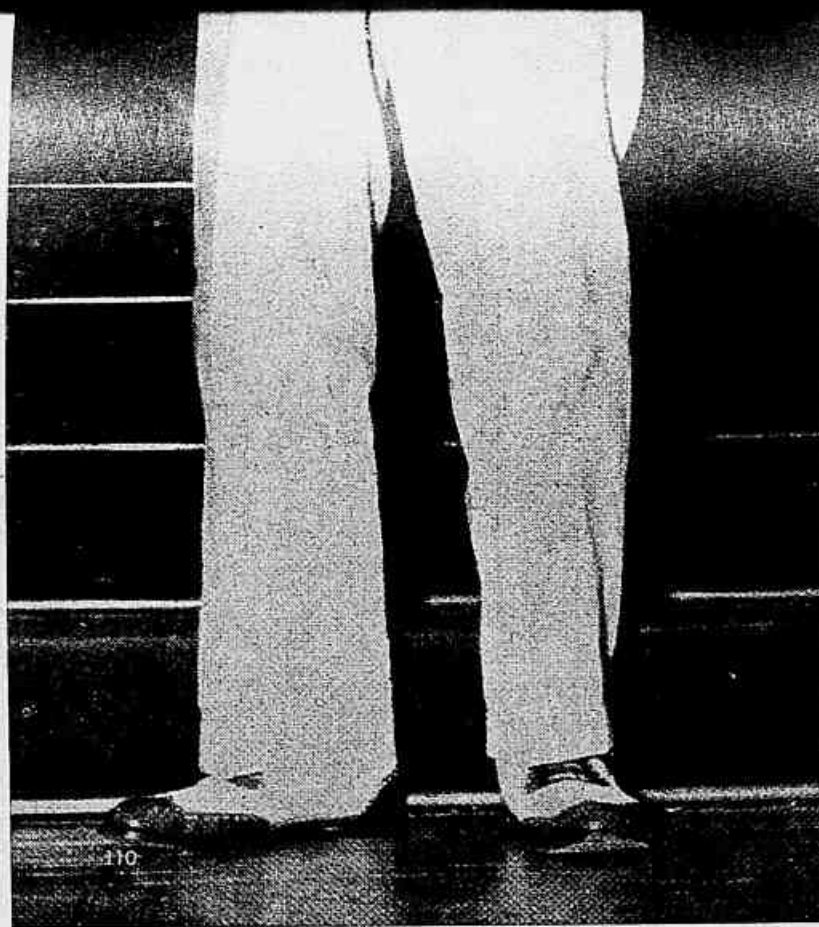
O Japão teve necessidade de defender-se ofensivamente. Não podia esperar que os alienígenas viessem cercá-lo, para mais facilmente tragá-lo no momento oportuno. Diante do dilema — comer ou ser comido, não vacilou em decidir pela primeira sentença, colocando-se hodiernamente em situação invejável, sob o ponto de vista militar.

O arquipélago japonês é uma fortificação continua. O Japão domina todo o mar que separa o continente asiático do cordão de ilhas que se desenvolve desde a Malásia até quase a península da Camchaca. Toda vez que tiver de pelejar em terra firme terá assegurado, sem o menor laivo de perigo, o transporte de material e pessoal pelos navios das marinhas de guerra e mercante. A gente de Togo é senhora absoluta de todo o corredor líquido que banha a Sibéria, a Coreia e a China. Com o "incidente" que se vem desenrolando há mais de quatro anos, teve a oportunidade de ocupar a ilha de Hainã, que será excelente base para qualquer investida visando a Indochina, as Filipinas, Singapura e Hong-Kong.

É incontestável a posição firme e brilhante que o Japão goza no Extremo Oriente. Está perfeitamente defendido pelos pontos geográficos que ocupa, e dispõe de magníficas forças armadas: numerosas, eficientes, bem armadas e, o que é capital, dotadas duma moral digna de nota.

Há mais de dois mil e seiscentos anos viveram os japoneses bafejados pela Vitória. Nas lutas cruentas que travaram, sempre trouxeram, em troca do sangue e das vidas dos seus heróis — louros e glórias. O Exército, a Marinha, mesmo o Povo cultuam os grandes mortos e fazem da tradição uma arma, um escudo, uma fortaleza inexpugnável. Morrer em defesa do pavilhão do sol nascente é para o nipão uma honra, um presente do céu. E ele já parte para o campo da luta com disposição de dar todas as suas energias, de praticar todos os heroísmos, para que sua bandeira jamais seja humilhada pelo inimigo.

Não só na força armada está escorada a grandeza do Japão, mas, também na primorosa cultura do seu povo, no desenvolvimento notável da sua indústria, e nos milenários preceitos morais que ainda orientam sua gente.



PRÍNCIPE KONOYE

...se as coisas cada vez mais. Ninguém sabia o que daria aquele par de botas. A Rússia era uma incógnita. Molotov fazia química. Experimentava a força militar do Japão na Mandchúria. Auxiliava a China, impedindo que os imperiais atravessassem o rio Amarelo na fronteira das províncias de Chansi e Chenst. Convocava em Moscou as missões militares da Inglaterra e da França. O Japão via que teria de enfrentar a Grã-Bretanha e a França. Se não tivesse algum acordo com a Inglaterra, não desceria de maneira alguma a escada do tratado de comércio e navegação assinado em 1911.

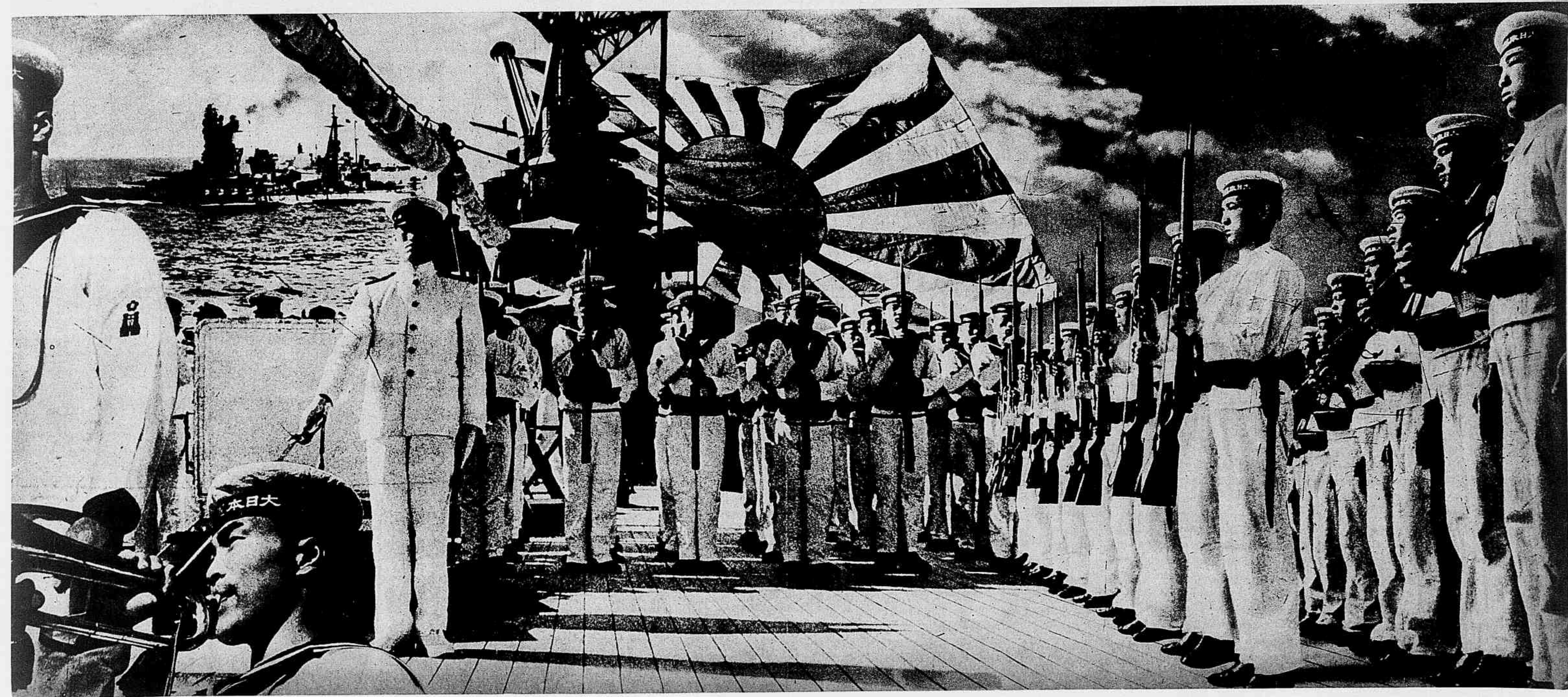
Estavam as coisas neste pé quando, repentinamente, o Japão recebeu uma bomba, o agreement russo-germânico — resultado das reações provocadas por Molotov — o químico da política. O Japão, como aliás todo o mundo, ficou tonto. Imaginem! O nazismo de braço dado com o comunismo!... Houve protesto diplomático contra a grande amiga de dias atrás — a Alemanha. O gabinete do barão Hiranuma caiu completamente. Poucos dias depois do acordo-bomba, os jornais começaram a achar que a atitude da Alemanha tinha sido um bom negócio para o Mikado. Havia pista livre, o Japão não tinha mais compromissos: poderia agir como lhe conviesse. Parecia que as relações com a Inglaterra iriam ser melhoradas. Na Pasta dos Estrangeiros — Gaymusho — foi colocado o almirante Nomura, reformado, e muito amigo dos americanos. Tudo indicava que haveria uma reviravolta na política externa do Japão. Entretanto tudo continuou no mesmo. Os elos da cadeia que unia Tokio a Berlim foram de novo restabelecidos; e os representantes russos e nipões começaram a rasgar seda. As relações do Japão com as nações do eixo e com a Rússia melhoraram cada vez mais, chegando a seu máximo, quando da visita do ministro Matsuoka a Moscou, Roma e Berlim.

Parecia que os quatro possantes países formavam um homogêneo bloco indestrutível, quando rebenta a guerra russo-alemã, jogando o Japão numa difícil encruzilhada. Qual o caminho que ele seguirá? Abandonará a Alemanha, mudando sua política em vantagem dos russos e britânicos? Atacará a Rússia, desencadeando a guerra no Pacífico, tendo contra ele os americanos e ingleses? Entremeses, enquanto escolhiam a melhor rota a seguir, cai o gabinete que governara doze meses, do verão do ano passado ao do presente. O príncipe Konoze, o homem mais fascinante e mais inteligente do Japão, com sólida cultura adquirida na América, é o malabarista do momento. Retira do gabinete Matsuoka, que há pouco tempo desfilara pelas ruas de Berlim e de Roma como um deus, e coloca no Gaymusho um almirante que se apressa em declarar que seu escopo principal é dar fim à guerra com a China, evitando que a luta na Europa descambe para o longínquo oriente...

Pela leitura dos telegramas publicados nos jornais parece que a Indochina será sacrificada e que, depois disto, os diplomatas nipônicos trabalharão com afinco para acertar as relações amigáveis do seu país com John Bull e com Tio Sam, para pôr um ponto final na refrega com a China.

O Japão está na encruzilhada do seu destino. O seu futuro está no caminho que escolher neste difícil momento. A guerra na China passou a plano secundário. Ficando com a Alemanha só vencerá na Ásia si a gente de Bismarck vencer na Europa. Mantendo-se neutro, ou conseguindo a amizade dos americanos, tudo diz que será feliz na espinhosa empreitada em que se envolveu... E, vivendo no mundo das hipóteses, aguardemos a verdade com o desenrolar dos acontecimentos.

Revista Semanal





O governador Benedito Valadareš, em companhia de autoridades militares e eclesiásticas, assiste á inauguração das novas instalações da "Escola Alfredo Pinto".

ESCOLA ALFREDO PINTO



O Chefe do Governo mineiro e demais autoridades observam o resultado das atividades dos menores ali abrigados.



Outro aspecto da visita às oficinas

O govêrno do sr. Benedito Valadares tem sido assinalado por uma série de empreendimentos e iniciativas que revelam uma orientação moderna e esclarecida no tocante aos problemas de assistência social. Fato marcante dessa preocupação e dêsse trabalho constituiu a inauguração, na capital mineira, no dia 3 de Julho, das novas instalações com que o Chefe do Govêrno de Minas dotou a Escola "Alfredo Pinto" — instalações que vieram adaptar plena e definitivamente êsse antigo estabelecimento de correção de menores à sua nobre finalidade de preparação profissional, cívica e moral de seus abrigados.

O governador Benedito Valadares procedeu a uma reforma integral na Escola "Alfredo Pinto", tornando-a uma casa modelar, pela organização sistemática do trabalho, pelo aproveitamento da vocação das crianças em diversas funções, pelo preparo de técnicos e pelo que ela realiza, em suma, em benefício da economia estadual.

Os melhoramentos inaugurados consistiram nas novas oficinas de alfaiataria, sapataria, marcenaria, mecânica e fundição, assim como novo material destinado a oferecer aos menores abrigados todo o conforto indispensável à criação de um ambiente próprio à sua formação moral e cívica.

A solenidade de inauguração revestiu-se, assim, de grande significação, tendo despertado



Um aspecto da visita às oficinas



Nas oficinas de fundição

o mais vivo interesse em todos os círculos da capital mineira.

O governador Benedito Valadares, acompanhado das altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, e com a presença de figuras destacadas da sociedade de Belo Horizonte, presidiu ao ato, que transcorreu festivamente.

O chefe do governo mineiro e todos os presentes tiveram a oportunidade de percorrer e examinar detidamente todos os melhoramentos realizados na Escola "Alfredo Pinto", surpreendendo em algumas secções a atividade de menores abrigados e verificando já o resultado que as novas instalações veem alcançando.

O sr. Benedito Valadares foi, nessa ocasião, alvo de carinhosas manifestações de amizade e gratidão de alunos e dirigentes do estabelecimento, que êle tornou uma instituição de extraordinário alcance humano e social.

M. C.



O Governador Mineiro sendo cumprimentado ao chegar á Escola Alfredo Pinto.



O governador Benedito Valadares sendo alvo de uma manifestação por parte de alunos e dirigentes da "Escola Alfredo Pinto.

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

Os trezentos de Gedeão, da época de Bilac e Figueiredo Pimentel, estão agora multiplicados, indo além de três mil, não só pelo aumento da população como também pelo número maior de deveres e atrações mundanas.

A season carioca, favorecida pelo frio, clima da elegância, e pelos refugiados europeus e turistas de todas as procedências, regorgita e empresta ao Rio um ambiente cosmopolita, que lembra os bons tempos de Paris e Londres.

Espetáculos no Municipal, bailados, concertos, conferências, chás e recepções, exposições de arte, tardes de fim de semana nas corridas do Jockey e noites de show e samba, rumba e rolê, nos casinos, enfim uma série enorme e variável de cousas adoráveis e frívolas e de emoções estéticas, mobilizam todos os setores da vida intensa e brilhante desta urbs, que o inverno, este ano, torna uma delícia.

Os nossos gran-finos estão, para usar da frase de giria em voga, bombardeados por todas as tentações e novidades.

O MOMENTO INTERNACIONAL



Winston Churchill

A guerra continua sendo o assunto da semana que passou, do dia de ontem e de hoje, da hora que passa, do minuto em que escrevo, do segundo em que penso, do século em que vivo.

Guerra motorizada e total, de paradoxos e surpresas.

A da frente oriental da Europa assume o infinitamente grande da destruição e do morticínio, em que perto de dez milhões de homens se defrontam, em que duas ideologias se entrecrocaram. E o acontecimento culminante foi este: o acordo militar entre a Rússia e a Inglaterra, anunciado num discurso de Churchill.

Cessou a luta na Síria, com a assinatura do armistício, com honra para os vencidos e a entrada dos britânicos e franceses-livres em Beirute.

Na frente ocidental o duelo no ar, com a RAF em plena ofensiva. Na batalha do Atlântico, prossegue o ataque de emboscada e a defesa vigilante, perdendo, porém, o ímpeto mantido até Junho último.

Os Estados Unidos, com a ocupação da Islândia e outras medidas decisivas, estão quase virtualmente em guerra.

Na África as cousas já não estão tão pretas...

No Oriente Próximo, uma trégua e uma grande expectativa; e no Extremo Oriente a guerra não declarada entre o Japão e a China segue o seu curso longo, entrando no seu quinto ano.

A crise ministerial e a remodelação do governo presidido pelo príncipe Konoye com o ostracismo sensacional de Matsuoaka, colocam o Japão numa encruzilhada de seu destino, para decisões supremas.

Na América o Perú e o Equador voltaram às boas, prevalecendo a norma de serem resolvidos os conflitos por meio de negociações, dentro das soluções do direito internacional, ainda em pleno vigor nesta parte do mundo.

E é pena que esse belo exemplo não seja seguido fóra da América.

O CAMPEÃO DA PALAVRA

Acaba de morrer em Londres, com a provecta idade de 87 anos, o famoso advogado inglês William Upjohn.

Seu quarto d' hora de Rabelais, que o celebrizou nos anais forenses e como campeão da palavra, durou, por sinal, um mês e meio: durante o processo da Phoenix Gold-mining Company, que explora a mineração do ouro, pronunciou, em 1916, em plena guerra mundial, um discurso de longo fôlego, o mais comprido que há memória, pois durou 45 dias dos 150 em que se debateu esse rumoroso caso jurídico.

Falar assim, e em inglês, por tanto tempo, confirma a sentença popular de que o advogado tem muita cousa de diabo pela astúcia e também prova a fleugma britânica, sendo, porém, uma demonstração eloquentíssima de que nem sempre o silêncio é de ouro...

O PRÍNCIPE DOS POETAS DO CEARÁ

Faleceu em Fortaleza o padre Antonio Tomaz, príncipe dos poetas da Terra da Luz.

Esse filho ilustre do Acaraú, que vestia a batina e resava missa, foi, como poeta inspirado e cintilante, um lírico iluminado, cujos sonetos lhe deram renome nacional, tal o que ficou antológico — **Contraste**, em que simboliza o pêndulo da vida, marcando, na mocidade, as horas do sonho e da esperança e, na velhice, as da saudade e da meditação.

Ler-lhe agora os versos será, de certa maneira, resar em silêncio pela sua memória, que nos fica a cantar pela música das palavras.

O CAVALHEIRISMO NO SÉCULO XX

Proclama-se que o nosso século matou a poesia e torna impossível a bravura sentimental do cavalheirismo, que fez da Idade Média um reinado de Don Quixote. O diretor da penitenciária de Saint Quentin, na Califórnia, fez esta maravilhosa revelação, que um telegrama anuncia sem lhe dar o relêvo que merecia: os detentos, sob a sua custódia, decidiram tirar a sorte, para resolver qual deles substituirá a condenada Juanita Spinelli, conhecida pela corôa desta antonomásia heráldica — "Duquesa".

Isso no caso em que o governador daquele Estado norte-americano se fizer surdo ao seu pedido de clemência e consentir no heróico e abnegado sacrifício dessa troca comovedora, gesto que, só pela intenção generosa, redime a nossa época brutal e terrível.

A "Duquesa", mãe de três filhos, foi condenada à morte, por cumplicidade no assassinio de um homem, cujo nome não vem ao caso.

A pena consistirá em a colocar numa cama de gases letais, para que, nesse leito macabro, durma, por castigo implacável, o seu último sono!

E, si fóra o governador Culbert Olson, não só usaria de clemência para essa pobre Duquesa, como abriria as portas da prisão para todos esses detentos, que, pela sua generosidade tocante, merecem o perdão para as suas culpas e o prêmio da liberdade.

DR. MAURO FERRAZ

DOENÇAS DOS INTESTINOS E ANO-RETAIS. CIRUR-GIA. Tratamento das HEMORROIDAS sem operação. Cons: Rua Ouvidor, 183. Salas 213 e 214 Tel: 42-1962

UM PINTOR DESCONHECIDO



João Ribeiro

No dia 14, dia da Franga, um acontecimento artístico astinhou ao público uma surpresa com a revelação de um pintor desconhecido, embora, literariamente, seu nome seja uma das nossas maiores glórias, gozando uma justa reputação de grande mestre: trata-se de João Ribeiro, cuja exposição póstuma acaba de o divulgar sob um aspecto inédito e só do conhecimento de seus íntimos, que frequentavam a sua casa, quando vivia o insigne polígrafo.

O grande humanista, cuja existência decorreu no silêncio dos livros, escondia, na sua modéstia, que era uma de suas maneiras de ser bom sem alarde e sábio sem ostentação, escondia, avara e humildemente, esse dom a mais de sua personalidade.

Sua arte não lhe deslustra a memória, concorrendo, agora, para a tornar ainda digna de louvor e admiração, porque o revela no pleno domínio da beleza plástica. Pontificando nas letras, pelo apuro do estilo e vastidão de cultura, não se limitava a ser um escritor eclético, procurando, nessa outra manifestação de seu espírito luminoso, um meio de colorir e dar forma a tudo aquilo que o encantava e comovia.

Nos quadros que legou tão discretamente ao nosso enlevo, biografa-se um temperamento e uma alma deixa o rastro de suas carícias...

O escritor insigne trabalhava para a publicidade, o mestre proficiente e amável ensinava a todos; mas o artista, esse trabalhava para si mesmo, pintava sem ser visto, colorindo em segredo todos os seus sonhos.

Foi uma lembrança feliz essa exposição de suas obras, que não são de amator bisonho ou de curioso, mas de artista por vocação e que se servia do pincel para nas horas escassas dar descanso ao cérebro fecundo, como umas das mais operosas mentalidades brasileiras, e, manejando-o, povoar e florir o seu silêncio.

Mestre João Ribeiro foi um sábio e um santo, e o foi tanto que, na sua pintura, sentimos que o seu cérebro brinca na côr e o seu coração brinca no sonho, de modo que o sorriso, que lhe foi a paisagem da alma em vida, se tornou, depois da morte, o itinerário de sua indelével recordação.

O IMPOSTO IMOBILIÁRIO

Em sessão da Associação Comercial foi debatida pelo Dr. Randolpho Chagas uma questão, que tem o mérito da oportunidade: a do imposto imobiliário. Aludiu à campanha, que vem sendo feita, desde há três anos, para que, por um decreto-lei, a Prefeitura do Distrito Federal, a exemplo do que já procedeu, com acerto e justiça, a de Porto Alegre, reduza de 25 % o imposto sobre prédios de residência própria.

Trata-se, na verdade, de um problema que deve merecer apoio e imediata aceitação por parte dos poderes públicos, porquanto se enquadrá perfeitamente nos imperativos do direito social, que rege agora o espírito de nossa legislação, e ainda com a lei de proteção à família.

Ora, a família implica no lar e este só tem sua expressão mais ampla na casa exclusiva, separada de outra, permitindo, pelo espaço e pelo seu ambiente peculiar, a doçura do aconchego doméstico.

Equipará-la às casas de aluguer e de renda, como aqui atualmente se faz, é dificultar a vida dos lares brasileiros e concorrer para que se alastre ainda mais a moda, de certo modo anti-social, das casas de apartamentos, que, tenaz e paulatinamente, vai tornando impossível, nesta cidade, a moradia isolada e de um só dono, pela tributação uniforme, que não estabelece distinção entre ambas. Em Londres, por exemplo, as propriedades residenciais pagam muito menos décimas que as de renda.

Seria, portanto, um benefício nacional por excelência, porque iria amparar e preservar os lares, tanto dos ricos como dos remediados, uma redução nesta base equânime: de 20 % para as casas de residência dos proprietários, e de 30 % para as mesmas que estivessem gravadas com o ônus hipotecário.

UMA NUVEM QUE PASSOU

O incidente entre o Perú e o Equador, motivado por questões de limites e que chegou a dar começo a um encontro de forças na fronteira, está, felizmente, sendo agora encaminhado por via diplomática, havendo ambas as partes em litígio aceitado a mediação proposta pelos Estados Unidos, Brasil e Argentina.

As negociações, que se estão realizando em Washington, com a presença dos delegados dos dois países transandinos, já denunciam um próximo e leal entendimento, que porá termo à lamentável pendência, que por um triz não degenerou numa guerra, o que seria uma quebra na concordia pan-americana e o fracasso da política de confraternização deste hemisfério, exemplo edificante para o resto do mundo em armas.

A conclusão do acordo tão auspiciosamente iniciado sob a solícita e benfazeja ação suasória das três democracias citadas fará com que se normalizem as relações entre o Perú e o Equador.

WEEK-END...

A semana que passou ofereceu alguns casos, em que a anagogia ou sugestão se impõe. Vejamo-lo.

O telégrafo no-lo deu pela maneira mais trágica: os russos organizaram, segundo informações de Stockholm, um regimento... de surdos-mudos.

Essa unidade, formada por voluntários, deverá servir — **et pour cause** — na arma mais adequada, como, por pleonásmo, frisa o telegrama: na de artilharia, para guarnecer os canhões de grosso calibre.

Depois disso, não é preciso ouvir nem dizer mais nenhuma palavra...

Agora, dois casos fôrenses: o Supremo Tribunal proferiu, em sua sessão de quarta-feira, importante decisão, interpretando a lei de luvas.

Não quero, nem devo aqui comentar o ato respeitável, mesmo porque sou leigo e só entendo da lei... do menor esforço.

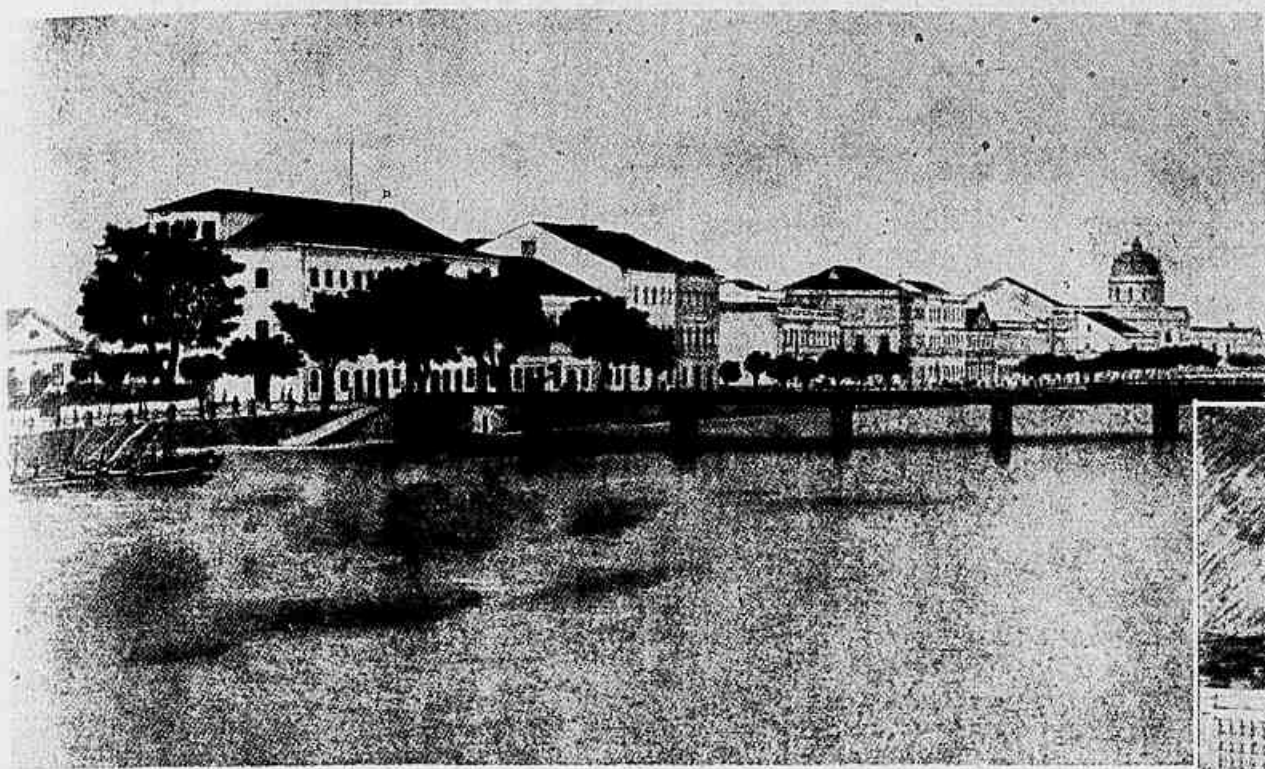
Mas a interpretação foi oportuna, porque as luvas sóem justamente ostentar-se nesta estação fria a valer.

Foi denunciado, no mesmo dia, o primeiro infrator do tabelamento dos gêneros de primeira necessidade: o dito cujo, dono de um estabelecimento suburbano, furtava aos freguezes, segundo consta da denúncia, 50 gramas em cada quilo de pão, à vista das próprias vítimas, sem que estas dessem pela cousa. O acusado, discípulo de algum prestidigitador perito, usava um pedaço de chumbo na manga do casaco, para fraudar o peso do pão que vendia.

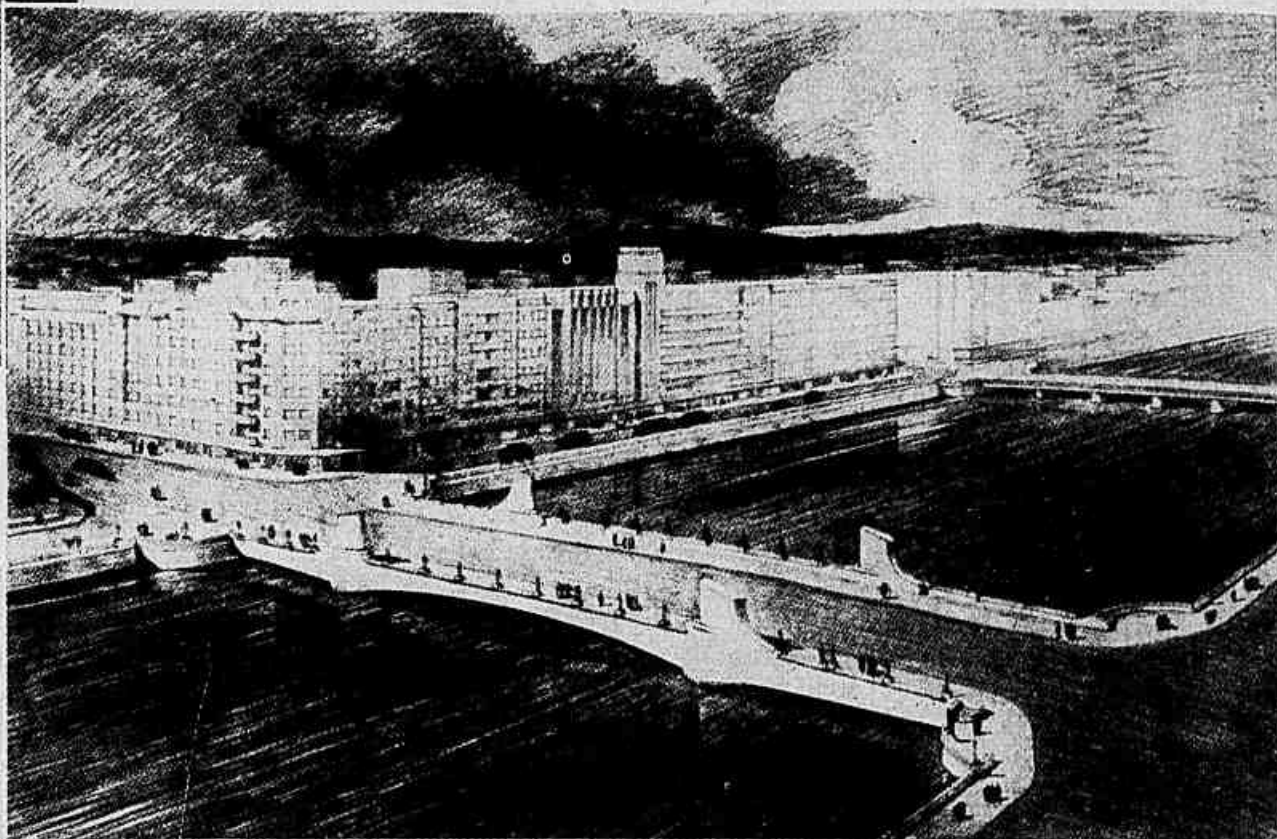
Mas o chiste está em ser considerado o primeiro infrator, havendo, portanto, uma injusta omissão de outros campeões no gênero, por mais que me mereça a honrada classe dos açougueiros e padeiros desta cidade, em que pese o alegado.

Lamiré

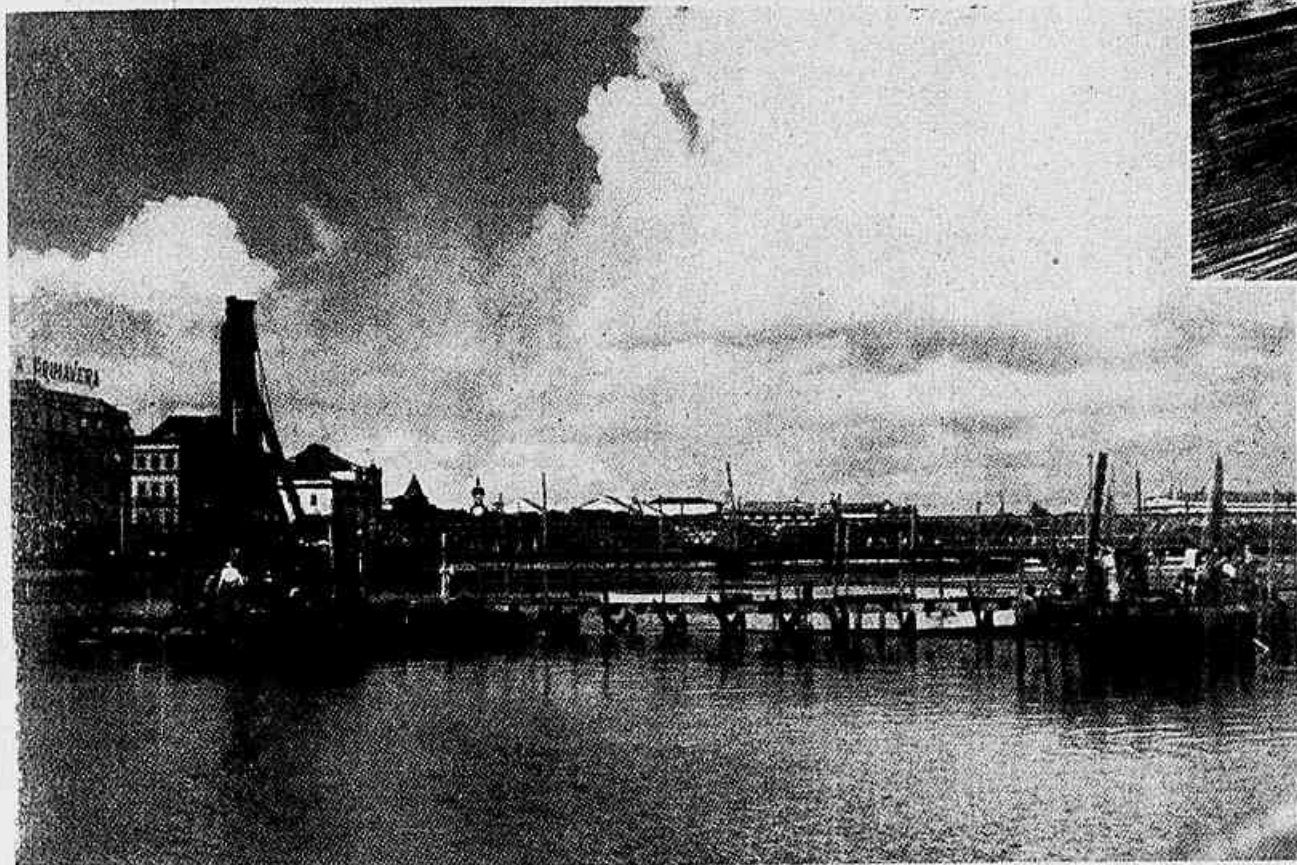
Aspectos do RECIFE ATUAL



Em baixo — Impressionante perspectiva da ponte "Duarte Coelho" tal como será vista em direção ao Oeste. Ao fundo a Rua da Aurora.

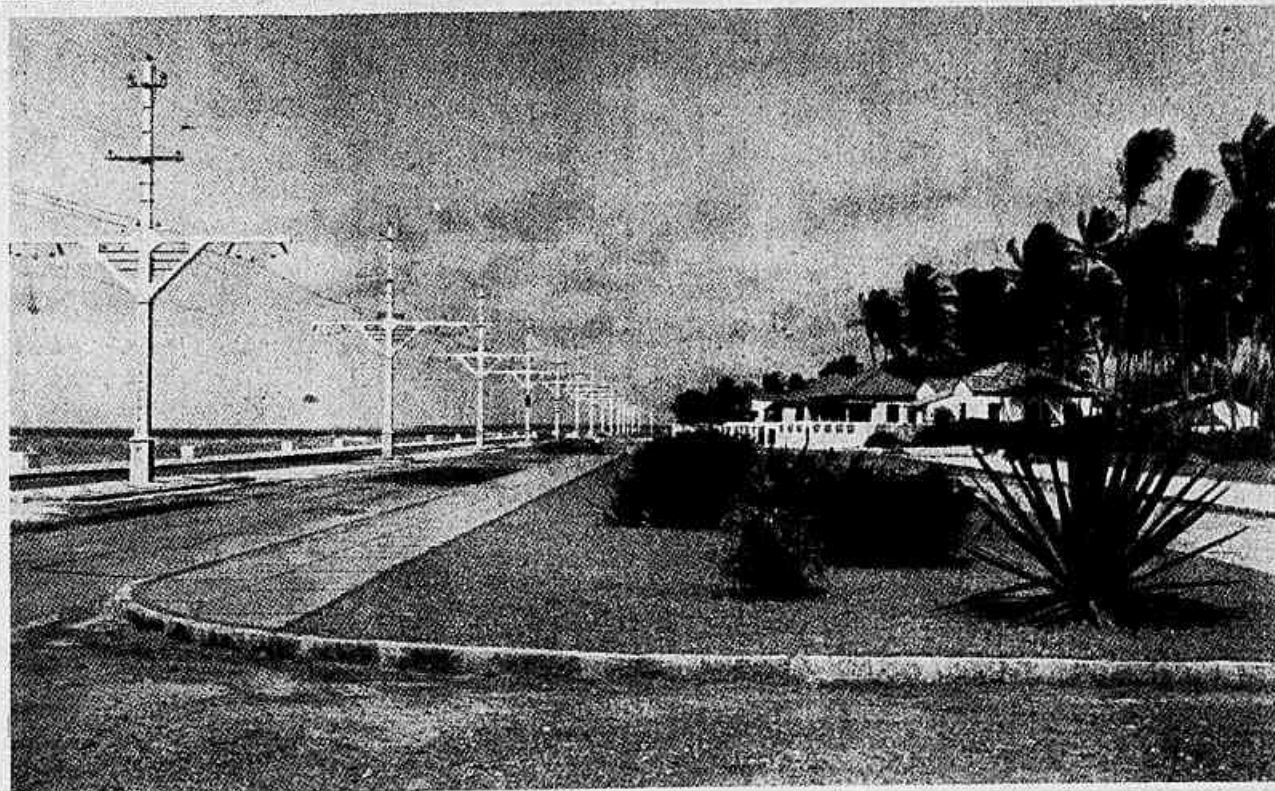


Ponte da Maxambomba, no local onde está sendo construída a ponte Duarte Coelho. Era uma ponte de estrada de ferro, por onde transitavam os trens de subúrbio que partiam da Estação do Sol. A fotografia reproduz uma gravura do antigo Album de Pernambuco, de F. H. Carl, cerca de 1860.

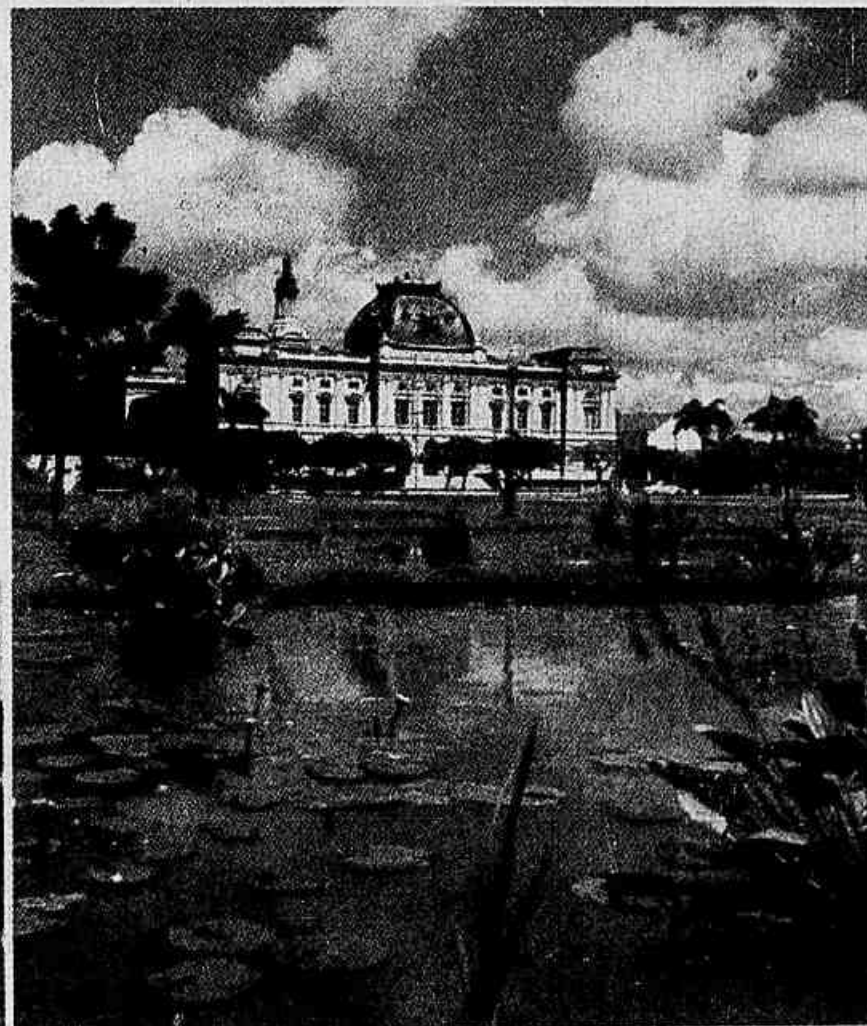


Vê-se acima um flagrante dos trabalhos de construção da ponte Duarte Coelho: um bate-estaca em funcionamento.

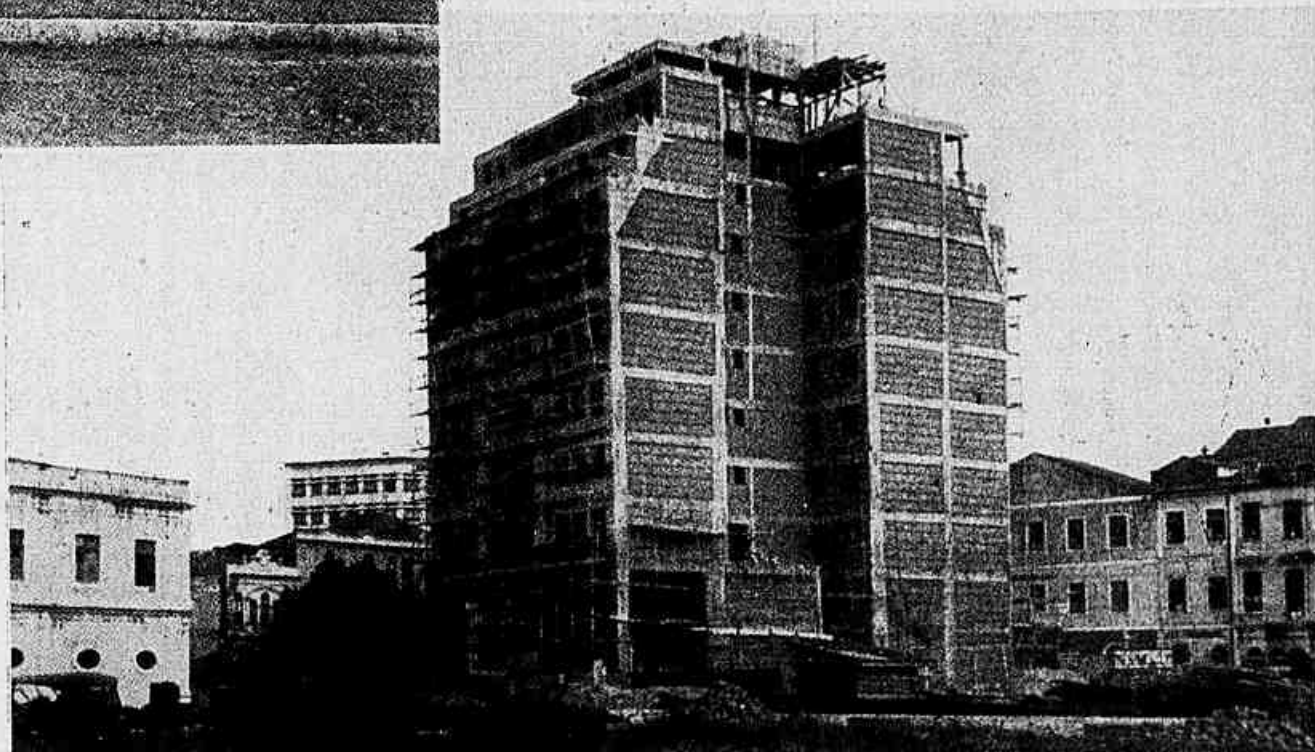
Ao lado — A avenida da Boa Viagem num trecho recentemente reformado pela Prefeitura. Notam-se neste jardim à beira-mar espécies vegetais próprias para a orla marítima.



A' direita — Parque 13 de Maio, construído pela Prefeitura em 1939. Tem 113.800 ms. quadrados; é iluminado profusamente, notando-se, também, o ajardinamento inteligente em que se aproveitaram plantas e árvores regionais. Jardins amazônicos, viveiros, aquários, orquidários, lago artificial e fontes luminosas completam o conjunto.



Finalmente: Edifício dos Bancários no bairro de S. Antonio. Ocupa superfície de 21x21,73 com 37 ms. de altura. Tem, além do térreo, sobreloja, oito pavimentos e terraço. A fotografia mostra a amplitude e imponência do prédio destinado a abrigar todos os serviços dos bancários em Recife. E ainda restarão apartamentos para aluguel.

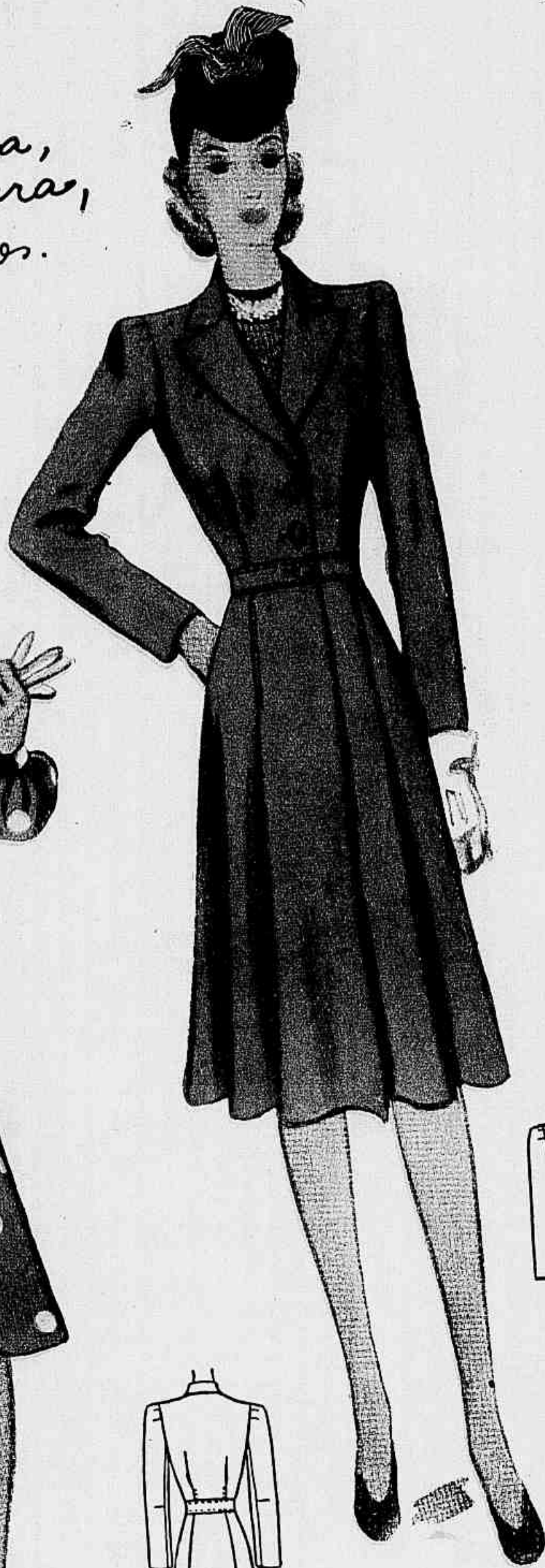


A capital pernambucana não é só objecto de transformações profundas na parte até há pouco ocupada pelos chamados mocambos. Esta página demonstra e documenta que Recife se modifica também nas suas melhores zonas urbanas, para que a cidade possa atender às necessidades de seu natural desenvolvimento. Assim, alargam-se ruas antigas rasgam-se amplas avenidas, constroem-se novas pontes que, acentuando a principal característica da cidade, concorrerão para melhor orientação e desafogo do trânsito. Distinguido pela confiança do sr. Agamemnon Magalhães, o atual prefeito de Recife, sr. Novaes Filho, sem lançar mão de recurso extraordinário de natureza alguma, vem empreendendo todo um programa de obras municipais realmente de grande vulto. Deixando de parte o que está projetado ou em início de execução, destacamos nesta oportunidade as realizações que, praticamente, já se incorporaram ao patrimônio urbano ou se encontram em fase de construção adiantada.

Jornal das famílias

Vestido em lã cinza,
ajustado na cintura,
bolso responsado.

Vestido de seda verde
com pois branco, gola
de seda branca.



Interessante conjunto
de 2 peças, em
seda grenat

Muito prático modelo
de lã azul claro, pró-
prio para passeio

Baton

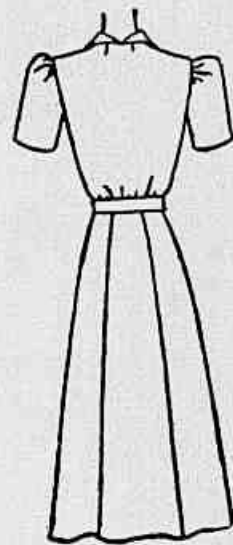
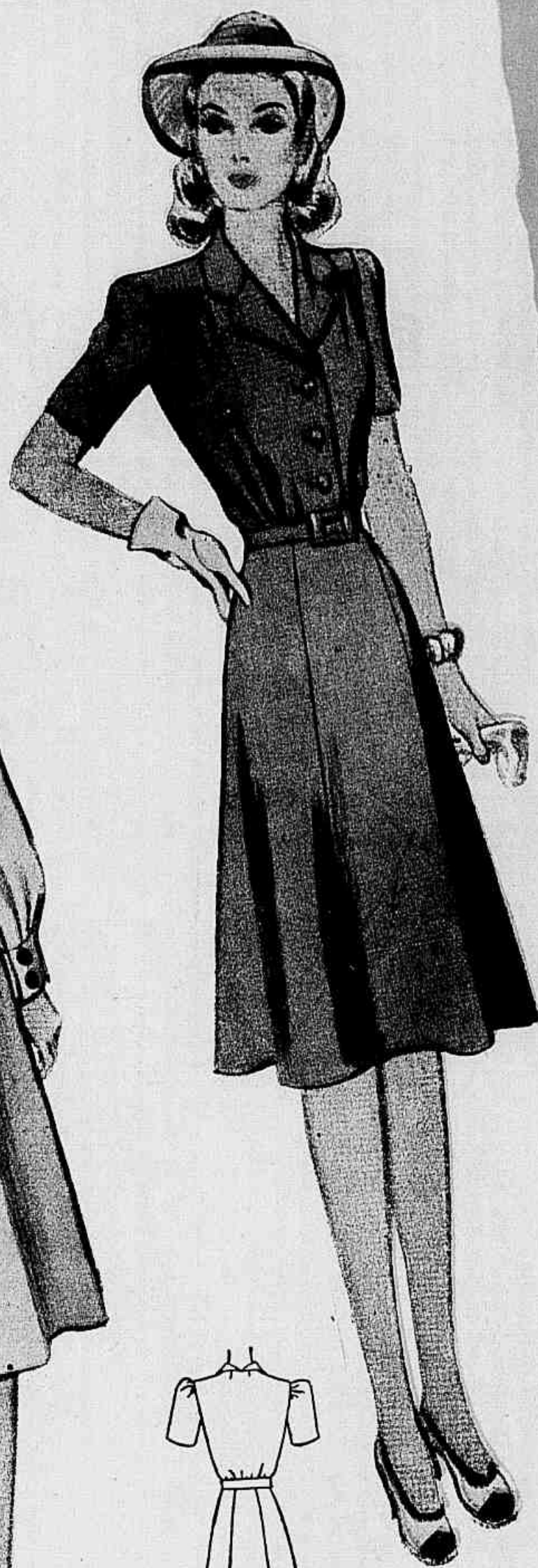
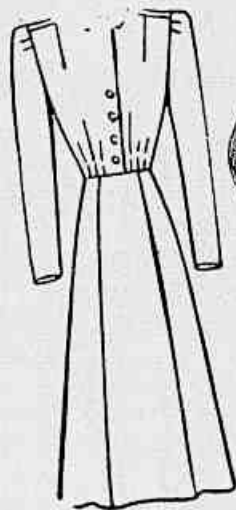
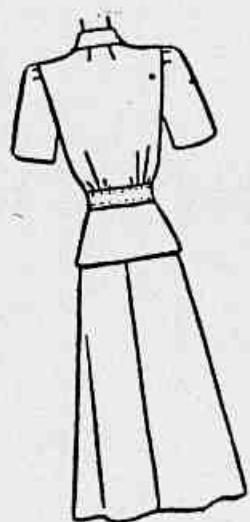
FLAME-GLO★

Em 10 tons diferentes e mo-
derníssimos. Veja o mostruário.

Côr da moda
ROYAL WINE

Em lã rosa, este modelo de 2 peças, é muito próprio para tardes frias.

Vestido de lã, bege, com uma nota original na blusa, abotoada de alto a baixo, com um fecho éclair.



Vestido simples para passeios matinais, confeccionado em linho verde-claro.

Interessante e sóbrio, este vestido poderá ser confeccionado em linho branco.



KATHERINE
MANSFIELD

ENCON- TRO

— De fato. Não te agrada o frio.
— Detesto-o. — Estremeceu. — E o pior é que quanto mais velha vai ficando uma...
Ele a interrompeu:

— Desculpa-me. — E deu umas pancadinhas na mesa para chamar a empregada. — Café e creme, por favor. — E de novo voltou á sua amiga. — Com franqueza, não queres comer nada? Um pouco de frutas? As frutas são muito boas aqui.

— Não, obrigada. Nada.

— Está bem. Não se fala mais do assunto. — E, sorrindo com aquele sorriso seu, demasiado amplo, tomou outra vez a laranja. — Dizias... que quanto mais velha vai ficando uma...

— Tanto mais friorenta — riu ela. Mas estava pensando como bem se recordava desse velho costume — o de interrompê-la quando falava — e como saía exasperá-la seis anos atrás. Parecia-lhe, naquela época, que êle, de pronto, na metade de seu discurso, colocava-lhe uma mão sobre a boca, voltava-se, atendia a algo inteiramente diverso e só então, e com o mesmo sorriso amplo, retirava a mão de sua boca... "Fala. Já posso atender-te".

— Tanto mais friorenta — repetiu êle, rindo. — Ah, ah! Sempre dizes as mesmas cousas. E ainda existe algo em que não mudaste: tua encantadora voz, teu maravilhoso modo de falar. — Expressava-se agora com gravidade. Havia se inclinado sobre a mesa e ela aspirava o cálido e penetrante perfume da casca de laranja. — Bastaria que disseses uma única palavra para que te reconhecesse em meio de um vozerio. Não sei a que se deve — e muitas vezes me tenho perguntado — não sei o que é que faz de tua voz uma... recordação tão obcecante... Lembras-te da primeira tarde que passámos juntos em Kew Gardens? Ficaste tão admirada de eu não conhecer os nomes das flôres! Também hoje os ignoro. Mas quando chega a primavera e começo a ver côres brilhantes — é extraordinariamente curioso — parece-me ouvir tua voz a dizer: "Gerânio, calêndula, verbena". E sinto como se essas três palavras fossem as únicas reminiscências de uma língua divina que esquecera... Lembras-te dessa tarde?

— Oh, sim. Muito bem. — Suspirou profundamente, mas de um modo suavíssimo, como se os narcisos de papel fossem demasiadamente delicados para suportar um mais forte. Não obstante, o que daquela tarde ficara gravado em sua mente era uma cena ridícula em um salão de chá. Um pagode chinês muito concorrido, no qual êle, de pronto, se improvisara em caçador de vespas... um homem sério, iracundo, muito mais fora de si do que o exigiam as circunstâncias, que agitava as mãos e empregava o chapéu de palha para espantar vespas. Quanto havia divertido naquela tarde a todo o mundo. E quanto a fizera sofrer!

Mas agora, enquanto êle falava, essa recordação se desvanecia. O que êle dizia era verdade. Sim; havia sido uma tarde esplêndida, saturada de gerânios, calêndulas e verbenas, e... radiante de sol. Seus pensamentos detiveram-se nessas últimas palavras como se ela as tivesse cantado.

oOo

Ao influxo do calor, pois fazia algum, outra recordação emergiu. E se viu sentada em um campo. E viu-o deitado ao seu lado quando, depois de um largo silêncio, se havia inclinado até apoiar a cabeça em seu colo.

— Gostaria — disse, com a voz baixa, turbada — gostaria de haver tomado um veneno e me encontrar agonizante... aqui, agora mesmo.

(Conclue na página 44)

Em um belo dia, passados seis anos, voltou a encontrá-lo. Estava sentado junto a uma dessas mesinhas de vime sem mais adornos que um jarro japonês com narcisos e papel, e tinha á sua frente um prato e uma alta fruteira. Muito delicadamente, com uma delicadeza especialíssima que ela reconheceu de imediato como a dêle, o homem descascava uma laranja.

O homem deve ter experimentado a repercussão da surpresa da mulher, porque levantou a cabeça e seus olhos se encontraram. Era incrível! Não a havia reconhecido! A mulher sorriu; o homem franziu a testa. Ela se adeantou; êle cerrou as pálpebras um instante e, ao abrí-las, seu rosto se iluminou, como uma habitação ás escuras em que se queimasse um fósforo. Soltou a laranja e afastou a cadeira enquanto ela retirava sua mão morna do manguito e lh'a estendia.

— Vê! exclamou êle
— Extraordinário! Confesso que ao primeiro momento não cheguei a reconhecer-

te. Senta-te. Comes alguma cousa? Tomas uma chícara de café?

Ela vacilou; porém, certamente, iria aceitar.

— Bem, tomarei uma chícara de café. — E sentou-se em frente dêle.

— Mudaste. Mudaste muito — disse-lhe êle, olhando-a com suas pupilas brilhantes e ansiosas. — Estás linda. Nunca te havia visto tão bonita.

— Crês? — E ela tirou o chale. — Pois não me sinto bem. Já sabes, não posso suportar êste tempo.



Calça longa e larga de jersey branco, bolero do tecido da calça.
Blusa de crepe de fantasia.



*Limpe sem esfregar...
Tonifique sem ressecar...*

O primeiro e mais essencial cuidado que devemos dedicar à tez, é a sua perfeita limpeza, pois somente uma cutis realmente limpa pôde ser bela.

Elizabeth Arden foi feliz de idealisar com o "Ardena Creme de Limpeza", o melhor preparado que se destina à limpeza da pele. Conjugado com o "Ardena Tonico para a Pelle", o "Ardena Creme de Limpeza", clareia e refresca o rosto, tonificando e conservando os tecidos. A combinação desses preparados indispensaveis ao tratamento da beleza constitue o passo inicial para obter-se uma cutis verdadeiramente linda.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



Toilette para a noite, de lamé dourado com pintas de seda branca.



Costume de tweed cinzento. Recortes nas abas dos bolsos e cadaço de seda cebrando toda em volta. A saia com pregas na frente.



Roupão de setim rosa acolchoado e pespontado.

As criações dos grandes costureiros

Diante de uma criação de um grande costureiro, nós mulheres, temos uma infinidade de aspectos e prismas com que nos dispomos a examinar e, certamente, a comentar a obra de arte. E' como si estivéssemos observando um quadro ou uma escultura. Primeiro nos preocupamos com o conjunto, a impressão que ele causa, emitindo opiniões de acôrdo com o nosso temperamento e as reações de nossa sensibilidade. Visto o conjunto passamos a estudar o que, nele, existe que o diferencia dos outros, isto é os detalhes — corte, côr e, enfim, a fazenda.

Nós mulheres sabemos falar longamente sobre todos esses particulares e minúcias. Mas, para não tomar todo o espaço desta crônica e mais alguma cou-

sa, há um aspecto desta questão que estamos abordando que nos pode oferecer um dedo de prosa bem interessante. E' um detalhe que pode ser destacado como de suma importância na criação dos modelos femininos: — o que diz respeito aos tecidos. E' até interessante perguntar: — Si não fossem os bons tecidos, si não fosse possível contar com a habilidade dos grandes tecelões teria a arte da costura encontrado eco para suas criações, mesmo que, na mente do artista, elas fossem maravilhosas? Cremos que não. A arte do figurinista depende de uma série de fatores, entre os quais os tecidos ocupam uma das primeiras planas. Os desenhistas de modas precisam ter em mãos, em primeiro lugar, quasi sem-

pre, a fazenda que vão utilizar, para que suas idéias inspiradas encontrem campo propício a tomarem o sôpro da vida. Assim é com todas as artes, como a argila para o escultor ou a tela para o pintor. Queremos com isto salientar a importância do tecido para o efeito geral de uma criação feminina. E as mulheres elegantes, no final de contas, devem o esplendor e graça de sua *toilette*, ao mesmo tempo que à arte dos figurinistas, também à habilidade dos creadores de tecidos. Aliás, quando tivemos, no Rio e em S. Paulo, as apresentações da Coleção de Modas Inglesas, vimos muitas surpresas em matéria de tecidos. Não só ficaram demonstradas amplas possibilidades, mas também capacidade de crear

novas idéias e aplicações para os tecidos, o que é motivo de grande júbilo para as mulheres elegantes. Àquela mostra de elegância vieram acrescentar-se depois as últimas notícias sobre a produção de tecidos em geral na Inglaterra. E em cada um deles há uma informação interessante, que podemos resumir. Vejamos, por exemplo, os algodões. Estão incluídos desde os tecidos mais finos até aos de textura mais encorpada, com *imprimés*. E eles são hoje tão belos e finos que até estão sendo largamente adotados para trajes de noite! Não é surpreendente? Quanto aos *piqués*, observa-se que ficam maravilhosos para os vestidos de aspecto masculino. Falando em *rayons*, o campo é vastíssimo. Há, na realidade, um *rayon* tecido de tal maneira que seria muito difícil diferenciá-lo do verdadeiro linho. O que causa maravilha é a variedade encontrada em *rayons*, desde os de delicadas côres, para trajes de noite, até aos mais ásperos, para modelos de esporte. E o *rayon-grosgrain*, esse é uma finíssima variedade, que permite deslumbrantes idéias.

Em sedas, não sofre solução de continuidade a produção de novas idéias. Maciez, durabilidade, plasticidade, tudo que se exige das sedas está mantido; mas os ingleses ainda se superam a si próprios lançando numerosas novidades. O *jersey*, que é uma fazenda tricotada à máquina, ganhou tal beleza e maleabilidade, que agora levantou outro interesse, mais amplo do que o que possuía quando só era considerado próprio nos trajes esportivos.

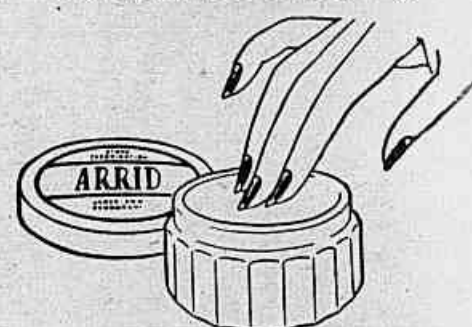
E' conhecida a beleza que sempre se encontra nas aplicações em rendas. Sua delicadeza é tão notável que os maiores costureiros do mundo as destinam sempre para as melhores criações. Costuradas com verdadeira arte não deixam notar sequer um traço da costura.

Os tules estão belíssimos, despertando e avivando lindas sugestões para ensembles de noite. As lãs também confirmam, pela sua beleza e flexibilidade, a tradição e renome que possuem. A tendência da moda em *tweeds* é para riquíssimos coloridos, havendo uma estupenda idéia em que se combinam o vermelho, o violeta e o verde, num fundo amarelo. Algumas lãs simples são tecidas por humildes aldeões da Gales. A combinação de côres é maravilhosa. São um campo para infinita inspiração, que permite crear modelos deslumbrantes. Eles completam e tornam realidade a inspiração do artista costureiro. — F. A.



1—Costume de jersey de lã, vermelho telha. 2 — Costume de lã de fantasia no tom bege e marron. Casaco cintado com bolsos aplicados. 3 — Blusa de shantung amarelo claro, enfeitada com pespontos. 4 — Blusa simulando um colete, em shantung verde jade. 5 — Blusa de toile de seda com listas, bolsos originaes. 6 — Costume de lã mesclada, guarnecido com pespontos

Novo ... CREME
Desodorante que Detém
A Transpiração
das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

As mulheres usam mais ArRID do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

Tamanho econômico 9\$500 Tamanho pequeno 4\$000

A ARTE DE DEPILAR AS SOBRANCELHAS



— Si suas sobrancelhas são demasiadamente espessas, depile-as o suficiente para que ofereçam uma linha limpa e definida. Mas não lhes modifique a forma nem as reduza de mais até torná-las um fio. A linha das sobrancelhas deverá seguir, o mais aproximadamente possível, a curva da pálpebra superior. Faça a depilação de maneira que cada cabelo nasça exatamente sobre o ângulo inferior do olho, e ao usar a pinça aplique-a com cuidado e em um cabelo somente. Uma vez terminada a operação, desinfete a região depilada com uma solução alcoólica.



— Si suas sobrancelhas são escuras e bem perfiladas, não é necessário retocá-las a lapis, ainda que, para a noite, não seja mau acentuá-las um pouco. No maquillage comum use, depois de se haver pintado, uma pequena escova para limpá-las e alisar. Escove-as para cima, imprimindo-lhes forma ligeiramente curvada. Si lhes deseja dar brilho, ponha um pouquinho de "cold cream" ou brilhantina.



— Si prefere pintá-las com escova, use muito pouco rimel e pequena quantidade de água na escovinha. Toque as sobrancelhas ligeiramente e com cuidado. Em lugar de rimel pode-se empregar o lapis das sobrancelhas como colorante, colocando creme na escovinha e esfregando nela o lapis.



— Si suas sobrancelhas são demasiado finas, comece pintando-as na parte inferior, diminuindo a traço à medida ue se aproxima da frente. Em seguida encha a parte superior da mesma forma e esfume a linha suavemente com o dedo. Tenha o cuidado de não fazer um gancho na extremidade das sobrancelhas. Veja-se de perfil, por via de dúvidas, para assegurar-se de que não cometeu um erro que a desfigura.



Si suas sobrancelhas são claras e ralas, marque-as com um lapis bem afilado, marron si você é loira e negro si é morena, sustentando-o suavemente entre o polegar e o índice e o médio. Apoie os outros dois dedos restantes na face e mova a mão, e também o braço si for necessário. Não procure retocá-las em um só traço, porque o efeito será desagradável e artificial. Pinte-as com pequenos "loques", como si estivesse retocando cada pelo de per si. Dêste modo ficarão perfeitas.



4 Modelos:
De Luxo - Grande - Médio - Pequeno

COM
Michel
AS MULHERES
ATRAEM OS HOMENS

● Bonita e fina!... Usa Michel, porque lhe conserva os lábios sempre frescos e macios. Porque os lábios permanecem inalteráveis por longo tempo. Porque na escala de matizes Michel — os mais elegantes e modernos — ela encontrou exatamente o que convém á sua personalidade. Brunette, Capucine, Scarlet, Cherry, Vivid, Raspberry, Cyclamen, Blonde e Amaranth.

Insista sempre no verdadeiro Michel

MICHEL COSMETICS INC.
NEW YORK

Para maior harmonia de sua beleza, use também Rouge Michel para suas faces, o Cosmético Michel para seus cílios e o pó de arroz Michel para sua pele.



O Rouge Michel lhe dará faces gentis e vivas. Cores: Coral, Blonde, Raspberry, Brunette, Cyclamen, Cherry, Mandarine.

O Cosmético Michel Indlevel fará maiores e mais sedutores os seus olhos. Encontrado nas cores: Preto, Castanho e Azul.



Devemos castigar nossos filhos?



NO LABORATORIO DE BIOLOGIA INFANTIL DO JUIZADO DE MENORES—
Aspecto da visita do prof. Alcides Lintz, diretor do Serviço Médico Escolar da
Municipalidade, vindo-se à sua direita o Juiz de Menores e à esquerda o dr.
Meton de Alencar, diretor do Laboratorio, e alguns chefes de serviço.

Os que se têm dedicado ao estudo da natureza da criança e da sua educação, em todos os tempos, desde Platão até a nossos dias, têm discutido o problema do tratamento a ser dispensado às crianças, de modo que elas possam mais pronta e eficazmente assimilar o controle pessoal nas ações que não devem executar. Muitos dos que têm aconselhado pais e professores sobre o assunto dizem que, a menos que os castigos corporais sejam aplicados frequentemente, as crianças ficarão impertinentes e teimosas. Seguindo tal método, si uma criança, á mesa, pretende apanhar mais um pouco de doce sua mãe bate-lhe na mão ou aplica-lhe um cascudo, quando não a retira da mesa para uma surra.

Um livro sobre a história dos castigos, recentemente publicado, enumera os instrumentos que eram usados nos tempos antigos para conseguir a educação dos jovens. Várias dezenas de instrumentos de tortura foram empregados até há pouco tempo. Dificilmente se passava um dia em que algum moço não fosse surrado várias vezes. Praticamente, tudo o que o rapaz fazia estava errado na opinião do pai, e assim tinha que ser punido.

No entanto, apesar de ter sido muito popular entre os pais e professores antigos, o ditado "poupe a palmatória e estrague a criança", muitos dos que estudaram a criança no passado e deram conselhos sobre os meios mais práticos para sua educação condenaram o emprego dos castigos corporais. Platão dizia que si cercassemos as crianças de cuidados especiais, oferecendo-lhes panoramas e mu-

sicas agradáveis, elas cresceriam bem educadas, bem comportadas e virtuosas. Rousseau aconselha os pais de sua época, muito persuasivamente, e não baterem nunca nos menores porque os castigos corporais brutalizam a criança. Num livro brilhante que teve a maior influência na educação mundial, Rousseau mostrou aos pais como empregar melhores métodos que os castigos corporais na disciplina

DENTISTA PARA CRIANÇAS

DR. NEWTON G. SANTOS
chefe de clinica odontologica do Hospital Jesus.
Atende por hora marcada. Cons. Ouvidor,
183, 3.º sala 34. — Tel. 38-4744. 2as. 4as.
e 6as., das 13 às 18.

e educação dos jovens. Lembrava que as crianças devem sofrer as consequências naturais de sua desobediência.

Os mais dedicados estudiosos da natureza da criança têm endossado este ponto de vista, pelo menos em suas linhas gerais, embora hoje novas tendências venham sendo apresentadas.

CONQUISTA DA CRIANÇA

Tomemos um exemplo: — uma criança de três anos de idade está gritando e irritando sua mãe. Esta lhe diz:

— Se você deixar de gritar dou-lhe um doce.

Os que adotam o método de Rousseau dirão que este processo é prejudicial, pois a criança concluirá que todas as vezes que desejar alguma coisa poderá consegui-la se chorar. Que deverá a mãe fazer neste caso? Deverá deixar a criança só, dizendo-lhe que não pode permanecer ao lado de quem se comporta de tal maneira, ou deverá colocá-la em outra sala, fazendo-lhe compreender que não pode ficar onde se acham as outras pessoas. Si esta lição for insinuada sempre que se apresentar uma ocasião propícia, a criança concluirá que não é possível perturbar a vida dos que vivem junto a si, sem experimentar também consequências desagradáveis.

Si um pai tiver que empregar, frequentemente, a força na educação de um filho, é porque a criança foi estragada por algum processo errado de educação nos primeiros anos, ou porque o pai não sabe ocupá-lo convenientemente, ou porque não deseja dar ao filho qualquer liberdade.

Os pais de hoje compreendem melhor e se mostram mais simpáticos no tratamento dispensado aos filhos; no entanto, existem alguns deles que ainda dão ordens aos pequenos o dia todo, para que façam isto ou deixem de fazer aquilo. É impossível evitar o castigo corporal se os pais não derem um pouco de liberdade aos



Luciano Ismael, filho do casal
Ildelfonso Correia—Ruth Landim
Correia (Rio).

filhos e, especialmente, se não quiserem ou não puderem dar a eles ocupações adequadas. E o castigo corporal é o maior inimigo da educação. Prática criminosa, nos dias atuais.



ROBERTO, filho do sr. Wencesláu
Quintais e d. Euveltina
Loureiro Quintais.

Combata a Tosse, a Grippe e o Resfriado

NÃO ABANDONE O SEU ORGANISMO TRATANDO ESTES MALES COM REMEDIOS INEFICAZES



A tosse e as afecções das vias respiratórias constituem grande perigo, principalmente para pessoas fracas, devido ao enfraquecimento geral do organismo. É necessário, pois, cortar a tosse rapidamente e combater as afecções que a originam com um remédio de efeito seguro. É recomendado por muitos médicos de renome o

Xarope São João como um poderosa desinfectante das vias respiratórias e vitalizador dos bronquios. Tanto para crianças como para adultos, o seu efeito é notável. Combate as infecções grippaes, tosses, catarrhos crônicos, irritações de garganta e rouquidão. A sua composição científica apresenta-o sob a forma de um saboroso xarope que não ataca o estômago nem o rins, agindo como tônico calmante e evitando complicações.

Xarope São João

LABORATORIOS ALVIM & FREITAS • SÃO PAULO



A interessante Maria José, filhinha
do casal desembargador
Sabóia Lima.

MORTA ou VIVA

A
**SUA PELLE
REJUVENESCERÁ
EM 8 DIAS
COM
A**

MASCARA DE LAMA
MARCA REGISTRADA SOB O Nº 48021
APLICADA EM SUA CASA OU NOS
SALÕES DA
ACADEMIA CIENTIFICA DE BELLEZA
M.ª CAMPOS
SOB CONTROLE MEDICO, JUNTAMENTE COM O
**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**
A VENDA EM TODO BRASIL
DEPOSITO: ASSEMBLEIA IIS.º RIO

ULTIMOS MODELOS



Vestido para a noite, de organza branca, a blusa toda bordada com lentejoulas douradas.



Manteau largo de lã branca, bolsos originais e muito decorativos.

A sedução feminina se completa e se valoriza com o suave colorido das faces e o acento prodigioso dos lábios! Aumente o fulgor de sua beleza usando o

ROUGE e o BATON
LaLaque

Com "LALAQUE" sua boca ficará maravilhosa, seus olhos fulgirão com mais harmonia, aumentando a fascinação do seu rosto.

ROUGE e BATON
LaLaque

Nº 1411
Nº 1410
Nº 1460

**A' VENDA EM
TODO O BRASIL**

T. TARQUINO



Saia de lã azul marinho, com pregas, a blusa de crepe branco guarnecida com pontos abertos e finas pregas.

Interessante toilette para a manhã, composta de um casaco de lã bege claro, com os bolsos festonados. A saia de lã marrom, com barra de lã bege e astracan de lã (imitação). Capa do mesmo tecido da saia, guarnecida com astracan.



ENCONTRO

(Continuação da pag. 38)

Naquele momento, uma mocinha vestida de branco, com um lírio gotejante d'agua na mão, surgiu de um arvoredor, olhou-os e escondeu-se. Ele não a havia visto. Ela se inclinou.

— Por que dizes tais cousas? Eu jamais poderia dizê-las.

Ele proferiu uma espécie de suave queixume e, tomando-lhe uma das mãos, levou-a á face.

— Sei que te quero demasiadamente, demasiadamente... e que hei de sofrer até o incrível. Porque tu, Vera, nunca me amarás. Nunca!

Agora, éle era mais atraente do que fôra seis anos antes. Havia perdido toda aquela indecisão, aquela maneira vaga de outrora. Dava a impressão, agora, de um homem que encontrou a sua missão na vida e cumpre-a com uma confiança e uma decisão — no mínimo — admiráveis. Até devera haver feito fortuna.

Suas roupas eram irrepreensíveis; e, naquele momento, puxou uma cigarreira de couro da Rússia.

— Queres fumar?

— Quero. — Passou os olhos pelos cigarros. — Parecem de ótima qualidade.

— Creio que o são. Fazem-n'os um homenzinho de St. James Street. Eu não fumo muito. O tabaco não me agrada como a ti; mas, quando fumo, estimo que os cigarros sejam realmente finos, realmente frescos. Em mim, o tabaco não é um vício: é um luxo... como o perfume. Continuas apreciando muito os perfumes? Ah, quando estive na Rússia...

— Estiveste na Rússia, de verdade?

— Oh, sim; mais de um ano... Quanto falámos de ir á Rússia! Esqueceste?..

— Não; não me esqueci.

—oOo—

Ele deu uma estranha gargalhada e se inclinou para trás sobre o espaldar da cadeira.

— Não é curioso? Fiz todas as viagens que havíamos projetado. De fato, visitei todos os lugares que havíamos planejado visitar e me demorei nêles o tempo suficiente para — como gostava de dizer — “aclimatar-me”. Passei estes três últimos anos viajando: Espanha, Córsega, Sibéria, Rússia, Egito. Resta apenas a China e penso visitá-la logo que termine a guerra.

Enquanto éle falava, frivolamente sacudindo a cinza do cigarro contra a borda do cinzeiro, ela sentiu que o estranho animal que existia no seu íntimo, o estranho animal que havia dormido tanto tempo, se espreguiçava, bocejava, alçava as orelhas, se punha bruscamente de pé e fixava com a vista ansiosa, ávida, aquelas paragens longínquas. Mas tudo o que ela disse, sem sequer um sorriso agradável, foi:

— Como te invejo...

Ele estava de acôrdo.

— Sim; é realmente maravilhoso. Principalmente o passeio á Rússia. A Rússia é o quanto havíamos imaginado e muito, muito mais. Passei alguns dias em um barco, no Volga. Lembra-te da canção do barqueiro, que ás vezes tocavas...

— Lembra-me. — E começou a executá-la mentalmente.

— Ainda a tocas?

— Não; não tenho piano.

Ele ficou muito surpreso.

— Mas que foi feito do teu magnífico piano?

Ela deu um leve muchôcho.

— Vendido. Há anos.

— Gostavas tanto de música! — evocou éle.

— Agora não tenho tempo para lhe dedicar.

Ele deixou de lado esse tema e prosseguiu:

— A vida no rio é alguma cousa incomparável. Diferente. Ao cabo de um dia ou dois, não concebes haver conhecido outra. E não é preciso dominar o idioma... a vida no rio cria, entre uma pessoa e as demais, um vínculo que é mais do que suficiente. Comes com elas, passas o dia com elas e, ás tardes, escutas as suas canções intermináveis.

Ela estremeceu. Ouvira o canto do barqueiro cada vez mais volumoso e mais trágico, e via o barco a deslizar sobre o rio sombreado e entre margens cobertas de árvores melancólicas.

— Sim; eu gostaria...

— Gostarias de quasi tudo na Rússia — disse éle com calor. — A vida lá é tão pouco convencional, tão primitiva, tão livre! E os camponeses são tão generosos! São mais... sim, isto é mais seres humanos. Até o homem que dirige o nosso coche participa realmente do quanto nos sucede. Lembra-me de uma excursão, um “pic-nic” ás margens do Mar Negro com dois amigos e a mulher de um deles. Havíamos levado iguarias e champanha, e comíamos e bebíamos sentados sobre a relva. Em meio de nossa refeição apareceu o cocheiro. “Tenho alcaparras em vinagre”, disse. Queria que compartilhássemos com éle. E isso me pareceu tão natural... tão... comprehendes o que quero dizer?

E ela acreditou estar sentada sobre a relva, ás margens do misterioso Mar Negro, negro como o veludo, que se desmanchava na praia em ondas silenciosas, de veludo. Viu o coche que destacava sua silhueta á borda do caminho e o pequeno grupo na relva, os rostos e as mãos embranquecidos pela luz da lua. Viu o páldio vestido da mulher despregado a seu redor e a pequena sombra, compacta, projetando-se sobre o musgo como um imenso caçador de pérolas. Afastado do grupo, com sua merenda em uma toalha sobre os joelhos, estava sentado o cocheiro. “Tenho alcaparras em vinagre”; e ainda que ela não soubesse bem o que eram alcaparras, via não obstante uma jarra de vidro esverdeado com aros vermelhos como bicos de papagaio e brilhantes. Comeram os moluscos; as alcaparras em vinagre eram espantosamente azedas.

— Sim; comprehendo muito bem o que queres dizer.

Na pausa que se seguiu, olharam-se. Em outra época, quando se fitavam nos olhos, sentiam penetrar-se de uma compreensão tão ilimitada que suas almas se abraçavam e caíam em um mesmo mar, satisfeitas de afogar-se, como amantes venturosos. Mas agora — e era assombroso — éle foi o primeiro a furtar-se, o primeiro a falar.

— Que maravilhosa ouvinte eras! Quando me fitas com esses olhos selváticos, penso que poderia dizer-te coisas que jamais revelaria a ser humano algum.

Haveria algo de ironia na voz dele, ou era sua imaginação?

— Antes de te conhecer — continuou — nunca havia falado de mim a ninguém. Como me lembro de uma noite, a noite em que te levei a arvoredinha de Natal e te contei toda a minha infância, te contei que uma vez me sentira tão infeliz que fugira e passara dois dias debaixo de um carro, no curral de minha casa, sem que me descobrissem. E tu escutavas, e teus olhos brilhavam, e eu sabia que até havias feito com que a arvoredinha de Natal escutasse também, como nos contos de fadas.

Mas o que daquela tarde ela recordava era uma latinha de caviar. Havia custado sete shilins e 6 pence. Ele não pudera admitir. Pensar que... uma latinha como essa custara sete shilins e seis pence! E, enquanto ela comia, ele observava deleitado e comovido.

— Não; francamente. Isso é comer dinheiro. Não deverias gastar sete shilins com uma latinha desse tamanho. Pensa tão somente no proveito que pode render-te... — E começara a fazer uns cálculos imensamente complicados... Mas, agora, adeus, caviar. A arvoredinha de Natal estava sobre a mesa, e o pequenino dormia debaixo do carro com a cabeça apoiada no cachorro da casa.

— O cachorro chamava-se Bosum! — exclamou ela, alegre.

Mas éle não a havia seguido em seu processo mental.

— Que cachorro... Tinha um cachorro? Não me lembro de nenhum cachorro.

— Não, não; o cachorro da tua casa, quando eras menino — Riu.

— Ah, sim? Pois me havia esquecido. Parece-me que passaram tantos anos desde então. Não posso acreditar que sejam somente seis. Depois de te reconhe-

cer, há pouco, tive que dar um salto tão grande sobre minha vida para volver áquela tempo... Era tão creança há seis anos — tamborilou sobre a mesa — Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo o quanto te devo haver aborrecido. E agora compreendo perfeitamente porque me escreveste aquela carta... ainda que áquela época quasi tenha dado cabo de minha vida. Encontrei-a de novo outro dia e não pude deixar de rir-me ao relê-la. Era tão aguda... e o retrato que fazias de mim tão fiel...

Levantou a vista.

— Já vais?

Ela havia colocado o chale.

— Sim; temo que sim — disse, e tentou sorrir. Agora sabia que ele estivera a brincar com ela.

— Oh, não! Por favor — suplicou éle. — Fica-te um momento mais! — E se apoderou de uma das suas luvas e a reteve nas mãos como se fôra ela própria. — Trato com tão pouca gente com quem posso falar que me converti em uma espécie de selvagem — explicou. — Disse-te algo ofensivo?

— Não — mentiu ela. Mas, quando o viu passar a luva por entre os dedos, suavemente, sua cólera se desvaneceu: naquele momento se parecia muito mais com o que fôra seis anos antes.

— Sabia que estavas mais só do que ninguém — continuou — e não obstante, sentia que eras a única pessoa deste mundo que estava realmente, autenticamente viva. Nascida fora de teu tempo — murmurou acariciando a luva — predestinada.

—oOo—

Oh! Que havia feito? Como havia chegado a destruir a sua felicidade dessa maneira? Ali estava a única pessoa que a havia compreendido. Seria demasiadamente tarde? Poderia ser demasiadamente tarde? Ela era a luva que éle tinha entre os dedos.

— Não tinhas amigos, não fazias amizade com ninguém. Encontrava-me no teu caso; como não te compreender? E agora? Continuas a mesma?

— Sim — suspirou ela. — Exatamente a mesma. Estou tão só como sempre.

— Eu também. — Sorriu com simpatia. — Exatamente o mesmo.

De pronto, com um rápido movimento, devolveu-lhe a luva e afastou a cadeira com o próprio peso.

— Mas o que me parecia tão enigmático, então, surge-me agora perfeitamente claro. E a ti também, desde logo... Eramos tão egoístas, estávamos tão enigmáticos, tão clausurados dentro de nós mesmos que não restava um logarzinho sequer em nossos corações para nada. Sabes? — exclamou, ingênuo, cordial, terriblemente perverso, mostrando um novo aspecto do seu antigo eu — comecei a estudar psicologia experimental quando estive na Rússia e aprendi que não somos tão raros como supúnhamos. A nossa é uma conhecida forma de...

Ela se havia retirado. Ele ficou estupefato, mais do que se pode conceber.

Depois chamou a empregada e lhe pediu a conta.

— Mas o creme não foi tocado — disse. — Faça o favor de o não incluir.

Zande

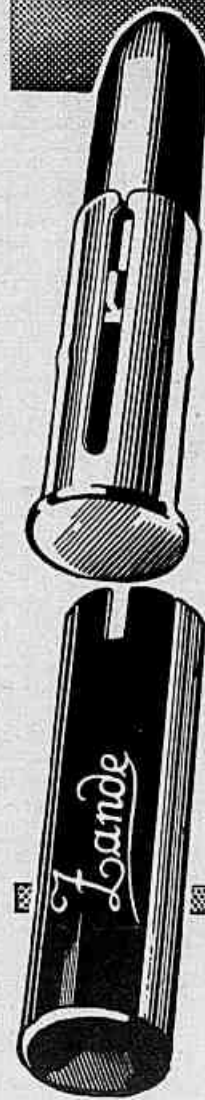
acende



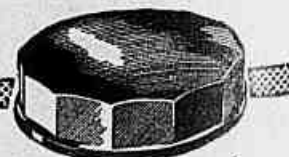
a chama romântica nos seus lábios

Incontáveis são as mulheres que já descobriram o modo mais fácil de possuir lábios de delicados contornos e cheios de côr, que atraem todos os olhares. O segredo é o Baton ZANDE... porque ZANDE é diferente. ZANDE é caricioso e suave como o veludo — um triunfo da arte da perfumaria. A senhora, também, poderá desfrutar o inefável prazer que provem de saber que seus lábios estão como devem estar... o toque supremo do encanto da sua maquilagem. São seis côres ZANDE, para diferentes cutis. Quatro tamanhos — um para cada bolsa.

Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que a põe ao alcance de todos os lábios.



... e o Rouge ZANDE! Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente á cutis durante muitas horas. Seis côres — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.





CORREIO FEMININO é uma novidade que introduzimos hoje no "Jornal das Famílias" da REVISTA DA SEMANA.

Trata-se, como o título indica, de uma secção destinada a estreitar as relações da Revista com os milhares de leitoras disseminadas por todas as regiões do Brasil e mesmo do estrangeiro.

Você mora no interior, deseja obter informações sobre modas, turismo, cinema, literatura ou produtos de beleza? Dirija-se ao "CORREIO FEMININO DA REVISTA DA SEMANA".

Reside na capital do país, tem um caso particular a resolver, ou precisa de orientação sobre assunto de interesse geral? Envie uma carta ao **correo** da Revista e será atendida com a presteza que as nossas possibilidades permitirem.

E, si vive atualmente longe do Brasil e deseja saber novidades da pátria distante, fique ciente de que no Rio existe uma pessoa muito interessada em manter correspondência com patricias residentes no estrangeiro: a redatora destas linhas.

O nosso interesse, ao iniciar esta secção, é o de bem servir às prezadas leitoras. Disponham, pois, dêse "bureau de informações"... sem cerimônia!

CORREIO FEMININO DA REVISTA DA SEMANA
Rua Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Rio, 19-7-1941

Senhora redatora do **CORREIO FEMININO**:

Li, por acaso, na residência de uma amiga, a notícia de que uma secção, **CORREIO FEMININO**, ia ser iniciada aí na REVISTA DA SEMANA. O sentimento que se apoderou de mim foi a inveja. Um ódio surdo contra a senhora tomou conta do meu pobre coração, onde só há lugar para amarguras... Perdoe, si puder. E' que eu, também, tive um dia a veleidade de pensar que seria possível encarregar-me de uma secção assim. Tive sonhos literários... pobre e idiota que fui!

Hoje, de tudo que esperei da vida só me restam dois filhos insuportáveis e um marido rabugento, neurastênico e implacante como ele só! Enquanto a senhora está aí na redação, diante de sua máquina de escrever, eu estou em casa, ao pé do fogão, tendo garotos chorões de pendurados às minhas saias.

Tenho ódio à pobreza; a essa miséria em que sou obrigada a viver e não sei mesmo o que é que ainda me prende à vida, pois si o ideal máximo fugiu-me para sempre...

Amargurada.

Amargurada — Esse ódio assim, contra tudo e contra todos, parece ser um sintoma de desequilíbrio nervoso muito sério e que requer cuidados imediatamente. Não brinque com semelhante estado psíquico.

Pelo menos a finalidade máxima de sua vida você já atingiu: ser mãe. Mesmo nas travessuras de seus filhinhos poderá colher motivos de inspiração. Por que não tenta? Entre as duas refeições ou à noite, sempre há um tempinho que poderá ser dedicado ao lapis e a um caderno de papel. Procure, entretanto, o mais que puder evitar o lugar-comum. Aquele "ódio surdo" é um deles. Sentir-se ódio já é uma coisa notável. P'ra que acrescentar ainda um "surdo"? "Sinto ódio de você" ficaria mais simples e convenceria melhor. O adjetivo, não sei por que (talvez pelo abuso que o rádio tem feito dele) é o que menos convence hoje em dia! Quando ouvimos um **speaker** gritar que tal produto é ótimo, é formidável, tomamos nota, mentalmente, afim de que semelhante mercadoria não penetre nunca em nossa casa...

Os grandes artistas, **Amargurada**, sempre foram grandes sofrendores. Parece que é de André Maurois esta opinião: "Um escritor não tem o direito de ser feliz. A religião e a arte precisam de sofrimento, porque somente ele pode criar o gênio. Um escritor deve cultivar o sofrimento e calcar os pontos nevralgicos. Quando grita de dor, quando toca nas cordas sensíveis, é que dá expansão ao talento". Quando existe talento, bem entendido. Quando somos mediocres, escrevemos pelo prazer íntimo que isso nos dá... e para desespero do "prezado leitor".

Decerto Maurois não está aconselhando ninguém a correr atrás do sofrimento, mesmo porque isso não seria preciso. Só os estúpidos são completamente felizes. Na vida dos que possuem um pouco de sensibilidade, a amargura e o desencanto são inevitáveis. A Arte é a evasão da

vida pelos caminhos espirituais. Por isso se refugiam nela todos aqueles que não querem sucumbir ao peso dos desencantos.

Amargurada: Você já assistiu ao film "E o vento levou..."? Os poucos minutos da cena final valem pelas três horas e quarenta e cinco minutos de projeção do film todo. Quando Scarlett O'Hara, desalentada pelo abandono em que a deixou Rhett Butler, soluça caída nos degraus da escada, veem-lhe à lembrança os conselhos de Gerald, e ao espectador faz-se ouvir a voz enérgica de seu pai, que morrera há tempos, e que lhe diz em tom imperioso coisas interessantes que resumimos assim:

— Por que choras, Scarlett O'Hara? Por que um homem te abandonou? Mas, que importa esse homem, si ainda te resta o pedaço de terra que é a coisa mais importante de tua vida? Regressa a Tara e tuas forças te voltarão! Tara... Tara... Tara!

Tara não é apenas a fazenda de Gerald e Scarlett O'Hara.

Tara é o ideal de cada um de nós. Margaret Mitchell usou um símbolo, quando o objetivou num pedaço de terra.

Que importa que outros Rhett sejam incapazes de compreender outras Scarlett?

Vamos, **Amargurada**. A vida ainda não lhe negou tudo. Fuja para o abrigo do seu "sonho literário", fuja para o carinho dos seus filhos.

Coragem! "Amanhã já é um outro dia"...

PARA-QUEDAS

Em homenagem à **AMARGURADA**

— Vamos, mamãe, faça outro depressa, aquele já voou. Outro, outro, depressa

E assim uma dezena de para-quedas ia descendo do oitavo andar de um arranha-céu em procura da rua. Decerto que o destino deles era a amplidão do espaço e não a calçada de cimento. A fabricação caseira, porém, em papel de seda cor-de-rosa, não ajudava os pobrezinhos na sua pretensão de conquista ao infinito...

Mas, a imaginação exaltada de meu filho, como a de todas as crianças, ajudava-o a acreditar que os para-quedas já iam longe, muito longe, ao sabor do vento, em procura de São Paulo ou Porto Alegre...

Junto a um dos paraquedistas, uma mensagem de paz dizia assim: "Soltou esse para-quedas um menino que deseja ser amigo de quem o encontrar". O meu telefone é 25..."

Uma telefonema do solteirão do andar térreo tornou feliz um dia inteiro o garoto traquinas do oitavo andar, que o imaginou transmitido de São Paulo ou mesmo de Buenos Aires.

—oOo—

Meu filho: um dia tentarás invadir o mundo das idéias, onde se degladiam as forças do Bem e do Mal.

Filho de minh'alma, ai quem me dera, pudesse eu sempre representar em tua vida o papel de um para-quedas!

Suspenso em meu amor, talvez assim te poupasse o destino o choque brutal dos desenganos, que no futuro não de magoar, decerto, o teu pobre e inocente coração...

IGNEZ MARIZ



Yardley English Lavender
— Sabonete, Sais para Banho, Talco, Brillantina, etc. Ilustrados também o famoso Pó de Arroz, Creme e Baton, produtos Yardley indispensáveis para perfeita beleza.

Yardley Lavender é, há muitos anos, o perfume mais apreciado pelas damas elegantes de todas as grandes metrópoles. De fragrância pura e suave, é delicioso para uso durante o dia e em reuniões vespertinas despidas de formalidade.

LAVENDER e BELEZA
YARDLEY 33 OLD BOND STREET LONDON



Hoje em dia as mulheres concorrem com os homens nos mais diversos ramos de atividade, nos escritórios, nas repartições, nas fabricas, nos campos. Nestas condições, é preciso que o organismo feminino funcione todos os meses com a precisão de um cronometro.

Nada de adiantamentos ou atrasos. A **SAUDE DA MULHER** é o regulador por excelência, além de tônico e antidoloroso. Seu uso é uma garantia de periodos normais, sem dores e sem contratempos. A **SAUDE DA MULHER** traz no nome o resumo de suas virtudes.

A SAUDE DA MULHER

Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUACAO
APR. PULA GENS. SANIT. N. 95-J-L

Modelos para Crianças

Vestidinho de tricot de lã



Este vestido confeccionado com lã cablée azul (300 grs.), tem a gola e punhos executados com linha branca brilhante D. M. C. n. 15 (40 grs.) As medidas são dadas para uma menina de 3 annos a 3 annos e meio (comprimento 52 centímetros, volta do peito 62 centímetros).

Pontos empregados — Ponto de jersey: 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso. Ponto de jersey listado (gola e punhos): como o precedente, mas trico-

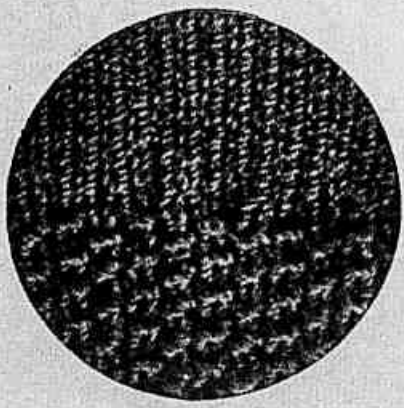


O vestidinho.

tando, todas as 3 carreiras, 3 carreiras pelo avesso no direito do trabalho.

Ponto de arroz (parte de baixo da saia, pala e parte de baixo das mangas): 1 ponto pelo direito, 1 ponto pelo avesso, contrariados em cada carreira.

Execução — O vestido é começado pela parte de baixo, lado das costas, que se faz num só pedaço até em cima. Pôr na agulha de tricot 160 malhas com a lã azul. Tricotar 6 carreiras no ponto de arroz e 22 centímetros no ponto de jersey,



Os pontos do tricot.



- 1 — Touca de crepe com franzidos ninho de abelha. 2 — Camisa de dormir, guarnecida com preguinhas e fita. 3 — Pijama de flanela com elastico na cintura. 4 — Vestidinho de crepe ou cambraia, com preguinhas nos hombros e renda em volta do decote e das cavas. 5 — Casaco de lã com capuz, guarnecido com bordado. 6 — Cueca de tricoline com elastico. 7 — Camisa de tricoline com mangas curtas. 8 — Roupã para menino, de linho branco, guarnecida a blusa por tiras com botões. 9 — Roupinha de zefir de xadrez, com gola, cinto e punhos de linho branco. 10 — Combinação de crepe, com pala de tula e viezes de setim. 11 — Cueca e camisa numa só peça. 12 — Camisa para menino, de zefir listado. 13 — Babador de fustão felpudo, guarnecido com ordens de rendinha. 14 — Elegante camisa de dormir para menina, de crêpe com incrustações de setim. 15 — Roupão de flanela listada. 16 — Pijama de lã ou linho, na pala e nas mangas recortes em festões. 17 — Roupão de lã com pala e os bolsos bordados.

fazendo de cada lado do trabalho 6 vezes 1 diminuição com 3 centímetros de intervalo. Simultaneamente, quando medir 18 centímetros de altura, fechar as 24 malhas do centro (para a prega dupla). Reunir todas as malhas numa mesma agulha e continuar em linha réta ainda 7 centímetros no ponto de jersey. Na ultima carreira, reduzir o numero de malhas a 80, tricotando as malhas duas a duas. Começar a pala no ponto de arroz. Quando medir 12 centímetros de altura, formar as cavas fechando de cada lado 1 vez 3 malhas,

1 vez 2 malhas e 1 malha. Quando medir 22 centímetros de altura, fechar 14 malhas no centro. Trabalhar cada lado separadamente fechando 6 por 6 as malhas do ombro. Simultaneamente fechar do lado da gola 2 vezes 4 malhas. Fazer o outro lado da mesma maneira.

Frente: — Faz-se da mesma maneira que as costas até à pala. No momento de começar esta, separar o trabalho em duas partes da seguinte maneira: 52 malhas para o lado direito; deixar as 28 malhas restantes à espera para fazer o lado esquerdo.

Trabalhar o lado direito em linha réta do lado da abertura. Do lado da costura, fazer 3 vezes 1 aumento com tres centímetros de intervalo. Formar a cava, na mesma altura que nas costas, fechando 9 malhas ao todo. Simultaneamente formar as cavas: a primeira a um centimetro do começo da pala, e a um centimetro da beirada, fechando tres malhas, que são postas novamente na agulha na carreira seguinte. A segunda cava com 7 centímetros pouco mais ou menos de intervalo na mesma carreira. As cavas repetem-se ainda duas vezes com 7 centí-

Casaquinho de tricot de lã

Este casaquinho de ponto rendado é executado com lã rosa azul, verde claro ou branca, para creança de 2 anos e meio a 3 anos.

Começar pelas costas, parte de baixo, pondo na agulha de tricot 80 malhas, tricotar o ponto de musgo (sempre pelo direito) durante 14 carreiras, depois fazer o seguinte ponto: 6 malhas pelo direito, uma lançada, 2 malhas pelo direito, uma lançada, e recommear. Segunda

tomadas juntas, 1 lançada, 6 malhas pelo direito e recommear. Sexta carreira: como a segunda. Setima carreira: uma lançada, 4 malhas pelo direito, 1 lançada, 1 malha pelo direito, escorregar a malha seguinte, 1 malha pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, uma malha pelo direito e recommear. Oitava: como a segunda. Nona carreira: uma lançada, 6 malhas pelo direito, uma lançada, escorregar uma malha fazer a seguinte pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, e recommear. Decima carreira: como a segunda. Decima primeira carreira: 2 malhas pelo direito, escorregar uma malha, fazer a seguinte pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, 2 malhas pelo direito, 1

lançada, 2 malhas pelo direito, 1 lançada, e recommear. Decima segunda carreira: como a segunda. Decima terceira carreira: uma malha pelo direito, uma malha escorregada, fazer a malha seguinte pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, 1 malha pelo direito, 1 lançada, 4 malhas pelo direito, uma lançada e recommear. Decima quarta carreira: como a segunda. Decima quinta carreira: uma lançada, uma malha escorregada, fazer a malha seguinte pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, 1 lançada, 6 malhas pelo direito e recommear. Decima sexta carreira: como a segunda. Decima setima carreira: 1 lançada, 4 malhas pelo direito, 1 lançada, 1 malha pelo direito, 1 malha escorregada, fazer

a seguinte pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, uma malha pelo direito, e recommear. Decima oitava carreira: como a segunda. Decima nona carreira: 6 malhas pelo direito, 1 lançada, escorregar uma malha, fazer a seguinte pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, 1 lançada e recommear. Vigessima carreira: como a segunda. Vigessima primeira: recommear a partir da terceira carreira (fig. 1). Trabalhar com o mesmo ponto durante 27 centímetros, fechar as 25 malhas do meio, tricotar cada lado separadamente, deixando um á espera, pôr na agulha para a frente 25 malhas, fazer o mesmo ponto durante 27 centímetros, mas tricotando as 7 malhas do lado da abertura no ponto de musgo, terminar por 14 carreiras no ponto de musgo. Fazer a segunda frente da mesma maneira.

Manga — Pôr na agulha 42 malhas, fazer 14 carreiras no ponto de musgo, depois trabalhar o ponto da fig. 1, durante 17 centímetros; fazer uma outra manga igual. Para formar a pequena gola, apañhar todas as malhas em volta do decote pelo direito do trabalho, fazer 4 carreiras no ponto de jersey: direito dum lado e avesso do outro, depois uma carreira de ponto aberto: escorregar a primeira malha, 1 lançada, 2 malhas tomadas juntas, 1 lançada, 2 malhas tomadas juntas, etc. Voltar pelo avesso, tomando as lançadas como malhas e terminar por 4 carreiras no ponto de jersey. Dobrar a tira no lugar dos abertos e coser pelo avesso.



carreira: voltar pelo avesso tomando as lançadas como malhas. Terceira carreira: uma malha pelo direito, escorregar uma malha, fazer uma malha pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas tomadas juntas, uma malha, 1 lançada, 4 malhas pelo direito, 1 lançada e recommear. Quarta carreira: como a segunda. Quinta carreira: uma lançada, escorregar uma malha, fazer a seguinte pelo direito, passar a malha escorregada por cima, 2 malhas

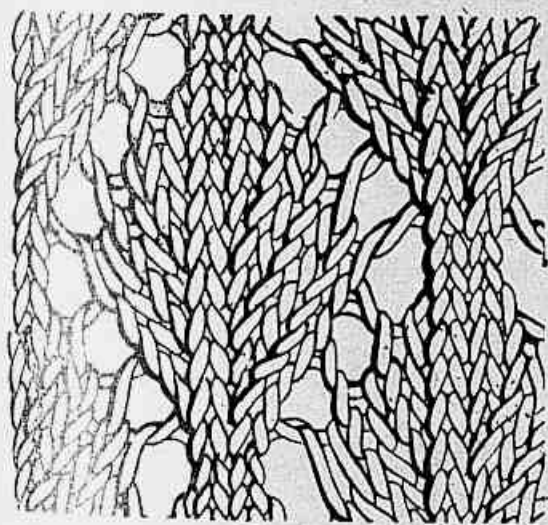


Fig. 1.

meios de intervalo. Quando a parte da frente tiver 18 centímetros de altura, fechar para a gola 1 vez 10 malhas e com uma carreira de intervalo 7 vezes duas malhas. Enviezar o ombro como nas costas. O segundo lado é feito da mesma maneira, mas juntando 24 malhas para o cruzamento e onde serão pregados os botões.

Manga: — Começa-se pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 54 malhas. Tricotar 6 carreiras no ponto de arroz. Depois trabalhar no ponto de jersey fazendo de cada lado 3 vezes 1 aumento com um centímetro e meio de intervalo.

Quando medir 7 centímetros de altura, fechar de cada lado sempre duas malhas até que restem apenas 14 malhas que são fechadas de uma só vez.

Gola: — Pôr na agulha de tricot 17 malhas com a linha branca. Tricotar em linha e com uma tira de 25 centímetros de comprimento, no ponto de jersey listado.

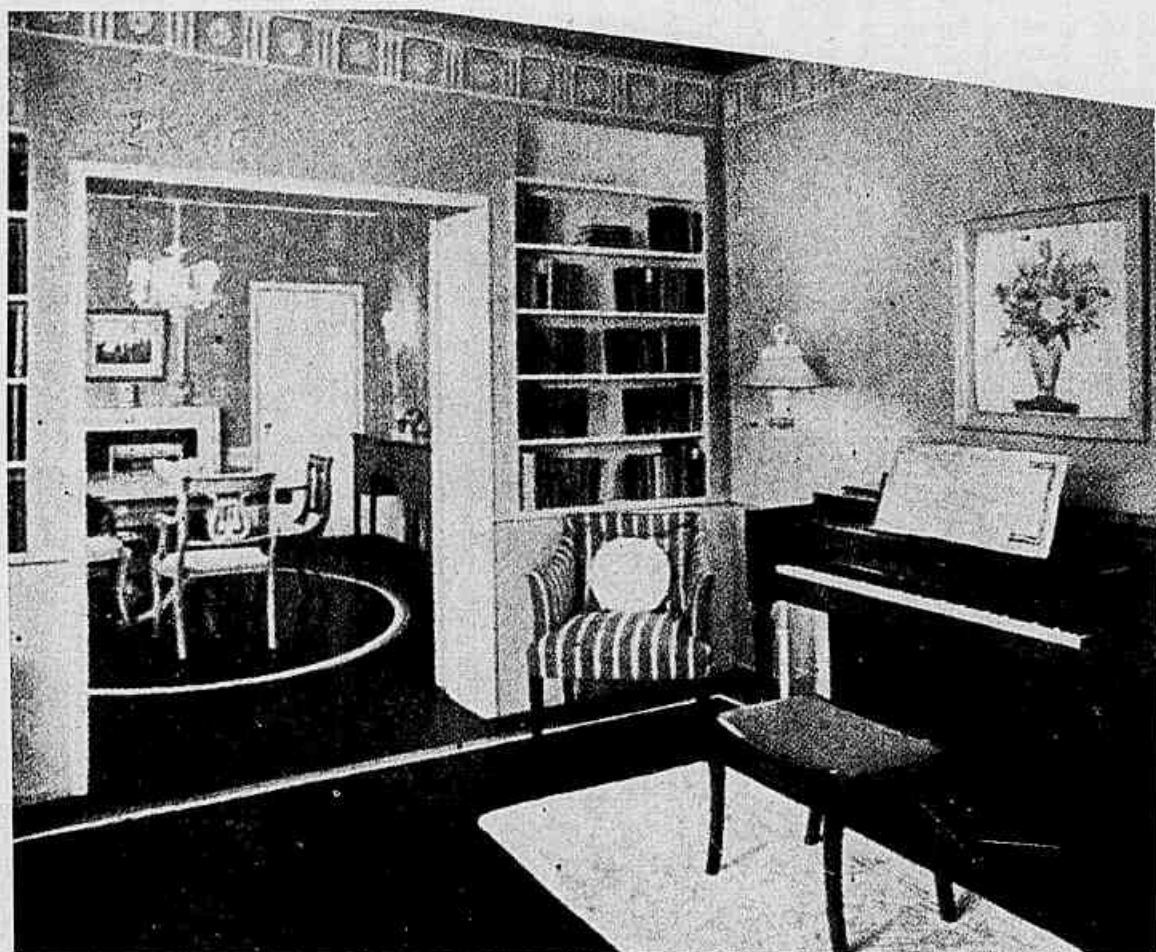
Na 2ª — O embabado da beirada da gola obtido desta maneira: na parte direita sobre o avesso do ponto; na seguinte carreira, fazer uma lançada entre cada dois 7 pontos da beirada. Na terceira carreira a lançada é escorregada fóra da agulha. Isto dará o movimento frizado da beirada. Fazer a mesma coisa nos pun-



1 — Manteau de lã azul claro, com duplo abotoamento e pespontos. 2 — Chapéu e manteau de kasha vermelho, guarnecidos com nervur's. 3 — Vestido de crepe azul marinho, guarnecido com crepe branco com listas multicores. 4 — Vestido de lã ou crepe branco com xadrez verde, enfeitado com fita verde. 5 — Vestidinho de flanela branca, com a pala e as mangas bordadas de seda. 6 — Casaco longo de lã mesclada, com bolsos aplicados e fecho éclair. 7 — Sobretudo para menino de lã diagonal bege. 8 — Vestido de lã ou crepe cor de vinho, gola e punhos de crepe branco. Enfeitado com galão de seda, e na cintura fita gros-grain do mesmo tom.

Ornamentação do Lar

As grossuras das paredes aproveitadas para estantes de livros



As paredes separadas pela porta grande que une uma sala com a outra, foram aproveitadas para formar estantes para livros.



Neste corredor, onde foi colocada uma mesa para trabalho, a parede onde está a porta foi toda aproveitada para colocar prateleiras de livros.

Conselhos práticos

Como limpar as passas de Corinto

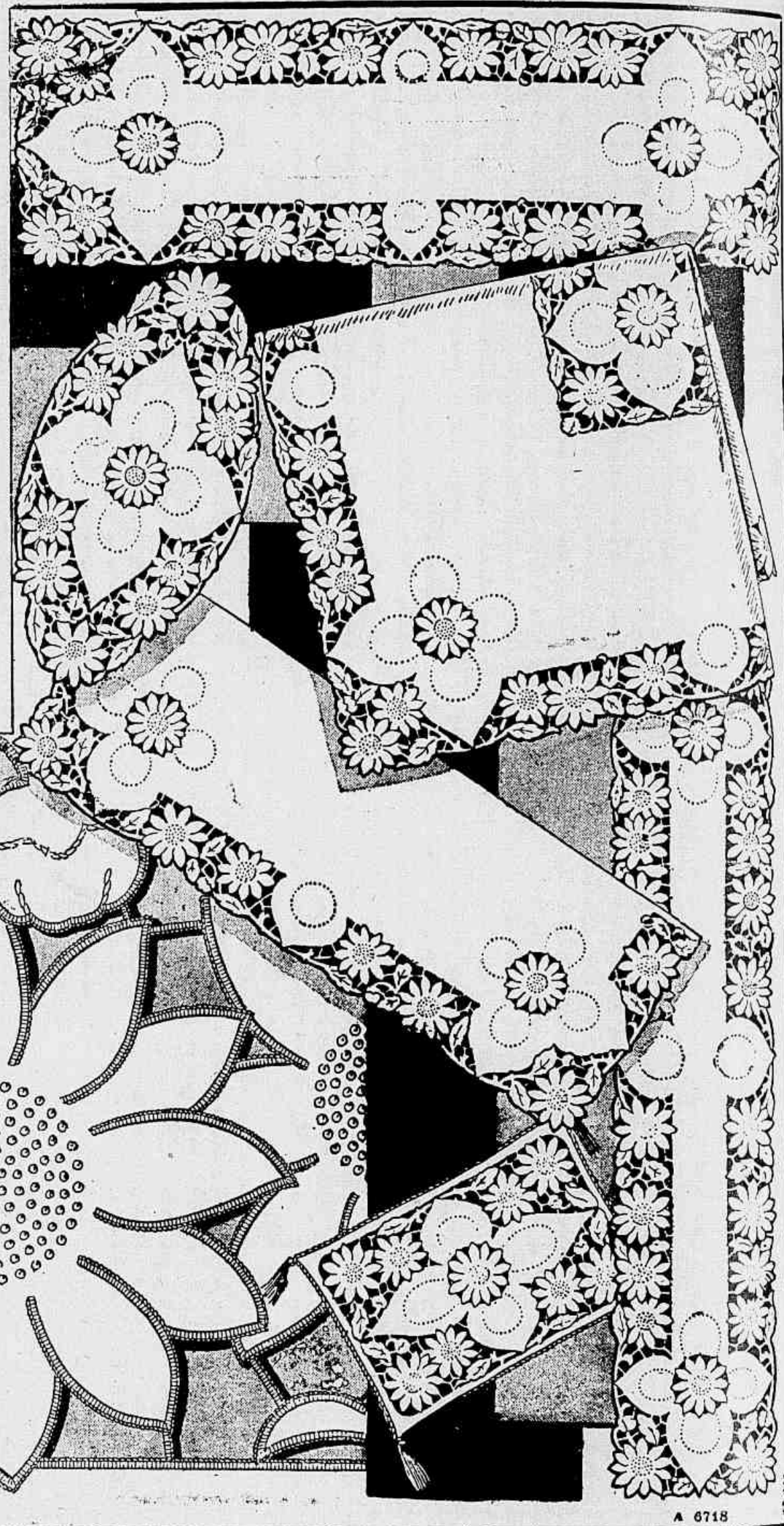
As passas pequenas são muitas vezes pegajosas e têm seguros os cabinhos; para isto basta pô-las dentro de um guar-

danapo, salpicar com farinha de trigo e esfrega-las um pouco dentro do pano, a farinha absorve a matéria pegajosa e separa os cabinhos. Depois agitar as

passas dentro de um coador ou de uma peneira grossa, para caírem os cabinhos e a farinha. Depois só se tem de pô-las de molho na água.

Simple e pratico, este processo é no entanto pouco conhecido. Em três minutos pôde-se limpar meio quilo de passas de Corinto.

Bordado Richelieu para guarnecer toalhas, centros de mesa, almofadas, etc.



Este bordado, muito decorativo, pôde ser feito com linha branca ou de côr sobre linho branco, assim como pode ser empregada a linha do mesmo colorido que o linho ou a linha branca sobre o tecido de côr. A linha ocre sobre o linho branco dá esplêndido resultado.

AGUA DE COLONIA

Byrlen

Em todas as perfumarias e casas elegantes

PEDIDOS PARA O LABORATORIO

Tel. 27.7324

DECORAÇÕES?

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

MATRIZ E ESCRITÓRIOS
65 - RUA DA CARIOCA - 67

E TAMBÉM NO ANEXO A JUNTO A
RUA 7 DE SETEMBRO, 82 AVENIDA

M E N U D E J A N T A R

MENU DE JANTAR

Sopa de arroz com leite de amendoas á Francesa — Pastelão de peixe á Dinamarquesa — Subriques de miolos á Italiana — Espinafres — Perú assado á Provençal — Salada de aipo — Creme de araruta á Arabe — Punch gelado á Inglesa

SOPA DE ARROZ COM LEITE DE AMENDOAS

Pelar um punhado de amendoas, socar e pôr dentro de meio litro de leite fervendo. Tampar a vasilha e deixar ao lado do fogo. Fazer um caldo de galinha ou aproveitar os miudos, peçoço e pés do Perú para fazer um bom caldo bem temperado. Juntar arroz e deixar cozinhar bem, coar em seguida passando o arroz pela peneira assim como o fígado, passar também pela peneira o leite e as amendoas socadas. Juntar depois uma colher de manteiga ou um quarto de copo de creme de leiteira. Servir com torradas fritas na manteiga. Póde-se fazer esta sopa sem caldo, sendo ele substituído por metade água, metade leite; juntar 3 ou 4 gemas de ovos.

PASTELÃO DE PEIXE

Separar a carne de um peixe de tamanho regular da espinha; cortar transversalmente em filets, tendo 2 a 3 centímetros de espessura, pôr esses filets dentro de uma vasilha; temperar com sal e temperos. Pôr para cozinhar 5 ovos, cortá-los em fatias, temperar com salsa picada e cobrir a vasilha.

Passar na peneira 400 grs. de sêmola grossa, juntar 2 gemas de ovos uma depois da outra, esfregando entre as mãos a farinha, espalhar em seguida num taboleiro, e fazer secar na estufa. Esfregar ainda quebrando o encaroçado, cozinhar em seguida na água temperada com sal, mantendo-a em consistência e seca. Picar bem algumas cebolas e salsa. Fazer refogar as cebolas com manteiga, juntar depois uma colher de farinha de trigo, molhar com meio copo de vinho branco, juntar meia folha de louro. Mexer o liquido, deixar cozinhar alguns minutos; depois juntar a salsa picada e os filets do peixe, tampar a panela, deixar dar uma fervura e retirar a panela para o lado do fogo, mantê-la assim uns cinco minutos. Deixar esfriar.

Prepara-se uma massa folheada com 600 grs. de farinha de trigo, 600 grs. de manteiga e a água necessária; abrir a massa 6 vezes, deixar descansar. Depois separar uma quarta parte da massa, abrir o resto com o rolo (feito quadrado alongado) dando de 30 a 35 centímetros de largura e o dobro pouco mais ou menos de comprimento. Colocar a massa sobre um taboleiro, umedecer em toda a volta, depois colocar no seu centro uma camada um pouco espessa da sêmola cozida, dando-lhe o feito de um quadrado alongado, porém mais estreito que a massa; sobre esta camada, arrumar os filets de peixe, misturando os temperos, as fatias de ovos duros, assim como duas dúzias de ostras escaldadas; cobrir por cima e dos lados com o resto da sêmola, dar o feito em relevo e bem regular. Levantar as pontas da massa sobre a parte superior do pastelão, para

cobri-lo, apoiando as partes da massa umas sobre as outras para grudar. Abrir com rolo o resto da massa, no mesmo feito quadrado alongado, colocar sobre o pastelão, de maneira a quasi o envolver, dourar a superfície com gemas batidas com um pouco de manteiga, fazer uma abertura no centro,

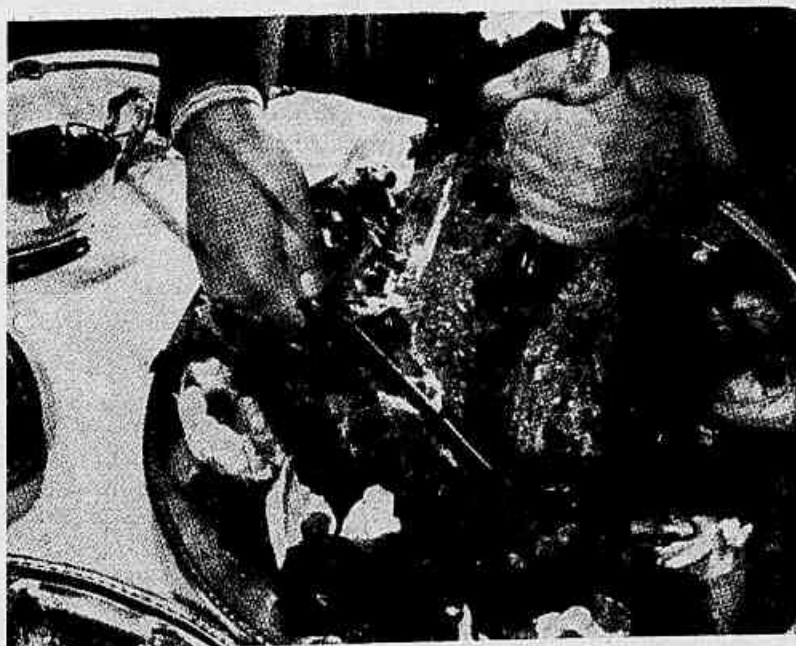
A regra de trincar um Perú



PRIMEIRO SEPARAR UMA DAS COXAS.



NUM OUTRO PRATO SEPARAR A PERNA DA COXA.



SEPARAR A AZA DO MESMO LADO QUE FOI SEPARADA A COXA.



CORTAR EM FATIAS TODA A CARNE DO PEITO DO LADO DE ONDE FORAM TIRADAS AS AZAS E A COXA.

depois com a ponta da faca riscar uns desenhos sobre essa superfície. Pôr o taboleiro em forno moderado. Quando a massa estiver seca, cobrir com papel e deixar assar o pastelão um quarto de hora pouco mais ou menos.

O molho — Com as cabeças e aparas do peixe fazer um caldo juntando vinho branco e temperos, coar o molho, engrossar com um pouco de maisena, manteiga e três gemas de ovos. Na hora de pôr na molheira juntar um pouco de salsa picada e umas gotas de caldo de limão. Póde-se juntar também algumas ostras cozidas e picadas (cozidas num copo de vinho branco).

SUBRIQUES DE MIOLOS

Retirar a pele sanguínea de dois miolos de vitela, pôr de molho na água durante meia hora, escorrer bem a água e cortar em quadradinhos; temperar com sal, pimenta e uma pitada de noz moscada, salpicar com um pouco de queijo parmesão ralado, juntar um ovo batido e misturar tudo. Despejar dentro de uma frigideira manteiga derretida; assim que estiver quente, tomar a mistura com uma colher, por pequenas partes, deixar cair na manteiga, separadas umas das outras para fritar, voltar para tostar do outro lado.

PERU ASSADO

Depois de ter estado bastante tempo no tempero, enxuga-se o Perú e recheia-se com a seguinte mistura: 200 grs. de carne de vitela, 200 grs. de toucinho e 150 grs. de presunto; pica-se tudo muito bem e junta-se um pouco de miolo de pão amolecido no caldo para fazer uma massa. Pôr para assar no forno envolvida em papel untado com manteiga. Depois retirar o papel para tomar cor regando com bastante manteiga.

Juntar caldo na frigideira para fazer um bom molho, coar e desengordurar.

SALADA DE AIPO

Cortar em tiras finas o branco de uns talos de aipo muito tenros, separar folhas de alface, cortar como se fosse couve á mineira, misturar com o aipo picado, temperar com sal, vinagre, azeite e um pouquinho de mostarda. Depois de tudo bem misturado, enfeitar por cima com talhadas de maçãs e gomos de laranja.

CREME DE ARARUTA A' ARABE

Passar na peneira algumas dúzias de tamaras depois de ter suprimido os caroços. Temperar com açúcar esta massa.

Fazer um creme com leite, um pouco de manteiga, duas gemas e a araruta necessária para ficar de boa consistência.

Arrumar numa travessa uma camada da massa das tamaras, cobrir com o creme e despejar por cima calda de açúcar queimada.

PUNCH GELADO A' INGLESIA

Preparam-se os punches gelados de vinho ou de licores, mas a base da mistura é de calda feita com suco de fruta com açúcar, tendo apenas 18 graus. O suco tanto póde ser de laranja como de limão, abacaxi ou morangos; quando já estiver gelado, juntar para cada litro de liquido 3 a 4 claras batidas (misturadas com calda quente para cozinhar) e frias, depois terminar incorporando pouco a pouco o vinho ou o licor escolhido.

Opera-se da seguinte maneira: fazer gelar a calda do suco das frutas numa sorveteira, trabalhando sem cessar; quando estiver em ponto, incorporar pouco a pouco o meringue; a mistura feita, juntar pouco a pouco, mexendo sempre, o vinho ou o licor escolhido, tanto quanto possa absorver sem perder sua qualidade cremosa; deixar descansar 25 minutos antes de servir em copos refrescados.



SEPARAR A AZA DO OUTRO LADO.



Para ele,
só dou
o melhor!

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



Ver seu bebê crescer forte e sadio? Inclua, diariamente, Quaker Oats, no seu alimentar. Quaker Oats desenvolve o osso e musculas — enriquece o sangue, o crescimento normal. Contém em abundância Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e cálcio. De gosto agradável, econômica e de preparo. Compre Quaker Oats e receberá integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Este peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

:: Vandalismo e fetichismo das multidões ::



O namorado não hesita em mutilar o tronco de uma bela árvore para ali deixar as suas iniciais entrelaçadas.

Ao lado: Uma árvore quando é escolhida por um namorado, muitos outros também a escavam para ali esculpir os seus nomes.



É uma mania a que leva muitas pessoas a arrancarem recordações ou a escreverem o seu nome em todos os lugares por onde passam. Quantas belas árvores nos parques não têm o seu tronco mutilado?

A multidão, quasi em toda a parte, é vândala por natureza. Desde que se a deixa sem vigilância e sem freio, destrói pelo prazer de destruir. Não são somente as crianças que ao passar por uma planta arrancam flores e folhas, são também os adultos. Não podem ver uma parede, um muro pintado de novo sem que imediatamente o riskem seja com que for, é preciso destruir, afejar o que está bonito e limpo.

Esta mania de obter um autografo ou uma recordação já impeliu muitas pessoas a fazerem papéis tristíssimos, há vista na estada aqui em nossa capital de alguns astros de Hollywood — nem a policia conseguiu livra-los das fans que arrancavam pedaços de suas vestes como recordações. Que degradante espetáculo! Mas, se desgraça alheia é consolo, creverei o que disse um jornalista francês a respeito do vandalismo e fetichismo das multidões na França e na Inglaterra. Não se referiu ele somente á multidão, cita também os turistas que estragam objetos de arte para provarem que o viram, já que trouxeram com eles um fragmento ou deixaram inscrito nele o seu nome e data.

"É bem conhecida a mania dos Ingleses de trazerem recordações das suas viagens, são citados alguns fatos tipicos do seu vandalismo. Este por exemplo:

Em 1818, o pintor inglês Stothard, no decorrer duma viagem na Normandia que fez com a sua esposa, obteve a autorização de estudar de perto a celebre tapeçaria de Bayeux, da qual reproduziu todas as partes em 17 telas, aliás admiravelmente reproduzidas. Pois a esposa de Stothard, orgulhosa sem duvida do trabalho do marido, quis ainda conservar uma recordação, e recortou numa das pontas um quadrado de oito centímetros quadrados pouco mais ou menos. Felizmente, o encarregado do museu de South-Kensington, que recebeu este fragmento por via de aquisição, teve o bom gosto de mandar entregar ao prefeito de Bayeux".

"Entre as pessoas que visitam nossos monumentos nacionais, existem felizmente, muitos que se portam como pessoas educadas, mas outras há — e infelizmente muito numerosas — que agem como larápios e vândalos. Alguns querem deixar vestígios da sua estadia: escrevem seu nome!... Escrevem também seus pensamentos — são em geral, uma boa prova do seu estado d'alme. Outros mais práticos, querem levar uma recordação da visita. Não hesitam em destruir, para satisfazer a sua mania. Quebram esculturas, tiram pedaços de tapetes. Alguns anos antes da guerra de 1914, foi preciso fechar ao publico a torre de Vincennes, aberta até então aos visitantes.

Estes tinham cometido as piores degradações, tendo chegado um até a disparar a fechadura duma porta para leva-la."

Esta mania da "recordação" escreveu também o tal jornalista francês, não é somente de nosso país — Os norte-americanos ainda a tem mais do que nós. Muitas pessoas ainda devem se lembrar dum terrível acidente de automovel, do qual foram vítimas numa estrada da França, um millionario norte-americano, muito conhecido em Nova York, Mr. Fair e sua esposa. Seu automovel tinha se espatifado contra uma árvore. Pois, durante meses, depois do acidente, todos os seus patricios que por ali passavam, paravam seu carro para tirar um pequeno fragmento da árvore fatal. A repetição do gesto absurdo e pueril não tardou a matar a árvore. Era apenas uma árvore... Mas, quantos monumentos respeitáveis, quantas obras de arte sofrem ainda todos os dias desta tãl mania!"

Mas entre os vandalismos deve também ser citado um que ficou celebre na França e na Inglaterra. Foi o que sofreu o aeroplano de Lindbergh na sua chegada á França e á Inglaterra. "É ainda peor que na França", disse Lindbergh vendo a multidão, no aerodromo de Croydon, precipitar-se sobre seu avião para arrancar "recordações".

As pessoas que arrancaram um pedaço da tela do "Spirit of Saint-Louis" não lucraram muito. Qualquer pessoa, pôde tão bem como elas, mostrar um pedaço de tela de avião e afirmar que foi tirada do aparelho de Lindbergh. O delas é autêntico, mas nada o prova. E além disso, que vergonha gabar-se de um ato cujo movel participa ao mesmo tempo do fetichismo e do vandalismo!

Mas que estes exemplos não sejam seguidos e não sirvam de desculpa para os nossos atos de vandalismo. Não deve haver indulgência para com todos esses vândalos mais ou menos inconscientes. Se não sabem que estão cometendo um delito devastando e destruindo a torto e a direito, que se lhes ensinem e castiguem.

Saude e beleza pelo exercicio

Os exercicios são excelentes, mas sobretudo quando são executados ao ar livre. Por esta razão fazer sempre que fôr possível a ginastica em frente a uma janela aberta.

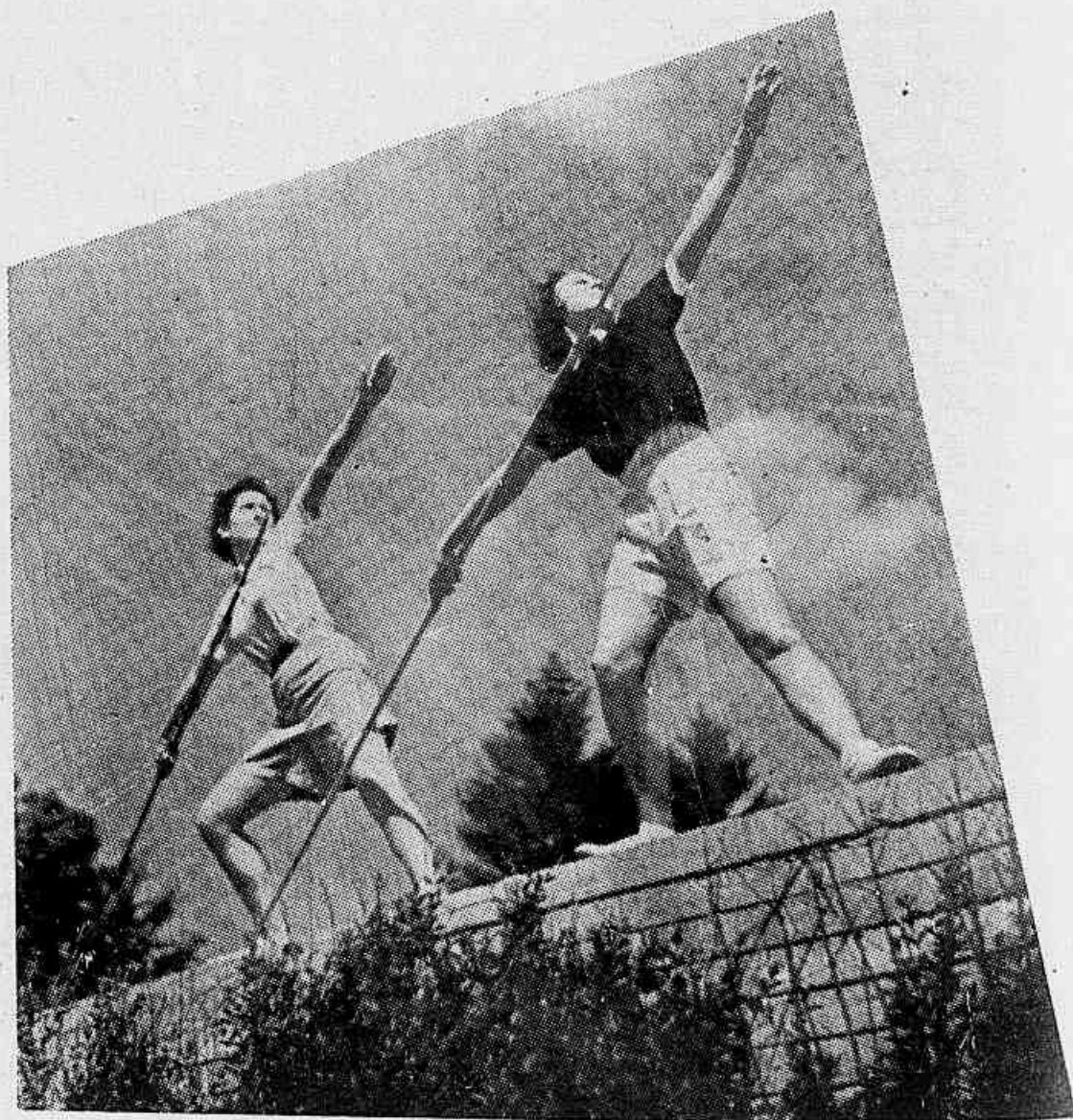
Não somente a ginastica produz no organismo uma atividade celular que faz a eliminação dos residuos, como ainda esta eliminação intensiva representa uma luta fecunda contra esta tara hereditária tão frequente, o artritismo.

Uma das formas uteis na ginastica é a competição, porque é preciso muita força de vontade para fazer diariamente sósinha os exercicios necessarios, sobretudo quando se trata de jentes jovens. Mas há um senão na competição, porque se estimula a fazer mais e melhor que os-companheiros pôde também prejudicar fazendo de mais e chegando a fadiga.

É preciso pois ter um limite que nunca deve ser ultrapassado. Porque o cansaço é um fenómeno patologico, uma doença. Uma doença que pôde ser mortal. Quem não se lembra, quando estudou na historia antiga o que aconteceu com o soldado de Marathona? Correu quarenta kilometros para anunciar uma vitoria aos Athenienses e cahiu morto ao acabar de dar a noticia. Morto porque? Morto de uremia aguda, simplesmente uremia por auto-intoxicação devido ao cansaço que acompanhou seu esforço nos ultimos kilometros.

Muitos são os jovens que não compreendem que é preciso muito treino. Porque o fto do treinamento é justamente recuar o limite do cansaço. Querendo passar este limite, prejudica a saúde. Os que querem fazer logo proezas, exigem do seu organismo o que ele ainda não pode dar. Daí tantas doenças depressivas causadas pela fadiga.

Parar logo que sentir cansaço é a grande lei de todo esporte para ser util. Cada vez que passa o que seu organismo é capaz de produzir, perde todo o beneficio de tudo que já fez. É por esta razão que os esportivos que não se poupam não chegam nunca a uma idade avançada. O cansaço é perigoso, não creiam naqueles que pregam a velha formula da "fadiga salutar". Ela nunca é salutar.



O lançamento do dardo é um esplendido exercicio, fazendo trabalhar todos os musculos do corpo.

As Modas de Londres

Original
STIEBEL

seda inglesa sugere infinitas aplicações

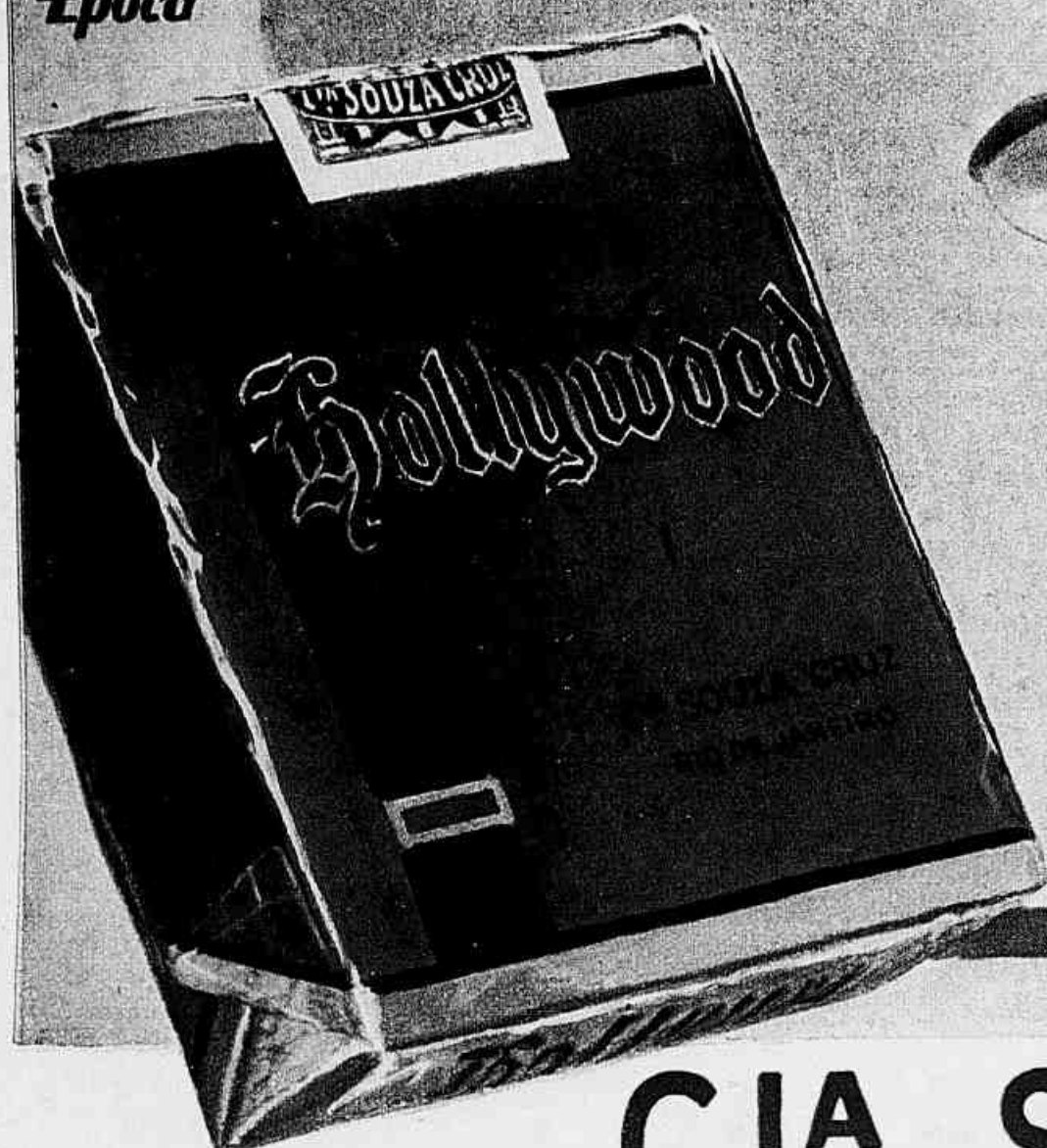
Modelo apresentado nas exposições da London Fashion Collection, no Rio e em São Paulo, ao lado dos de:

NORMAN HARTNELL
PETER RUSSELL
DIGBY MORTON
LACHASSE
MOLYNEUX
PAQUIN
WORTH
CREED

Stiebel, com a magia de seu talento, ofereceu este lindo vestido para a tarde em surah cinzenta, com pastilhas brancas e cintura em surah cerêja. Não lhe foram regateados aplausos, na Exposição de Modas Ingêlasas, realizada no Rio e em São Paulo. Foi um êxito que a maravilhosa seda britânica sugeriu. Os teáres da Grã Bretanha são um prodígio na criação de tecidos de todas as espécies. Lãs, algodão, rendas ou rayon de origem inglesa estão sempre à altura do apêlo e inspiração dos artistas, sugerindo infinitas idéias e aplicações.



Epoca



C^{IA} SOUZA CRUZ